

Semana

REVISTA DA

Juracy Magalhães
EXCLUSIVO

Nº 1 — 8 março 58 — Cr\$ 10,00



Os segredos
vão ver
com um
ôlho
eletrônico



LEONARDO
SOB O SIGNO
DE CLOUOT



ELA É
MULHER
MESMO

O CASO
NA P. 5

PROVAS
NA P. 10

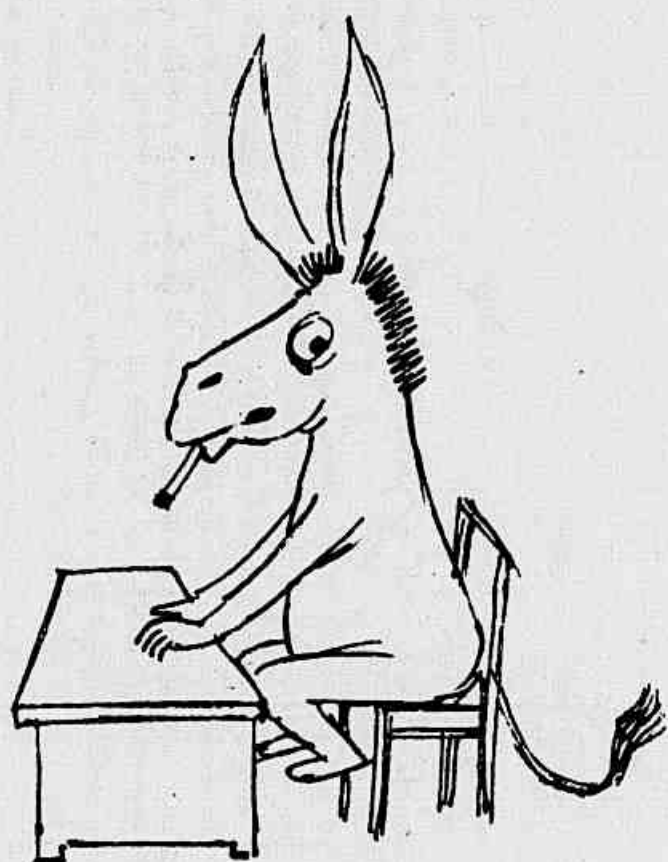


pat

PONTOS DE VISTA

O HOMEM

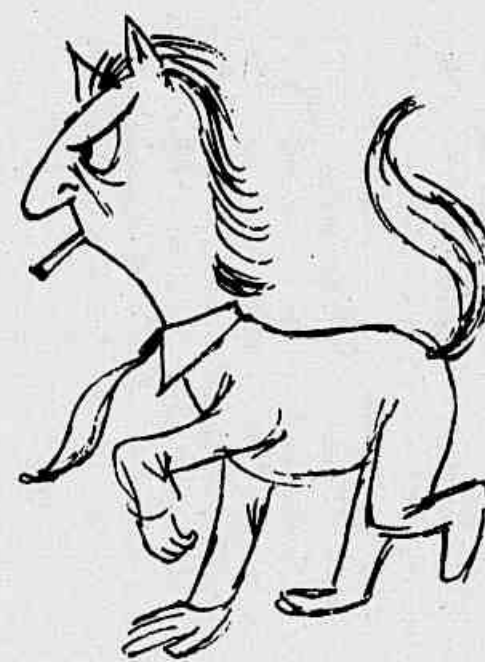
AMBROZIO



PELO CHEFE...



VISTO POR ELE PRÓPRIO...



PELOS AMIGOS...



PELAS MULHERES..



E PELA ESPOSA!

Veja na página 62
o novo Ambrozio

Semana

REVISTA DA

Ano 57, N.º 10, Rio, 8-3-1958

Diretor — **ALUIZIO ALVES**

Redator Chefe — **LUIZ LOBO**

Assistentes — **ORLANDO CARAMURU**
QUINTINO CARVALHO
Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**

Redatores — **MURILO MELO FILHO**
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIROS

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito, Antônio Melo. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Marius, Jaguar, Ambrozio, Rafael, Rai, Babinski. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES: Internacional** — Stefan Baciú. **Política** — Murilo Melo Filho. **Feminino** — Nazareth. **Esporte** — Arthur Paraíba. **Cinema** — Ely Azeredo. **Rádio & TV** — Ricardo Ramos. **Literatura** — José Roberto Teixeira Leite. **Artes Plásticas** — Maria Inês Duque Estrada. **Ciência** — Friedrich Hoe. **Psicologia** — Fernanda Barcelos. **Humor** — Luís de Azevedo. **Médico** — Sílvio Lima. **No Espaço** — Cônego O'Grady. **Teatro** — J. Fomm. **Sociedade** — Lady Maxwell. **Economia Doméstica** — Bernardino de Araújo. — **REVISTA DA SEMANA** — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Enderêco Telegráfico: **REVISTA**. Telefones: Direção — 22-4447. Redação — 22-9570. Publicidade — 22-2550. Portaria — 22-5602. Assinatura (anual) — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura para o Exterior — Cr\$ 900,00. — Número avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea, com acréscimo do porte.

Assistente de Direção — **FREDERICO CARVALHO**
Assistente de Publicidade — **J.M. COSTA JÚNIOR**

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA
Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**
Diretor-Comercial — **JOFFRE AMADO**

LEIA:

- INTERNACIONAL** 7 — Frondizi: vitória fácil mas governo difícil
- ESPECIAL** 10 — Essa não:
- LITERATURA** 18 — Os «amigos de Rubem Dario» prendem os poetas em jaulas
19 — Livros
44 — O Vagabundo e o Menino — novela de Léo Victor
- TESTES** 20 — Palavras Cruzadas
- NO ESPAÇO** 21 — Os discos voadores controlam um dos satélites da terra
- HUMOR** 24 — Mr. Abernathy
48 — Diálogo de Trifena e Cármide
- MEDICINA** 25 — Os cegos vão ver com o olho eletrônico
- RELIGIAO** 27 — Nossa Senhora de Lourdes
- NACIONAL** 34 — «Em 1960 a UDN vai p'ra cabeça»
- TEATRO** 43 — As nove notas não são daqui
49 — «O Santo e a Porca»
- MEMÓRIAS** 53 — «Me dê S. Paulo e fique com o resto»
- A CAPA** 56 — Elaine Stewart começa vida nova sob o signo de Cliquot
- SOCIAIS** 32 — Lady Maxwell
- POLITICA** 59 — Eleitorado dos grandes em quarto minguante
- CINEMA** 64 — Nada de orquídeas para Nylene Demongeot
- OPINIAO** 66 — Aluízio Alves

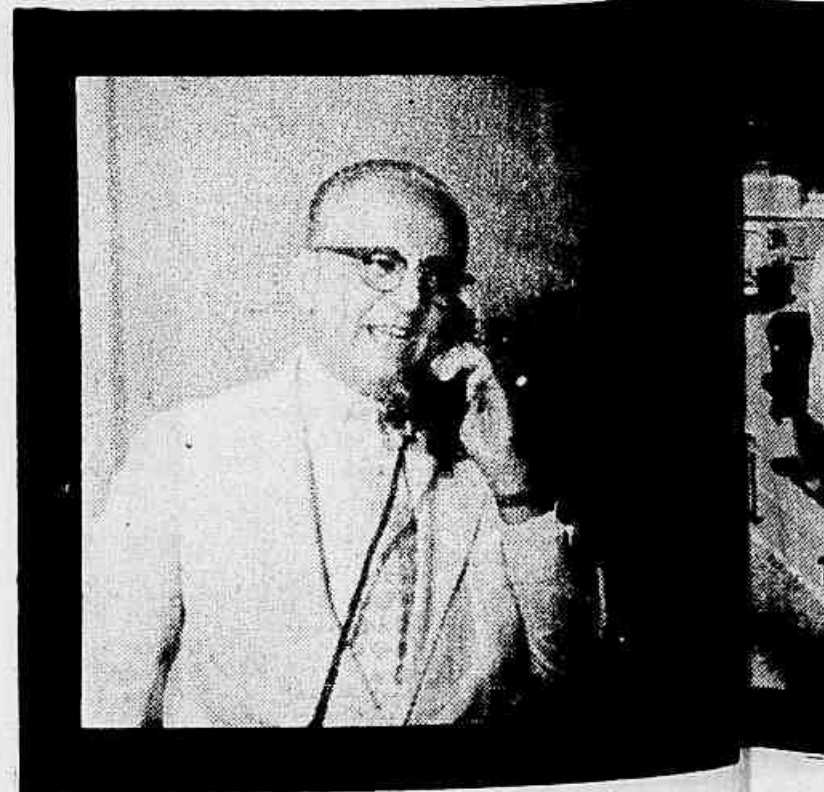




Foto "Revista da Semana".

CONTATO



Foto "Manchete"

○ telefone tocou na Redação:

— O senhor me desculpe, mas a REVISTA DA SEMANA publicou uma fotografia dizendo na legenda que "Valéria Amar brincou sôzinha, e não foi por falta de candidatos".

— Sim senhora. (R.S., Número Especial de Carnaval, p. 40).

— Mas a "Manchete" publicou uma fotografia da mesma moça dizendo que era um rapaz "que passou por baixo do arco-íris" e que estava no baile do Teatro João Caetano.

— É; isso acontece, às vezes.

— Mas o senhor podia dizer quem é que está enganado? É que eu apostei com uma amiga...

A resposta vai na página 10.

QUANDO chegou ao Congresso o projeto de aumento de vencimentos para os militares, em caráter de urgência, a UDN pediu urgência também para os projetos que determinavam novos níveis de salário mínimo para os trabalhadores e aumentavam e reclassificavam os funcionários públicos.

Chamaram os udenistas de demagogos.

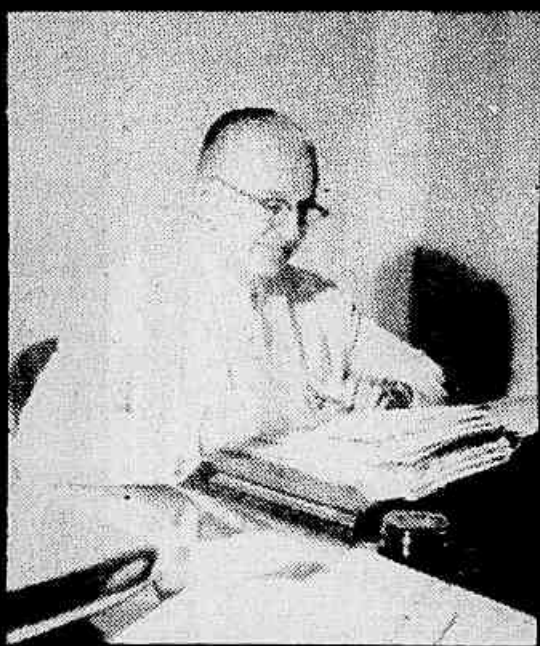
Um dos líderes situacionistas disse ainda mais: "a UDN parece uma velha de sessenta anos tentando dançar o 'rock-and-roll'..."

Depois, todos os partidos acompanharam a UDN (como não podiam deixar de fazer sem perder votos).

Agora o autor da frase disputou o apoio udenista e a UDN prometeu apoiá-lo.

Não faltou gente que viesse lembrar à UDN a frase e o seu autor. Mas a UDN não deu importância.

Isso é o realismo, que o senador Juraci Magalhães não quer que se escreva entre aspas. É sobre o realismo udenista que ele nos deu uma entrevista exclusiva.



APRENDA

A DANÇAR

CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX



em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro "Como Aprender a Dançar", já em 8.ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S.ª aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal 649 — São Paulo, Cr\$ 120,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo.

O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 h às 22 h à Avenida Liberdade, 120, 2.º andar — conj. 8 — São Paulo.

XAMBU

MA BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO



LEIAM

EU SEI TUDO

TODOS OS MESES

PREÇO: CR\$ 10,00

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON n.º 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON n.º 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de BEL-HORMON n.º
NOME
RUA N.º
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

Usando REGULADOR GESTEIRA



A Senhora também poderá **SORRIR**
todos os dias do mês!

REGULADOR GESTEIRA

é um remédio extraordinariamente eficaz no tratamento das menstruações dolorosas e outros distúrbios funcionais dos órgãos femininos.

CARTAS

PROTESTO

"Protesto contra a carta do padre Faria (R.S. n.º 8) que não gostou de que a revista publicasse fotos de mulher que julga indecentes. Ele não protestou contra outras revistas mensais que deram edições de Carnaval com fotografias de moças fantasiadas também e muito mais indecentes. A REVISTA DA SEMANA não pode ficar atrás das outras, não publicando fotos para não desagradar a gregos e troianos e, além disso, ela não é a revista religiosa "Estrela do Mar", do padre Faria".

Manoel França de Barros, DF

APLAUSOS

"... e aplaudo a ótima qualidade da REVISTA DA SEMANA; agradeço as fotos de Vikki Dougan e Brigitte Bardot e queria que a revista prestigiasse mais a qualidade de bonitas moças brasileiras, como Angelita Martinez, Wilza Carla, Joana D'Arc & Cia."

Antônio Carlos Ribeiro,
Belo Horizonte

§ Reportagens de Carnaval saíram. Lady Maxwell está providenciando a outra resposta.

Editor

CONFUSO

"Não entendi o anúncio que não existe publicado no número 7".

Maria Figueiredo, D.F.

GOSTOU

"Achei muito inteligente o anúncio que não existe do número 7. Creio que a R.V. está contribuindo de graça para as idéias das agências de propaganda".

Alcino Fontes, D.F.

PC

"Não é verdade o que disse a reportagem internacional da R.S. em seu número de 15 de fevereiro sobre a "Infiltração de Cima para Baixo". A situação é bem diferente".

Marino Mendes, São Paulo

INTERROGAÇÃO

"... e quem é Lady Maxwell?"

Márcio Silva, D.F.

"... será a sra. Danuza (Leão) Wainer?"

Miriam Gonzaga, Pôrto Alegre
"Acho que é Teresa Sousa Campos".

Lourdes Rezende, D.F.
§ É Lady Maxwell.

Editor

SUAVE

"Mamãe, eu sou modelo" é o modelo de reportagem sobre mulher quase que despidida".

Silvio Heroz, Vitoria

IMPRESSÃO

"Péssima a impressão da capa do número 6 da R.S."

Milton Garcia, D.F.

SURPRESA

"Fiquei surpreso com a má impressão da capa n.º 6 da R.S. Principalmente porque nesta nova fase, a revista vinha agradando em todos os sentidos".

Raul Sales, Maceió

DECEPÇÃO

"... e não gostei da capa n.º 6 da R.S. Muito desbotada..."

Ezequias da Silva, Manaus

PSICOLOGIA

"A sra. Fernanda Barcelos vem-se revelando perfeita psicóloga e aborda temas de interesse coletivo e atual".

Heloísa Geise Sousa, D.F.

PORTUGUÊS

"Por que "fazeremos" ao invés de "faremos" na reportagem sobre o CPOR?"

Aristides Queiroz, D.F.

§ Porque qualquer das duas formas é português correto.

Editor

DUVIDA

"Não creio que uma reportagem sobre assuntos militares e sérios mereça o acompanhamento de uma moça despida, de costas e de teatro de revista ainda por cima".

Alcino Fábio, D.F.

HUMOR

"Mr. Abernathy continua agradando. Humorismo saído".

Olga Santiago, Recife

ELOGIOS

"A equipe de ilustradores da R.S. é uma das melhores da imprensa brasileira. Prefiro Jaguar".

Murilo Gonçalves, S. Paulo

FRONDIZI: VITÓRIA FÁCIL MAS GOVÊRNO DIFÍCIL



REVISTA DA
Semana
INTERNACIONAL

ARTURO FRONDIZI, jovem advogado argentino, político radical da ala "intransigente", foi eleito em 23 de fevereiro, por mais de quatro milhões de cidadãos, presidente da república, após três décadas de política de "homens fortes" e ditaduras disfarçadas por diversos lemas. Esta votação maciça representa, sem dúvida, uma vitória esmagadora sobre o candidato Ricardo Balbín, radical "do povo", discretamente apoiado pelo governo Rojas-Aramburu, e que em todas as previsões eleitorais colocava-se entre os mais fortes candidatos.

Se, porém, a eleição de Frondizi foi uma vitória, ela não deixa de ser tam-

bém um evidente perigo, não somente pelas pesadas responsabilidades que, nas atuais circunstâncias, cargo como este reúne, mas também devido à coligação eleitoral tão heterogênea, que o levou à vitória.

De fato, poderíamos dizer que Frondizi transigiu bastante, ao conseguir formar uma ampla frente eleitoral em torno de seu nome, composta, além da fração radical, de católicos de extrema-direita, de tendências fascizantes, dirigidos pelo ex-chanceler Mario Amadeu, de comunistas ortodoxos liderados pelo stalinista Rodolfo Ghioldi, e de partidários do ex-ditador Perón, que, na última hora, rece-

beram ordem de São Domingos, onde se encontra refugiado o caudilho argentino, de votar em Frondizi, apesar da inimizade existente entre este e o chefe justicialista, que durante mais de dois lustres perseguiu o agora eleito presidente da República.

FRENTE PERONISTA ROMPIDA

Ao comentar, antes de sua realização, o pleito dávamos grandes chances ao candidato peronista ortodoxo Alejandro Le-loir, último presidente do Partido Peronista, conhecido dirigente sindical, que, ao apresentar-se às urnas como herdeiro

Primeiro problema de Frondizi: pagar os votos dos

de Perón, tinha mais forte vantagem: aquela de ter saído, em vésperas do Natal passado, dos cárceres em que passara bastante tempo, exatamente por ser peronista.

Leloir parecia naquela altura um dos mais cotados candidatos, pois ameaçava reunir, além de dois milhões de votos peronistas (brancos) expressos na eleição da constituinte, grande número de votos comunistas e flutuantes. Somando tudo isto, o resultado aproximava-se da casa dos três milhões, o que teria sido bastante para eleger um presidente, sobretudo se pensarmos que os dois mais perigosos candidatos, Frondizi e Balbin, contavam, como apoio maciço, apenas com a votação radical (aproximadamente 1,6 milhões para cada um) além dos votos de eleitores de certos partidos pequenos.

Pouco antes do pleito, como costuma acontecer nestas ocasiões, verificou-se nas hostes peronistas mudança espetacular: o ex-ditador ordenou aos seus partidários, por intermédio do "comando peronista", de votar no candidato anti-comunista (contra Aramburu-Rojas), Arturo Frondizi, para pôr fim à política interna e externa do governo provisório. Ao mesmo tempo, registravam-se sérias divergências entre Leloir e o ex-chanceler peronista Atilio Bramuglia: Leloir dava ordem aos seus partidários, os mais radicais dos peronistas, de votar novamente em branco, enquanto Bramuglia apresentava-se como candidato da chamada União Popular.

Naturalmente, toda esta divisão favoreceu Frondizi, político antiperonista, que, por um milagre, transformava-se em herdeiro da votação peronista. Simultaneamente, o candidato comunista, Rodolfo Ghioldi, retirava sua candidatura, recomendando a seus partidários (mais ou menos um quarto de milhão) de votar no candidato radical-intransigente, por

ser este o mais "progressista". E como se isto não bastasse, vários partidos pequenos juntaram-se à ampla coligação, transformando Frondizi em quase-vencedor.

Desta maneira, Leloir saía completamente do páreo, e Balbin ficava o concorrente mais sério, sem que tivesse tão amplas possibilidades como seu ex-companheiro de partido, já que os democratas-cristãos e os socialistas, que poderiam prestigiar seu nome, não renunciaram a seus candidatos, Lucas Ayrragaray e Alfredo Palácios. Esta divisão nas hostes que mais próximas estavam à política do governo Aramburu significou a derrota de Balbin, que se viu reduzido ao eleitorado de seu próprio partido, incapaz de eleger um presidente, e ainda em condições tão dramáticas.

Entre Balbin e Frondizi há mais diferenças táticas do que profundas separações doutrinaárias: os dois pertencem ao mesmo partido, que, embora chamado de "radical", é tradicionalmente conservador, espécie de UDN que Frondizi rompeu, para adaptar sua ala a um nacionalismo em voga, e que, com segurança, ia trazer-lhe maciça votação. De fato, o nacionalismo do candidato "intransigente", e sobretudo sua posição frente ao problema petrolífero e dos grandes trusts, trouxe-lhe quase dois milhões de votos: os peronistas e os comunistas, que neste assunto se entendem muito bem.

COMO SE VOTOU

As cifras da apuração provisória (como de costume, a apuração oficial vai demorar bastante tempo) mostram que um total de 4 191 737 cidadãos votaram por Frondizi, enquanto apenas 2 585 619 foram a favor de Balbin. Os "brancos" não chegaram nem a um milhão, o que indica que o povo obedeceu a Perón, sem ouvir os apelos de Leloir e as promessas de Bramuglia.

Cabe ainda assinalar que, embora todos os pequenos partidos democráticos recebessem ordem de votar em Balbin na última hora, o resultado não foi alterado por esta votação, pois a atomização dos partidos políticos favorece os movimentos populares mais dinâmicos.

Dizem os partidários de Frondizi que este podia ser eleito sem os votos peronistas e comunistas, e para isto procederam a uma análise que não parece errada. Alegam os partidários do futuro presidente que os votos comuno-peronistas transformaram somente uma "vitória de justiça" em verdadeira "avalanche eleitoral", sem constituir condição indispensável para a vitória.

Os resultados comparados das eleições constituintes (em julho último) e das eleições presidenciais de 23 de fevereiro, levam à conclusão de que o triunfo de

Frondizi deve-se ao desvio de votos dos eleitores "moderados", com os quais Balbin contava para ganhar a eleição; por mais uma vez, como já tantas aconteceu em ocasiões similares, o chamado eleitorado flutuante deu a vitória, no último minuto, ao candidato mais popular, ou melhor, mais populista. Essa análise leva às seguintes conclusões:

1. Frondizi obteve cerca de 62% dos votos peronistas, que se manifestaram pelo voto em branco, em julho último. A votação em branco se transformou, com efeito, de 2 100 000 em 700 mil no domingo passado, enquanto pouco mais de cem mil votos foram conquistados por Atilio Bramuglia.

2. A margem dos votos de Frondizi ultrapassou amplamente o total dos votos de peronistas e comunistas: segundo cálculos dos mais objetivos, Frondizi tem mais de quatro milhões de votos, ou seja uma diferença de mais de 2 200 000 sobre as eleições anteriores. Ora, segundo os algarismos mencionados, os peronistas lhe concederam somente 1 283 000 votos, os quais, acrescentando-se os votos comunistas (228 000) fazem um total de 1 516 000 votos, supondo que todos os comunistas tenham votado em Frondizi. Restam, portanto, 737 000 votos que somente podem provir dos eleitores dos partidos pequenos, dos quais 159 000 da "União Federal", partido de extrema-direita nacionalista, que, sem incomodar-se com a companhia dos comunistas, colocou-se decididamente ao lado de Frondizi.

GOVERNO PERIGOSO

A posse de Arturo Frondizi, em primeiro de maio próximo, está praticamente garantida: tanto Aramburu como Rojas fizeram declarações salientando que o Exército dará posse ao candidato eleito e, para selar estas promessas, o presidente provisório convidou para um jantar, em sua casa de Olivos, o candidato vencedor. Mais ainda: Aramburu e Rojas, que tiveram que enfrentar um dos mais difíceis períodos da história política e social da Argentina, fazem questão de honra de terminar democraticamente esta fase, dando posse a Frondizi, que conta com certas animosidades nos círculos militares, por causa da sua posição quanto ao peronismo.

Existe atualmente uma corrente liderada pelo general Landauru, que, conforme se afirma nos bastidores, não estaria disposta a entregar o poder a Frondizi, por se mostrar descontente com a atitude que o presidente eleito adotou para o problema peronista. Estes oficiais não conseguirão, porém, impor seu ponto de vista, e, assim Frondizi será empossado como presidente democraticamente eleito pelo povo, em eleições tão limpas e honestas, que até agora não se fez ouvir nenhum protesto, coisa que só-

O voto do inimigo n. 1 do peronismo: Rojas



comunistas e peronistas



Aramburu cumpriu a promessa de realizar eleições livres e foi aplaudido por isso.

mente acontece na Suíça e nos países escandinavos.

Uma vez Frondizi empossado, terá que enfrentar sérios problemas, cuja solução é das mais difíceis. Primeiro, terá que enfrentar o problema peronista, pois durante a campanha eleitoral declarou repetidamente que decretará uma anistia ampla, e que, em consequência, poderão regressar todos aqueles que não se encontram envolvidos em processos. Transformando o problema peronista em caso de justiça, o antiperonista Frondizi exibiu, sem querer, uma corrente política e sindical que, caso não lhe convenha a solução que o novo presidente adotará, se transformará em seu maior inimigo, recomeçando a onda de agitação e sabotagem, que tanto prejudicou o governo provisório.

Quanto à situação de Perón, Frondizi acentuou que este poderá voltar, se a justiça permitir, mas neste ponto já intervêm fatores alheios, pois será difícil imaginar que o Exército permita o regresso do ex-ditador, hoje expulso das fileiras. De uma ou de outra maneira, Perón será uma pedra no caminho do governo Frondizi.

Outro delicado problema serão os comunistas que, por enquanto, mostram-se entusiastas partidários do novo presidente, apontando-o como o homem mais indicado para ocupar a primeira magistratura. Para contentar no futuro o PC, Frondizi terá que adotar uma medida espetacular, que agrada aos comunistas, como, por exemplo, o início das relações comerciais com a China Comunista, assunto que transformaria a Argentina em ponta-de-lança para a infiltração maoísta no Continente. Convém acrescentar que Frondizi se pronunciou várias vezes

a favor de relações com a China, acenando, porém, que, por enquanto as relações seriam puramente comerciais. Trata-se, sem dúvida, de problema de caráter continental, e uma decisão de Frondizi será faca de dois gumes: se não iniciar relações com Pequim, tornar-se-á inimigo dos comunistas que lhe deram seu voto: se realizar trocas com a China, abrirá uma porta para que outros países do Continente sigam o exemplo.

Dois problemas fundamentais, que dão muita dor de cabeça ao novo presidente, são o do petróleo e o dos trusts internacionais.

Para o primeiro, Frondizi preconiza uma solução nacional, reduzindo ao máximo a intervenção do capital estrangeiro, dando, desta maneira, possibilidade ao desenvolvimento de uma indústria livre de toda pressão estranha, e favorecendo os capitais nacionais e a indústria estatal. Ninguém deverá imaginar que problema tão grave e complexo como este será facilmente resolvido, pois grandes interesses encontram-se em jogo de um lado e do outro: o petróleo também, como as relações com a China, poderá estragar as relações atualmente existentes entre o líder radical-intransigente e os comunistas.

Inútil recordar que em todos estes problemas poderão intervir os sindicatos, levantando uma série de reivindicações, que, se não forem atendidas, terão como consequência uma série de movimentos paredistas, que complicarão ainda mais a já bastante complicada vida do regime. Convém, porém, acrescentar, que para enfrentar todos estes problemas, iniciando um árduo trabalho, Arturo Frondizi possui grandes qualidades: cultura invulgar, capacidade de trabalho, uma

boa equipe de colaboradores, maioria na Câmara, unanimidade no Senado, amplos conhecimentos no domínio da política, da sociologia, do direito e da economia.

Além disto, ele deverá empreender, dentro de breve, uma viagem extra-oficial de documentação e informação em vários países do Continente, viagem proposta pelo presidente Pedro E. Aramburu, idêntica àquela recentemente realizada pelo presidente eleito da Guatemala, general Miguel Ydigoras Fuentes. Desta maneira, Frondizi entrará na Casa Rosada possuindo, de antemão, uma visão completa da política continental, tão útil para empreender trabalho sério e construtivo.

PROVÁVEIS COLABORADORES

"La Razón", que, ao lado de "La Prensa", é um dos mais bem informados jornais da Argentina, acaba de apresentar uma lista de prováveis colaboradores de Frondizi, que não deixa de ser interessante, pois indica a qualidade da equipe de auxiliares do futuro presidente da Argentina. Não se trata, naturalmente, da lista do novo governo, em que Frondizi não teve ainda tempo de pensar, mas de algo como uma conjectura sobre a possível composição do primeiro gabinete radical-intransigente.

O provável chanceler seria o atual embaixador em Moscou, Donato del Carril; o ministro do Interior seria o advogado Alfredo Vito, de Mendoza, importante centro do radicalismo frondizista. Enquanto isto, o destacado político radical Hector Noblia — de Buenos Aires — conhecido por sua posição antiperonista, seria o ministro da Saúde Pública. Para as outras pastas, citam-se os seguintes nomes: Luís Mackay, ministro da Agricultura e da Pecuária, pasta importante, pois o problema da carne é um dos pontos mais importantes do programa econômico do novo governo; para a pasta do Trabalho, seria indicado um operário ou um líder sindical, sendo muito citados os nomes de Alberto Lema, do Sindicato dos Operários de Luz e Energia Elétrica, e Valentin Suárez, dinâmico elemento sindicalista, cujo nome se destacou, nestes últimos anos, durante os movimentos grevistas.

Para a pasta da Defesa está sendo citado o general Benjamin Rattenbach, que goza de grande estima em todos os círculos militares, e que poderia ser o titular da nova pasta, já que os ministérios do Exército, da Aeronáutica e da Marinha deverão, provavelmente, ser unidos num só ministério. Este problema também faz parte dos assuntos delicados que Frondizi terá que enfrentar, e sua decisão deverá ser altamente diplomática, para não criar um estado de espírito que poderá ter imprevisíveis consequências.



ESSA NÃO!

ELA NUNCA
PODERIA
SER ELE



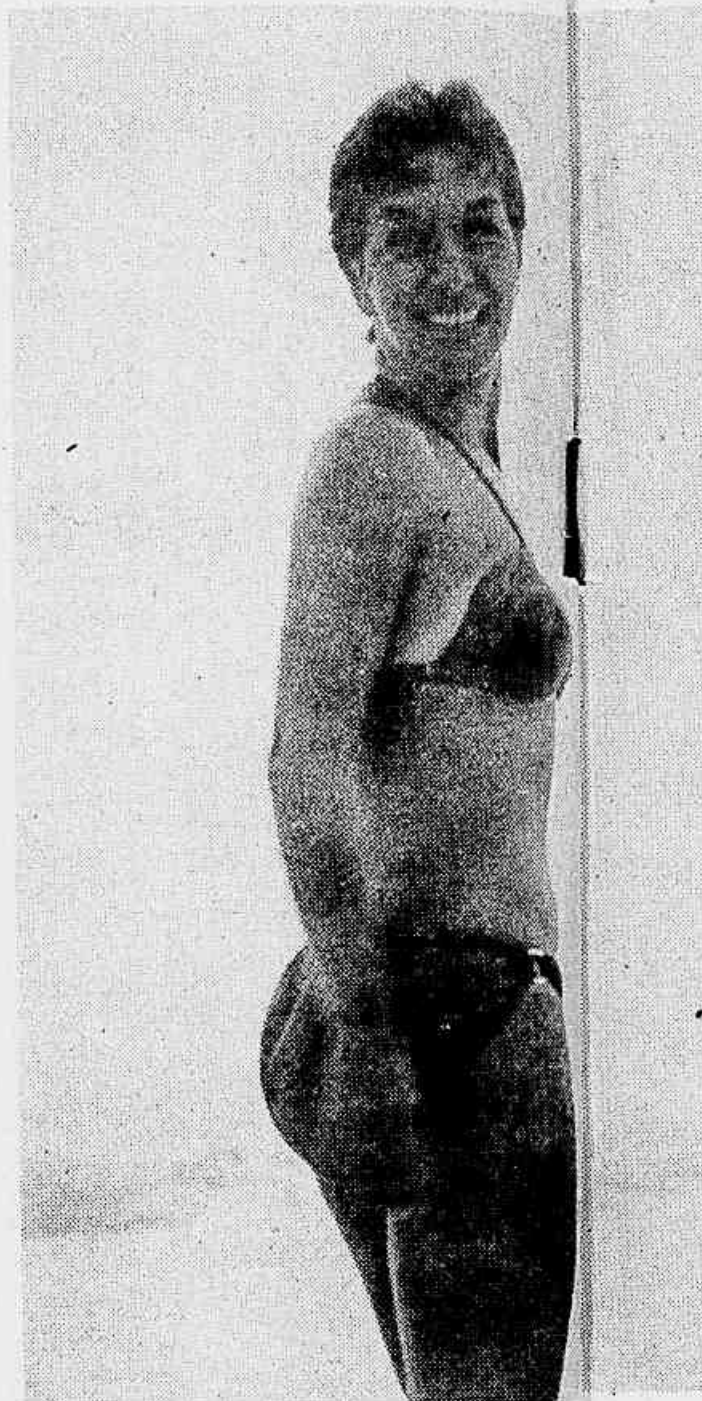
ESPECIAL



Não existe o crime perfeito; a mulher existe

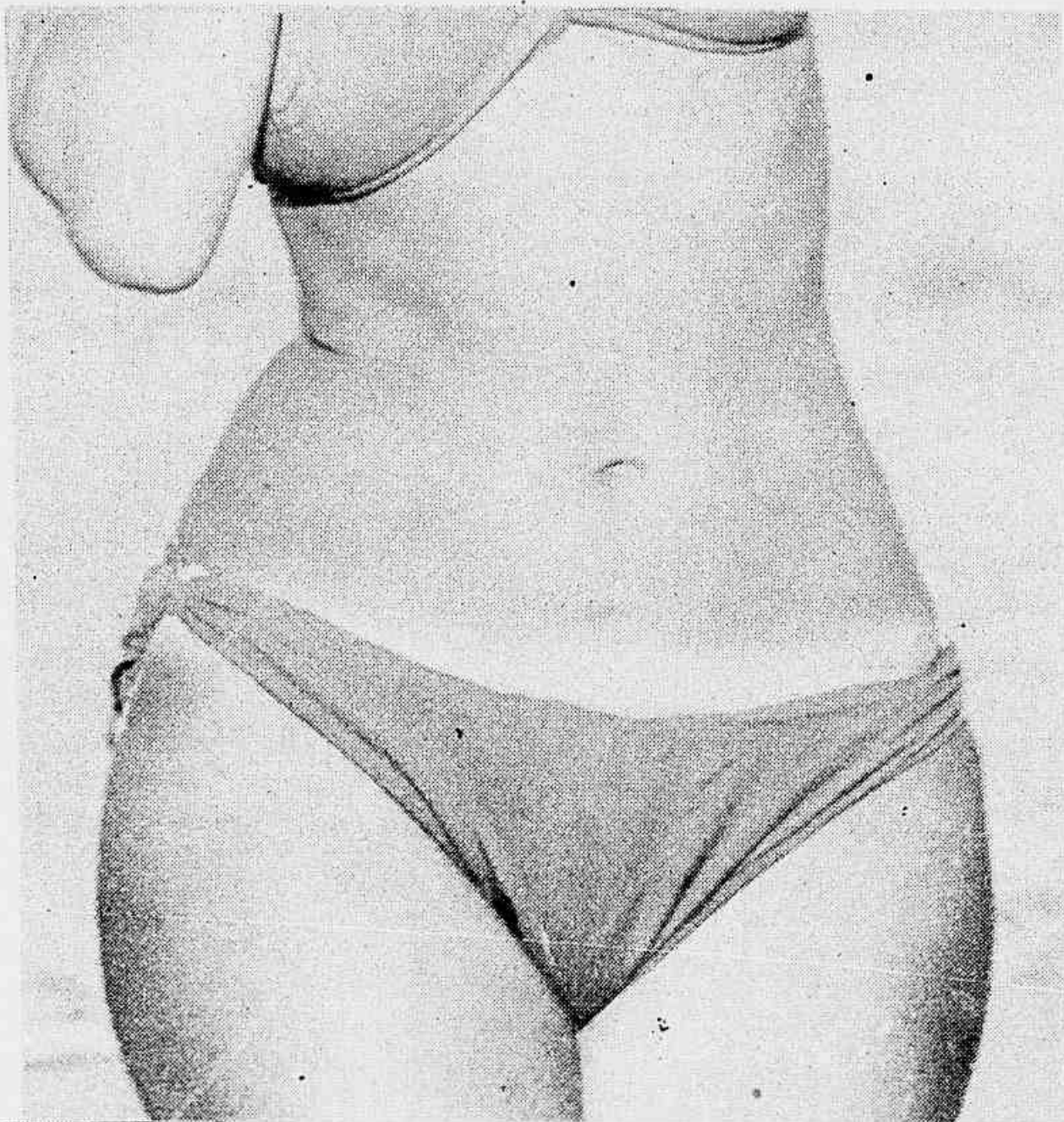


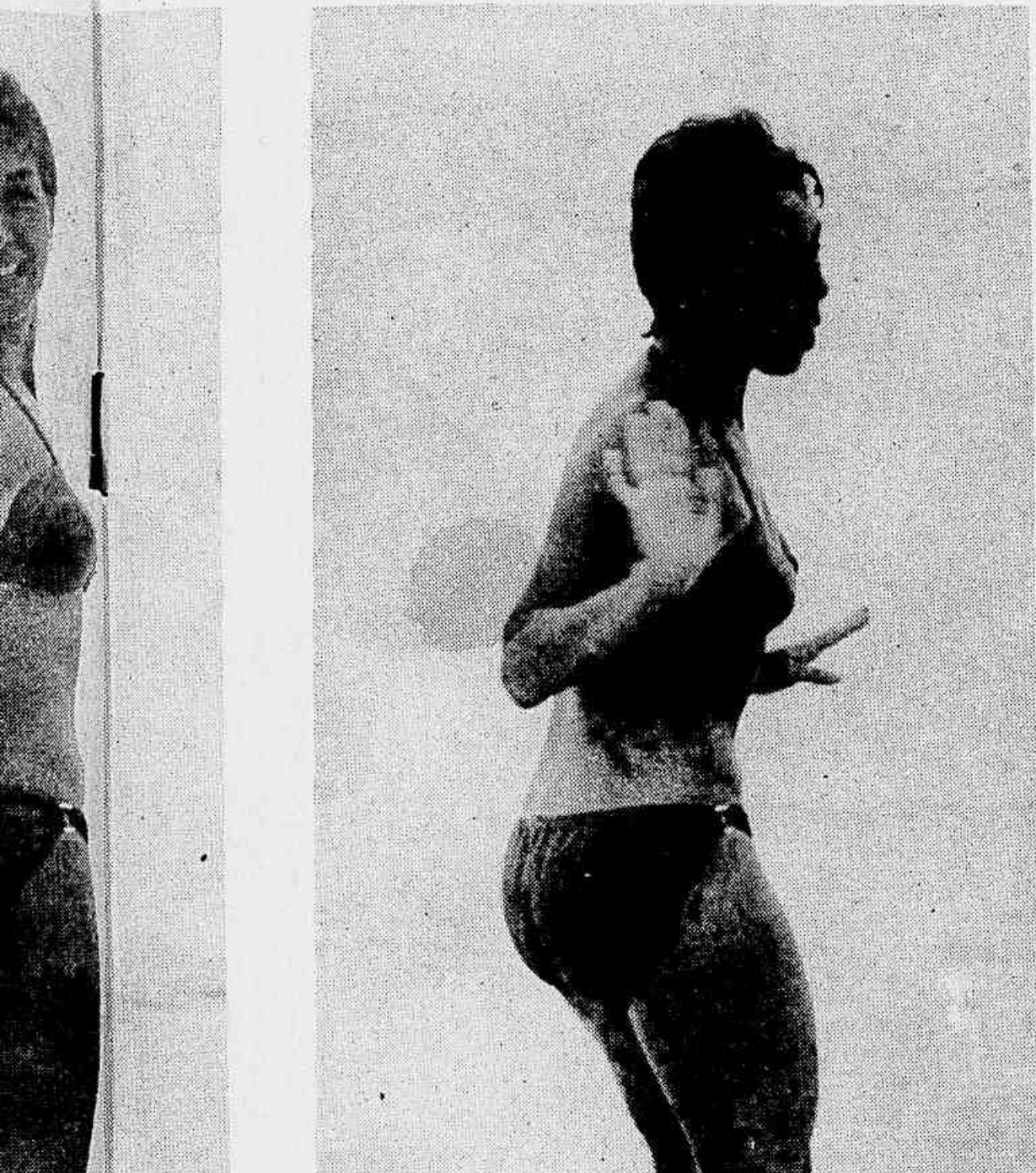
Prova número dois



4-A

Prova número três





Prova número quatro



Prova número cinco



O chamado corpo de delito

SEGUNDO O NOSSO Departamento Especializado, 90 centímetros de busto, 67 de cintura e 106 de quadris são referências que só as mulheres podem apresentar — pelo menos até hoje.

No laudo pericial que encerrou nossas investigações o chefe do D.E. salienta :

“Não há mesmo, em nossos arquivos ou em qualquer tratado conhecido, qualquer homem que possa se orgulhar de ter medidas como essas ou, pelo menos, aproximadas”. (Fôlhas 16).

“... e, além do mais, tais medidas, por si só, revelam a mulher. Um homem travestido não teria o equilíbrio suficiente para determinar medidas tão dentro da equação harmônica do dr. Stanislaw Ponte Preta”. (Fôlhas 22).

“Saliente-se ainda o fato de que, mesmo com uma falsificação da primeira medida, o exame a olho nu do



material contido entre a segunda e a terceira medida (inclusive) revelaria, sem possibilidade de enganos, que se tratava de uma mulher — e das melhores — mesmo que este exame fôsse superficial e à distância". (Fô-lhas 28).

"É preciso não esquecer que até um prolongado tratamento à base de hormônios podia ter acontecido. Mas, segundo acreditamos, se ao paciente houvesse sido aplicado hormônios em quantidades nunca dantes tentadas, ainda assim, determinadas quantidades (vide detalhes da Prova Número Um) nunca poderiam ser alcançadas a não ser naturalmente". (Fô-lhas 41).

"Podemos afirmar que o exame do corpo de delito (1 metro e 68 de altura, 60 quilos de peso, 90 centímetros de busto, 67 de cintura, 106 de quadris, 63 de coxa e 23 de tornozelos) revelou, sem a menor sombra de dúvidas, que tais medidas são autênticas e que a paciente não corre o menor perigo de virar notícia de jornal pelo fato de vir a mudar de sexo". (Fô-lhas 62).

Junto ao processo (que divulgamos em primeira mão, num evidente esforço de reportagem) estão também os resultados colhidos pelos nossos Investigadores de Assuntos Especiais. Os mais importantes:

As medidas correspondem à ficha antropométrica que no nosso Departamento Especializado correspondem a Valéria Amar

vedeta

nascida em 1930, 33 ou 35

solteira

não confundir com Leonora Amar (ficha 1 069, seção México)

telefone: os interessados devem se dirigir ao Departamento Especializado da REVISTA DA SEMANA, por carta

residência: Copacabana

onde pode ser encontrada: tomando banho de mar no Arpoador

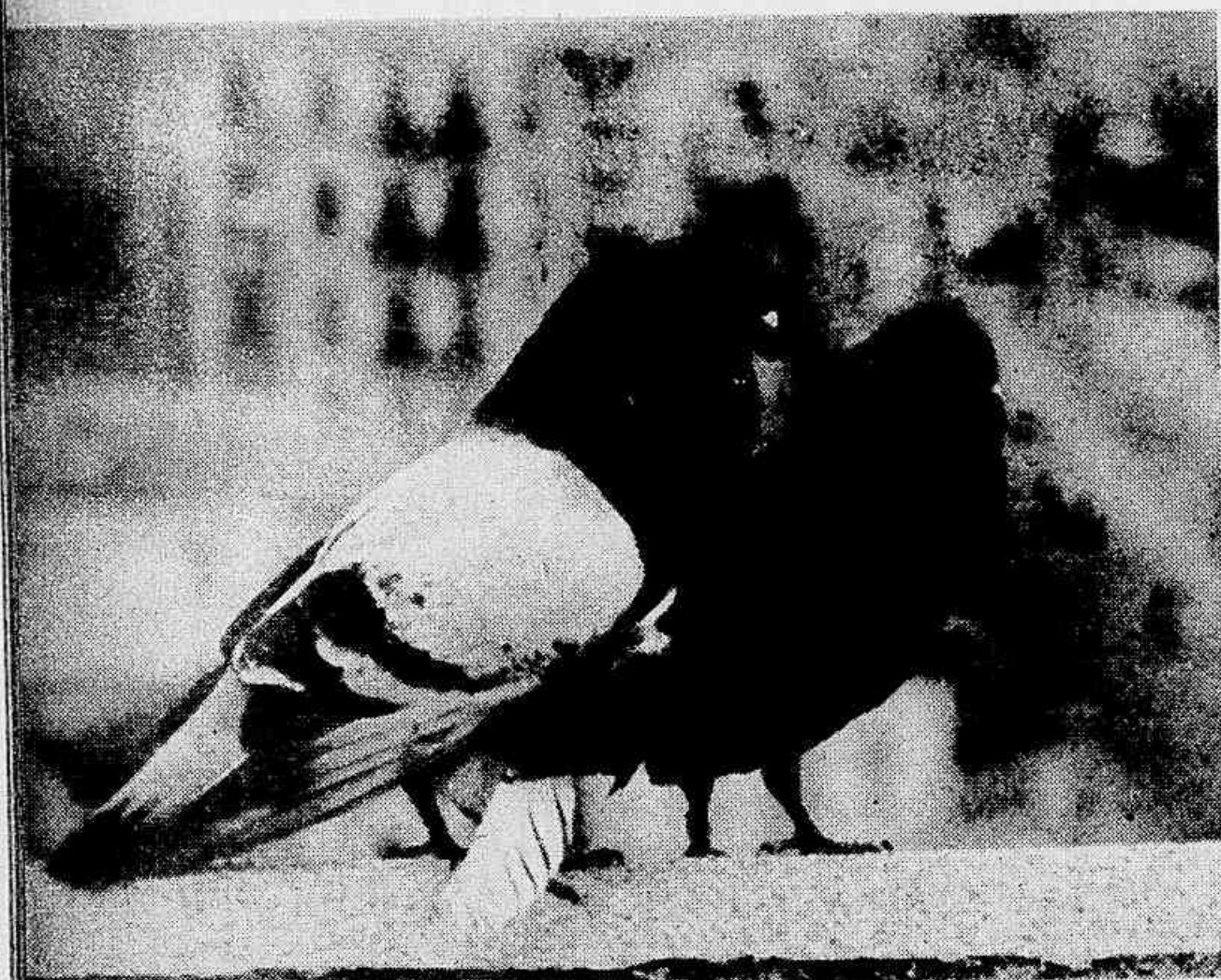
traje preferido: biquini. Em casa, Baby Doll dorme de Chanel n. 5.



“É a primeira vez que
me confundem com um homem”



VALÉRIA AMAR



O vencedor da prova arrulha galantelos a "La perdida".

EXCLUSIVO

"LA PERDIDA" **CONQUISTOU** **UM MARIDO** **NOS CÉUS** **DE MADRI**

— "QUE: LOS SOLTAMOS?" — perguntou um deles.

— "Todavía no. Espero que aparezca "la perdida".

Êles: homens, meninos e meninas pombomaniacos reunidos em assembléia, no terraço do mais alto edifício do bairro de "La Prosperidad", em Madrid, Espanha.

"La perdida": uma bonita pombinha, com uma pluma branca na cauda para indicar virgindade, tôda "vedette", esperando pelo pombinho que se casará com ela.

Lá na Espanha é considerado o melhor pombo o que demonstre mais forte instinto de amor, que os espanhóis chamam de "amor zoológico". Êsses pombos bem amorosos só existem na Espanha (pelo menos é o que dizem, com certo orgulho, os espanhóis) e principalmente na região de Valência. Por isso a "Federación Española de Columbicultores", que congrega todos os pombomaniacos do país, cuidou de incentivar o amor zoológico.



São muitos (no comêço) os candidatos à pombinha virgem.

nos pombos, incentivando-lhes o instinto de captura ou seja: o macho pegar a fêmea, namorá-la, disputá-la e, afinal, casar com ela.

O nosso correspondente em Madri foi convidado um domingo destes para assistir às cenas de "captura" e viu tudo, até o final que é o casamento. É ele quem conta:

1. no terraço do edifício onde se reúnem os pombomaniacos, em La Prosperidad, há muitos pombais, cerca de 20, cheios de pombinhos (machos) com asas coloridas,

2. não sabia exatamente em que consistiria a demonstração dos "pombos desportistas" para a qual foi convidado. Disseram-me que os pombos lutariam como galos de briga e isso causou surpresa a mim: foi um espanhol que identificou para sempre a pomba com a paz;

3. vi um bando de pombas aparecer sobre os edifícios à esquerda do edifício onde eu e os pombomaniacos estávamos. Elas apareceram, deram uma voltinha e foram embora, voando. À frente do bando uma pombinha levava uma pluma na cauda. Perguntei a um dos pombomaniacos para que servia aquela pluma. Resposta: a pombinha é virgem e estrangeira. Ela vai ser disputada pelos pombos, que já conhecem aquele sinal;

4. aí então homens, moças e rapazes observavam dos binóculos e diziam:

— Fijese! Fijese!... Ya van los mios en ella!

Ela era a pombinha com pluma branca na cauda, que voava, voava, arrulhando, com os pombos atrás dela;

5. até aí eu não conhecia as normas do jogo do amor zoológico dos pombinhos. Sabia apenas que o esporte nascera na Espanha mesmo, mas com inspiração nos árabes, que já fazem amor zoológico há muitos séculos;

6. o esporte é assim: cada domingo vem uma pomba estrangeira e fica voando sobre Madri, abandonada, porque não conhece os pombais da cidade. Os pombomaniacos calculam: deve ser uma virgem. E se preparam, levando muitos pombos machos em pombais para o edifício mais alto da cidade. Todos ficam de binóculo em punho e soltam os pombos atrás da pomba. Começa, então, a perseguição, os pombos lutando para pegar a pomba, até que um deles consegue apanhar a pombinha, namora-a, dá-lhe um beijinho e os dois vêm juntinhos para o alto do edifício onde um pombal nupcial os espera. Estão casados;

7. diz o presidente da Federación Española de Columbicultores, sr. César Díez Crespo, que para despertar nos pombos o espírito do amor zoológico eles são (como os cães) treinados desde pequenos. O treinamento: soltam uma pomba com uma pluma branca na cauda, indicando virgindade. Depois que eles estão bem treinados são verdadeiros conquistadores. E aprendem uma coisa considerada muito importante: não devem vencer a pomba pelo cansaço. Devem convencê-la a aban-

donar a vida de solteira. Devem lutar é com os companheiros de quem são adversários no amor da pomba, mas para ela devem ser cavalheiros;

8. os pombos desportistas, ou amorosos, são muito caros: custam de mil a sete mil pesetas e os campeões, os que conseguem maior número de espôsas valem até 10 mil pesetas.

Eles comem pouco, porque querem manter-se elegantes, esguios, leves para o vôo de perseguição à pomba virgem;

9. os donos de pombais com tal espécie de pombos têm até estatutos impressos e realizam assembleias nacionais para discutir os problemas do esporte. Essas reuniões são muito alegres e festivas e delas participam os pombos que fazem muito barulho com seus arrulhos;

binha. Todos voltaram menos dois: e disseram os pombomaniacos que isto é o que de pior pode acontecer, porque quando dois pombos ficam sôzinhos lutando pela virgem, ela fica muito "vedette", muito "mascarada", pois lhe agrada o duelo de dois machos. Aham que é geralmente bonito;

13. aí a pomba virgem pousou no alto de uma chaminé. Os dois cavalheiros se aproximaram, cercaram a pombinha e ficaram se desafiando, arrulhando, até que iniciaram um corpo-a-corpo danado, a pombinha voou, abandonando-os. Eles deixaram de brigar e saíram atrás dela, arrulhando;

14. expectativa: de bonóculos, os pombomaniacos ficaram preocupados com a volta dos pombos. Sabiam que eles



Momentos antes de iniciar-se a prova, são feitas as apresentações: tradição.

10. Madri, Barcelona e Valência são os principais centros de amor zoológico. Todo domingo há festa nessas cidades, com casamento da pombinha virgem com o vencedor do namoro. Os principais centros de Madri: La Prosperidad, Guindalera e O'Donnell;

11. às vezes acontece o seguinte: o dono do pombo macho fica horas e horas (um deles perdeu até o emprêgo por causa disso) esperando o retorno do seu pombo em companhia da pombinha virgem. Eles têm de esperar o casal para realizar o matrimônio legalmente e juntar os dois no pombal nupcial;

12. na festa de casamento que eu assisti aconteceu o seguinte: os pombos saíram atrás da pomba (como manda o figurino) e todos regressaram depois de uma hora e meia de perseguição à pom-

voltariam, mas estavam certos de só depois de dois ou três dias. Mas aí a donzela escolheu um companheiro, aliás não o mais valente, mas o mais bonito, um pombo elegante, sóbrio, de plumas brancas e cauda bem feita. Voaram juntos e regressaram juntos, arrulhando e se beijando. O outro voou para longe, sumiu, envergonhado e decepcionado;

15. não houve ferimentos, todos os cavalheiros que brigaram pela pombinha se confraternizaram. Depois venceu, segundo os entendidos, o pombo que tinha mais instinto de amor zoológico.

A pombinha e seu pombinho pousaram suavemente no alto do edifício, trocaram olhares e beijos, foram para o pombal nupcial especialmente construído para eles e se casaram. Foram muito felizes e tiveram muitos e muitos pombinhos.



Os “amigos de Ruben Dario” prendem os poetas em jaulas

COMEMOROU-SE COM grande solenidade e vários discursos, mais um aniversário da morte de Ruben Dario, chamado “o príncipe dos poetas da América Hispana” e, sem qualquer dúvida, um dos maiores gênios líricos de todos os tempos. No Rio, grande número de intelectuais reuniu-se na Universidade do Brasil, para prestar homenagem a Ruben.

Por trás deste culto de Ruben Dario que certas personagens da ditadura nicaragüense vem promovendo, esconde-se, porém, a mais violenta perseguição contra todos os escritores e intelectuais que se opõem à tirania somozista. Ruben Dario, transformado pela família Somoza e seus servidores em fachada, serve, pois, aos fins exclusivos da ditadura: os mortos não mais podem protestar contra a exploração promovida com grande alarde e publicidade.

Enquanto o nome do poeta vem sendo trombeteado por homens semi-analfabetos, por agentes da polícia disfarçados em políticos e por delatores profissionais, os irmãos e os discípulos de Ruben Dario, os que continuam sua obra honrando o nome da Nicarágua em toda a América são perseguidos pela polícia e pelas autoridades encabeçadas por Tachito Somoza, um dos mais cruéis torturadores de toda a história das ditaduras do Continente.

O chamado culto de Ruben Dario, os discursos, as festinhas, as taças de champagne e as effigies generosamente doadas por Luis Somoza, servem, apenas, para abafar os gritos de dor dos poetas que sofrem nos cárceres, e para neutralizar as verdades que vêm sendo ditas pelos que conseguiram exilar-se, vivendo no estrangeiro.

Em nenhum país do mundo houve tão grande número de escritores e artistas detidos e expatriados como acontece na Nicarágua, sob o reinado dos Somoza. Apesar de tudo, são escassos os protestos que se fazem ouvir: a consciência das Américas parece mais inclinada a ouvir os gritos de dor dos mártires húngaros, que tão grandes serviços prestaram à causa da liberdade, do que os gemidos que vem dos cárceres nicaragüenses.

São estas algumas das vítimas dos Somoza, que, enquanto recitam versos de Ruben, dão ordem aos seus agentes para torturar os poetas vivos:

1. PABLO ANTONIO CUADRA, líder do “movimento vanguardista da Nicarágua”, autor de uma série de livros elogiados por toda a crítica americana. Seus “Poemas nicaragüenses” inscrevem-se na mais alta produção do Continente, e foram elogiados na Espanha, onde Pablo Antônio é bastante conhecido nos círculos intelectuais, por representar uma nova corrente na lírica continental. Co-diretor do jornal “La Prensa” de Manágua, Pablo Antonio Cuadra foi encarcerado cada vez que os ditadores sentiam-se ameaçados por nova crise.

2. HERNAN ROBLETO, jornalista-mártir, diretor de “La Flecha” de Manágua, é uma das principais vítimas da dinastia Somoza, por ter ousado combater a ditadura dos “admiradores de Dario”. Autor de grande número de livros de contos, poesias, novelas e crônicas, Robleto destacou-se especialmente pela publicação de “Carcel Criolla”, onde descreve as torturas sofridas nas prisões somozistas, até a sua evasão para Costa Rica. Após a fuga de Robleto, a polícia começou a perseguir seu filho, o jovem jornalista Hernan Robleto Hijo.

3. EDELBERTO TORRES, que atualmente vive exilado no México, é um dos mais destacados historiadores literários da América. Suas biografias dedicadas a Ruben Dario e Gomez Grillo constituem verdadeiros modelos do gênero, elogiadas e discutidas não somente na América, mas em vários países da Europa. Certa vez, o velho Somoza ordenou tirar Edelberto Torres de um avião norte-americano que fizera aterrissagem forçada em Manágua, mandando encarcerá-lo num dos subterrâneos do Palácio Presidencial. Após uma evasão espetacular, Edelberto Torres conseguiu fugir do país.

4. ERNESTO CARDENAL, jovem poeta de talento, autor de notável ensaio sobre Dario, foi detido em plena rua pela polícia e levado ao QG da “Guardia Nacional”, para “esclarecer sua situação”. Mantido incomunicável durante muito tempo, foi, em seguida, levado num dos subúrbios de Manágua, e obrigado, durante semanas, a trabalhar com trabalhador-escravo nas obras de uma rodovia que liga uma das fazendas dos Somoza com a capital.

5. ADAN SELVA, diretor de “El Gran Diario”, de Leon (a cidade de Dario), foi, até agora, prêso dezenas de vezes, com ou sem motivo aparente. Apesar dos protestos da “Sociedade Interamericana de Imprensa”, Selva foi torturado pela polícia, e, muito recentemente, agredido em pleno centro da capital, por dois funcionários de Somoza.

6. PEDRO JOAQUIM CHAMORRO, diretor de “La Prensa”, foi, durante muito tempo, uma espécie de prisioneiro permanente dos Somoza. Após a morte do velho ditador, Tachito Somoza ordenou a transferência de Chamorro para os jardins do Palácio Presidencial, mantendo-o prêso numa jaula de feras, no seu jardim zoológico particular. Foi o próprio jornalista que, após sua evasão para a Costa Rica, denunciou as torturas sofridas por ordem dos “admiradores de Ruben Dario”, numa reportagem publicada em todos os países do Continente, e que causou sensação pelos requintes de crueldade — demonstrava que o chefe do Exército nicaragüense é um sádico.

7. TOÑO LOPES, caricaturista e jornalista, conhecido por suas charges, foi detido várias vezes e acusado de “atividades ilegais”. Certa vez, Somoza o obrigou a sair do país a pé, seguido por soldados armados que o ameaçavam de morte, cada vez que parava, torturado pela fadiga e a sede. Nesta corrida, Toño Lopez foi obrigado a caminhar em passo acelerado até a fronteira de Costa Rica, onde policiais daquela república o encontraram em tal estado de esgotamento, que chegaram a anunciar a sua morte.

8. MANOLO CUADRA, autor de uma obra importante para o conhecimento da história política de seu país e, sobretudo, dos seus bastidores, intitulada “Contra Sandino en la montaña”, foi companheiro de Toño Lopez na marcha forçada rumo ao exílio. A obra poética de Manolo Cuadrainscreve-se ao lado das mais delicadas produções de toda a lírica de sua terra.

9. ALBERTO ORDONES ARGÜELLO, autor do romance “Ébano”, vive desterrado, faz muito tempo, na república do Salvador, onde assina grande número de artigos, panfletos e reportagens, em que denuncia as ilegalidades praticadas pela ditadura em sua terra.

Três livros e um caderno

Phocion Serpa: "Alberto de Oliveira"
— São José, Rio de Janeiro, 1957. 196 páginas.

ESTUDO BIOBIBLIOGRAFICO sobre o conhecido poeta parnasiano fluminense, cujo centenário de nascimento transcorreu em 1957, e que, não fôra pelo livro em questão, teria passado em brancas nuvens.

Um de seus méritos, aliás, é justamente esse; e os demais são escassos, não só pela diminuta capacidade crítica do A., como também pela sua maneira antiquada e tantas vezes desagradável de escrever. Phocion Serpa, essa a verdade, usa de um processo que não se coaduna com o gênero literário, nobre e simples em sua fisionomia, que abraçou — o ensaio. Disso é exemplo o trecho que segue:

"Dentro do vale imenso, rodeando tudo: a casa, a mata e os cercados, — alevantava-se ao longe, o dorso verde-negro da serra do Palmital, escarpada e enorme, cuja superfície se constela, às vezes, das manchas côr de prata das folhas das imbaubeiras portentosas, e, de tempos em tempos, nos ardores do verão, dourando-se ao chuva de ouro dos ipês magníficos, ou se arroxeia, nas proximidades de abril, das pétalas de sêda das quaresmeiras nativas".

Note-se a abundante adjetivação, a virgulação excessiva e por vezes errônea, o gosto pelas construções opulentas, o exagero, até, em se chamar de enorme uma serra, como a do Palmital, que de enorme nada tem. O livro carece de verdadeiro valor literário.

John Friedmann: "The Violent Land"
— Edição Particular, Salvador, 1957. Ilustrações e capa de Genaro de Carvalho. 56 páginas.

JOHN FRIEDMANN, cidadão norte-americano (embora nascido em Viena) intitula de "Brazilian Poems" os 25 poemas que compõem seu volume, há tempos aparecido em edição limitada na Bahia. Os poemas, com exceção apenas de 6 ("Chor der Flüchtlinge", "Der Nachtwind Greift Mich An", "São Francisco do Conde", "So long!", "Karrussell", "Nachtliche Zwiesprach", escritos em alemão), são concebidos em inglês.

São "Brazilian Poems" talvez pelos temas neles explorados, e que vão do cân-

tico de amor à "Violent Land" ("for this is the garden of Eden"), ao Cangaceiro, à Mãe d'Água, às cidades, aos rios, às fábulas amazônicas, etc.

Mas o que verdadeiramente entusiasma em John Friedmann, é a densidade poética de muitos de seus poemas, aliada a uma pesquisa vocabular de grande elegância e efeito. O primeiro trabalho do livro, e que lhe empresta o nome, "The Violent Land", por exemplo, é uma peça poética de grande beleza; nela, o autor apela também para o elemento ótico do poema, com rara felicidade conseguindo interessar o leitor também sob esse prisma. Não é um concreto, porém a eles aparenta-se, pela constância com que busca realçar, em sua poesia, o aspecto visual, desenvolvendo-a em vários planos, segundo o maior ou menor interesse do que deseja expressar. Outro belo poema é "Portrait of a City" ("Her face has outlived beauty / now betrayed in the erosions of the obscene flesh"); e há muitos de igual valor, no livro — que de resto traz 3 ilustrações características de Genaro de Carvalho.



Bom livro de poesia, "The Violent Land", tendo-se a lamentar somente que, por sua própria natureza, esteja restrito a um público diminuto.

Diversos: "Obras Primas da Fábula Universal". Martins, São Paulo, 1957. Capa de Darcy Penteado, ilustrações de Oudry, Doré, Grandville, Belmonte. Introdução, seleção e notas de Sérgio Milliet. 304 páginas.

COM O TRADICIONAL bom-gosto gráfico de suas edições, lançou a Editora

Martins essa antologia de fábulas de todos os tempos e países, de Buda a autores contemporâneos, como nosso Gustavo Barroso, passando pelos representantes máximos do gênero, que foram, sem dúvida, Espo (2 fábulas apenas), Fedro (4), La Fontaine (33), Florian (4) e Trilussa (8).

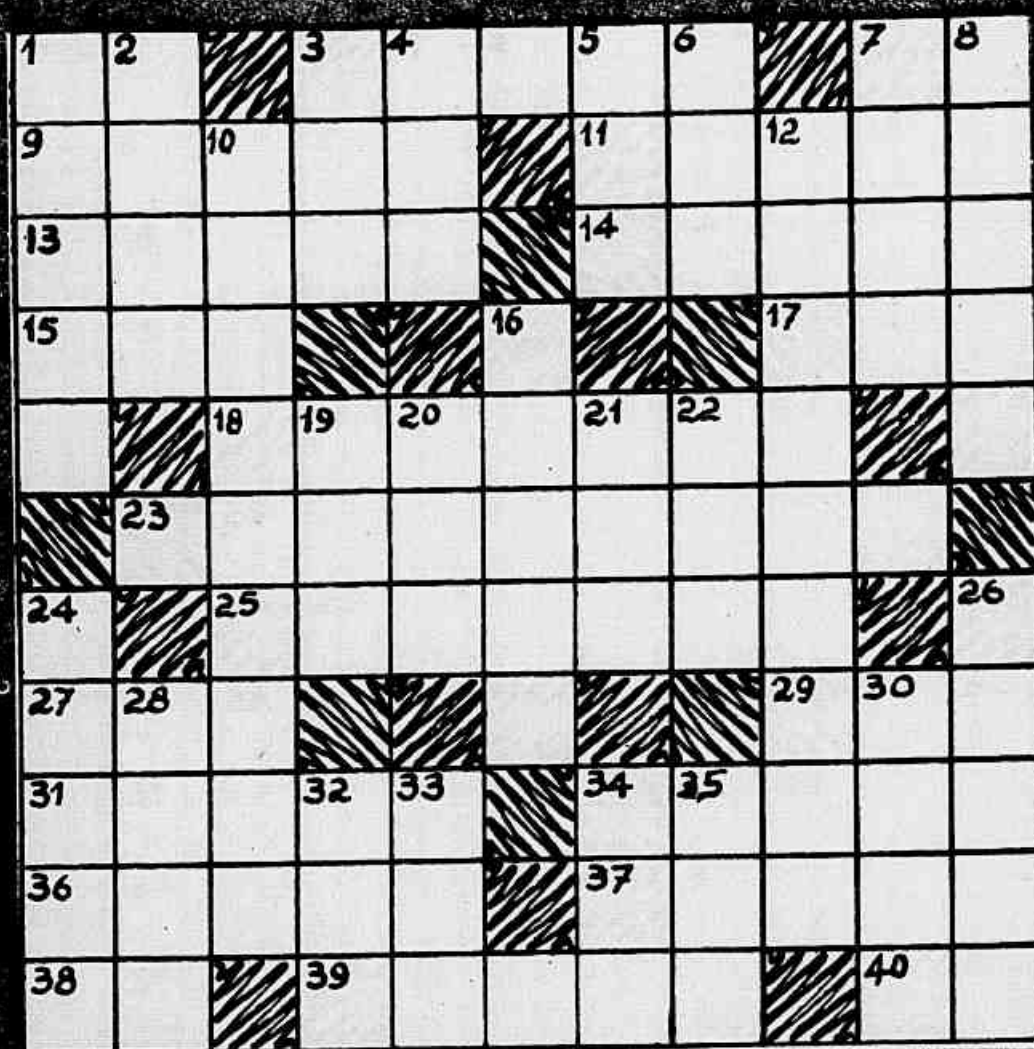
Sérgio Milliet, no prefácio, aceita a definição tradicional do gênero: "narrativa alegórica de que se tira uma moralidade". E acrescenta: "Evidentemente, uma antologia da fábula, em língua portuguesa, nunca poderá ser completa. Se todo La Fontaine foi traduzido, bem pouco se possui da imensa produção chinesa e japonesa. Por outro lado as literaturas africanas só agora começam a ser divulgadas. O mesmo se dirá das americanas, ainda sob forma de documentação etnográfica e folclórica". Pena é que o organizador não tenha inserido no livro nenhuma das fábulas do indígena brasileiro — senhor de um repertório delas excepcional.

Antecedendo cada autor representado na antologia, aparece sucinta, mas elucidativa nota. As peças são em prosa ou verso. O nome de alguns tradutores: Curvo Semedo, Bocage, Malhão, Barão de Paranapiacaba, etc.

Graves Glenwood Clark: "Os Estados Unidos Através do Conto". Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, "Os Cadernos de Cultura", número 110. Rio de Janeiro, 1958. Tradução de Thomas Ribeiro Collaço. 159 páginas.

UM DOS MELHORES "Cadernos de Cultura" publicados por Simeão Leal foi o de número 53, de Theodore Harnpercer, "Os Estados Unidos Através de Sua Literatura". Pois bem: esse atual decerto repetirá o êxito do livrinho de Harnpercer.

É um panorama da vida norte-americana em todos os seus setores, tal como transparece da arte de seus melhores contistas assim, Nathaniel Hawthorne é, para Clark, o "historiador da consciência puritana"; Washington Irving é o evocador de Nova Amsterdam, em pleno século XVII iniciando-se; O. Henry canta Bagdad-sobre-o-Metropolitano, isto é — Nova Iorque os "holandeses da Pensilvânia" e os "alemães de Ohio" tiveram seus celebradores em Constance Fenimore Woolson e Elsie Sigmaster respectivamente a



PROBLEMA N.º 23 — PARA VETERANOS

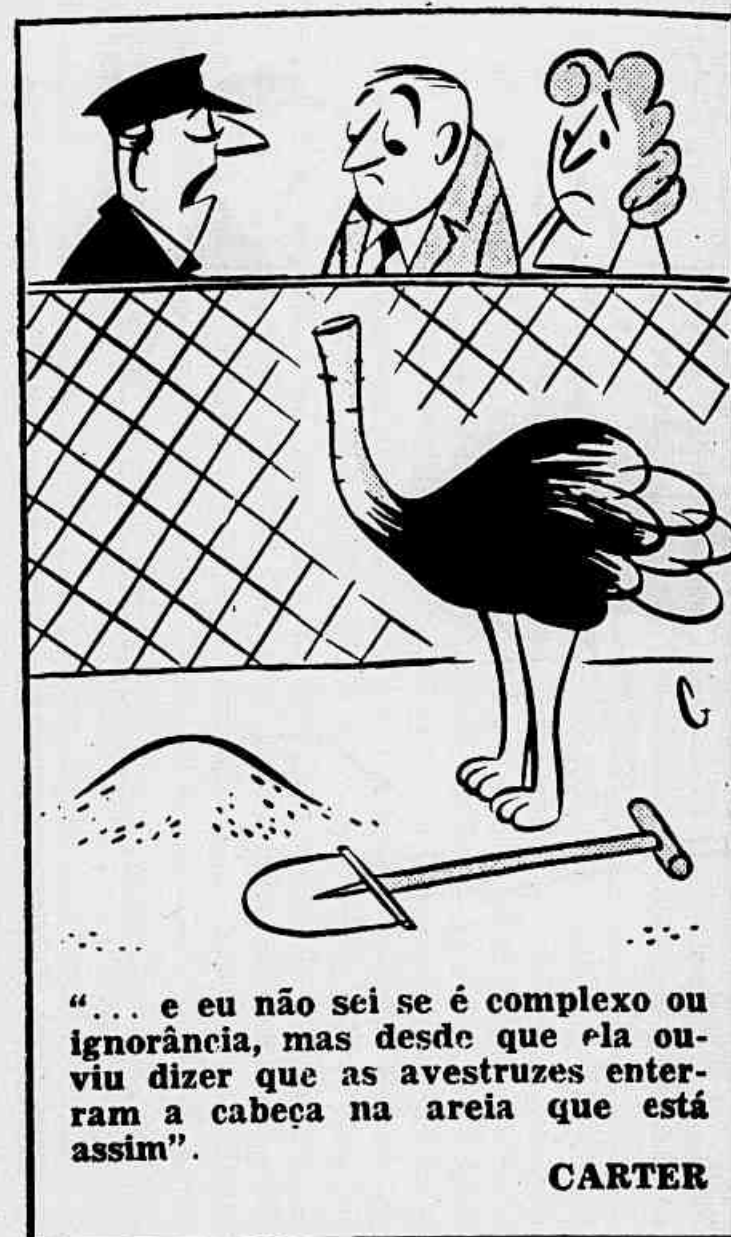
HORIZONTAIS : — 1. A mãe de todas as coisas, na mitologia indígena — 3. Ison-jeam — 7. Nota musical — 9. Seduzir — 11. Adquirir por hereditariedade — 13. Afeições — 14. Invocação — 15. Embocadura de rio — 17. Bazofia — 18. Espécie de palmeira — 23 — Instigara à desordem — 25. Que tem forma de lentilha — 27. Gênero de palmeira — 29. A parte ínfima do povo — 31. Penetrar — 34. Invoca socorro — 36. Vaso com asas — 37. Unir — 38. Cobertura de cortiço — 39. Tornar pateta — 40. Símbolo químico do samário.

VERTICAIS : — 1. Bode — 2. O mesmo que puna — 3. Dialeto do zaparô, no Equador — 4. Porto da França — 5. Senhor — 6. Pego — 7. Tripa de sardinha que serve de isca — 8. Tempestuoso — 10. Que vive na areia — 12. Mau cirurgião (pl.) — 16. Que excede outro em tamanho — 19. Nome de mulher — 20. Trezentos — 21. Elemento grego que exprime a idéia de reto — 22. Deus persa, gênio dos ventos e das tempestades — 24. Magníficas — 26. Causara — 28. Sem graduação — 30. Saias — 32. Nome de mulher — 33. Abundância — 34. Bebida das índias Orientais — 35. Marido e mulher.

PROBLEMA N.º 23 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS : — 1. Deus da guerra — 6. Apologia — 8. Andar — 10. Neste lugar — 11. Chocalho feito de uma cabaça seca, contendo pedras ou frutos duros e que os índios agitavam nas solenidades festivas e guerreiras (pl.) — 14. Sexta nota musical — 15. Aparência — 16. Punição — 19. Sufixo designativo de autor — 20. Antes de Cristo — 21. Espécie de engula — 23. Verbais.

VERTICAIS : — 2. Outra coisa — 3. Rumo — 4. Basta! — 5. Viscera dupla secretora da urina — 7. Concedes — 9. Amofinar — 10. Carregamento — 12. Chefe etíope — 13. Tomba — 16. Colorido — 17. Defeito físico ou moral — 18. Cabana de índios — 21. Seguir — 22. Interjeição de espanto.



CARTER

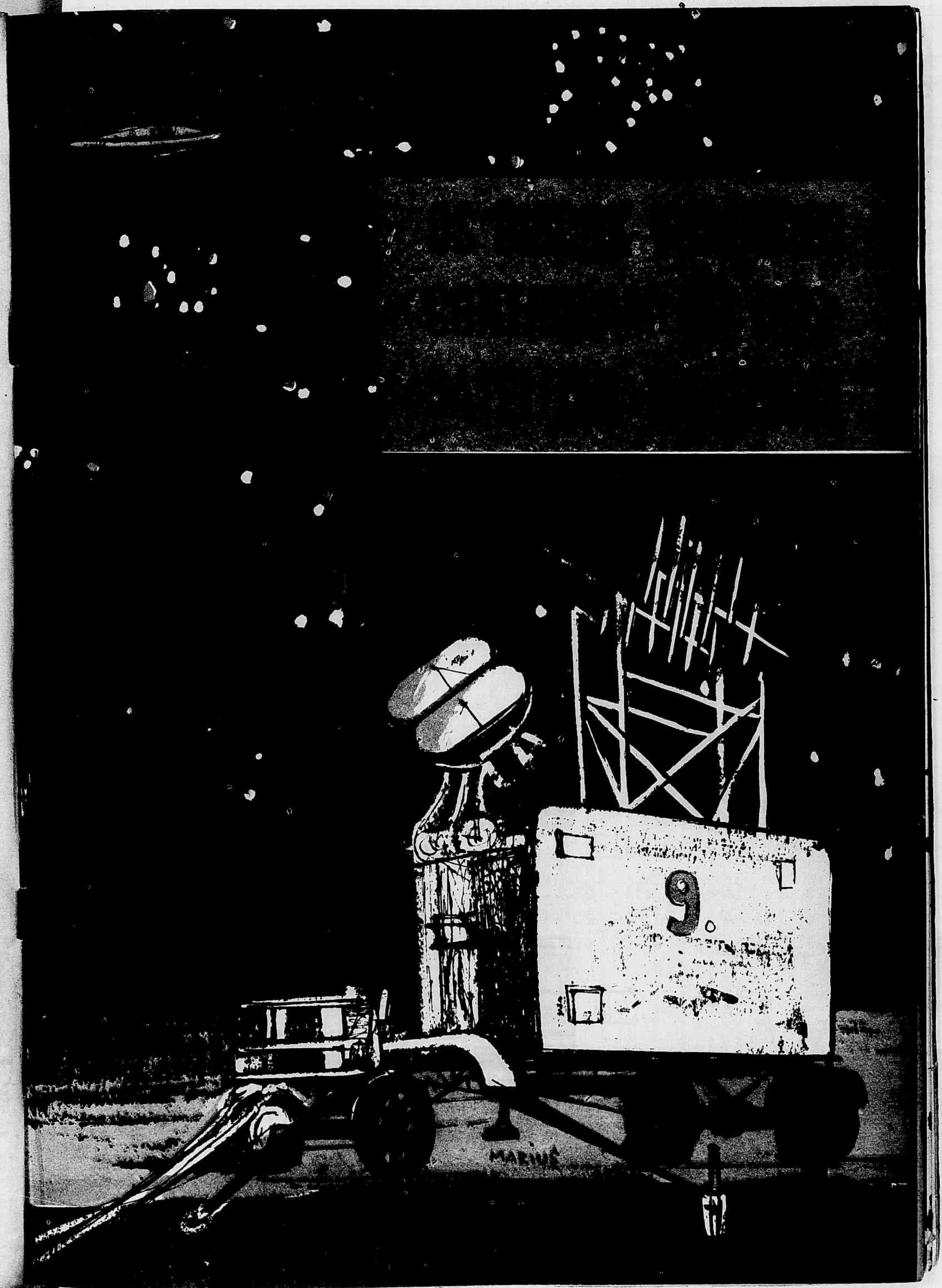
"casa grande & senzala" ianque foi reiteradas vezes focalizada por Thomas Nelson Page, Joel Harris a "terra crioula", Louisiana, tem seus contistas nas pessoas de Gorge W. Cable, Francis Bret Harte evocou a Califórnia, enfim.

Poderão objetar que nenhum desses contistas, com exceção talvez de O. Henry, é geralmente conhecido do público leitor brasileiro, e que nomes como os de Mark Twain, Hemingway e tantos outros estão ausentes do trabalho em questão. De qualquer modo, "Os Estados Unidos Através do Conto" é um bom livrinho, e seu autor demonstra, no mesmo, notável conhecimento da literatura americana no gênero em questão, e grande poder de interpretação sociológico-literária.

Uma obra valiosa, das melhores até hoje aparecidas na célebre coleção do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura.



OSCAR



Os russos já têm o roteiro da viagem à lua e estão

PERGUNTA

Se na Lua foram observadas atividades estranhas e fatos novos, poder-se-á dizer outro tanto de Marte?

RESPOSTA

Sim, embora em menor escala. O fato de maior significação, que já não pode passar despercebido, é o maior aparecimento de discos a cada maior aproximação do planeta.

Luzes estranhas e de intenso brilho têm sido, também, vistas em Marte e são atribuídas a explosões nucleares. Como tais explosões, num planeta, não ocorrem por si mesmas, é de concluir-se que sejam provocadas, o que implica na existência de seres inteligentes em Marte.

Mas é quanto aos canais que são maiores as novidades. Foram êsses canais tidos, quando revelados por Schiaparelli, como ilusões de ótica. Mas com os poderosíssimos telescópios atuais não só tiveram êles plena confirmação, em tudo parecendo "condutos artificiais d'água", como se descobriram 40 novos canais. Verificou-se ainda que não são rios. Dada a absoluta regularidade que apresentam os canais em seu traçado e o fato de serem circulares (menor distância entre dois pontos, numa esfera), Lowell e Slipher, marciólogos de renome, consideram-nos obra de engenharia e da mais adiantada. Há quem discorde, porém.

PERGUNTA

O porta-discos satélite detetado pelo radar teve sua órbita determinada?

RESPOSTA

A órbita do porta-discos ao qual anteriormente nos referimos foi calculada entre 600 a 800 kms de perigeu. O extraordinário, porém, conforme se verificou depois, é que se trata de órbita controlada e variável.

Isso significa: a) que pode ser alterada, à vontade, pelo comando; b) que o porta-discos não é verdadeiro satélite da Terra, porquanto não gravita em tórno desta como um corpo celeste. Já que pode ter alteradas a velocidade e excentricidade, não se mantém na órbita pela força de gravitação, a que foge por ter seu próprio campo gravitacional. De satélite, assim, tem o girar em volta da Terra. É fantástico, por ir além de quanto seria de esperar.

PERGUNTA

Quantos discos já foram vistos ou detetados? Como surgem e que características apresentam?

RESPOSTA

Aproxima-se de um milhar o número de discos tanto vistos por testemunhas fidedignas como detetados pelo radar. E não surgem sempre isolados, mas em formação, até de 50 e mais. As formações são ora angulares, ora triangulares, ora

semicirculares. Em tôdas as partes do mundo têm aparecido. Emitem luzes coloridas, de intenso brilho, esverdeadas, alaranjadas e prateadas. Parece que a cor dos discos é função da velocidade. O tamanho varia de alguns metros de diâmetro a dezenas deles. A forma, como indica o nome, é arredondada, mas já apareceram alguns oblongos (charuto). Por vêzes são invisíveis ao olho humano e só o radar os deteta. E são silenciosos. Mas como explicar que se desloquem supersônicamente sem produzirem o estrondo característico? E como resistem ao atrito do ar sem se inflamarem? Só há uma explicação: a de que independem do campo de gravidade terrestre, de modo que o ar se desloque com êles. Assim, são supersônicos "sem quebrarem" a barreira do som, nem mesmo fazerem qualquer outro ruído. E se deslocam na atmosfera sem qualquer atrito: o ar é atraído pelo seu campo de gravidade.

Quando perseguidos por bombardeiros ou caças a jato, uns fogem imediatamente, desaparecendo em segundos; outros emitem raios mortíferos, de luz ou som, cujo resultado é a desintegração, incêndio ou derrubada dos perseguidores. Deixam cair, por vêzes, filamentos esbranquiçados que cobrem campos e árvores; atiram, outras vêzes, bolas verdes de fogo que incendeiam a vegetação e pistas asfaltadas, causando, também, explosões que abalam os arredores.

O mistério dos discos não está ainda de todo decifrado. Que existem, já não é possível duvidar; que sejam originários de outros mundos, provam-no suas peculiares características e alcance cósmico.

PERGUNTA

Se são reais e procedem do espaço exterior, que tipo de propulsão empregam para virem de tão longe e voltarem, sem um só, jamais, haver caído?

RESPOSTA

Não usam, evidentemente, os propulsores químicos de emprego terrestre. Nem mesmo carburantes nucleares. Tudo faz crer, dada a sua forma, o tipo singular das manobras, a altíssima velocidade e a absoluta segurança que se trata de aparelhos acionados a energia eletromagnética. Entre a gravitação e o eletromagnetismo há estreita relação e Einstein tentou, para coroar a Teoria Geral da Relatividade, ligar os dois campos energéticos por uma fórmula matemática, de modo a se tornarem equivalentes (como o fez para a massa e a energia). É a chamada "Teoria do Campo Unificado", em que o sábio físico procurou unificar os quanta e a gravitação. Para êle não passa esta de modalidade do eletromagnetismo. Pois o que o gênio de Einstein não logrou alcançar (outros o conseguirão, certamente), já o lograram os seres extraterrestres que nos visitam. É que tudo leva à conclusão de que os discos criam seu próprio campo gravitacional, anulando, assim, a gravidade exterior. Não se explicam, de outro modo, suas ultra-rápidas acelerações e desacelerações, suas instantâneas mudanças de rumo em qualquer sentido, suas paradas no espaço, etc. Foram tais fatos, aliás, que a princípio contribuíram para se descrever dos discos, porquanto as leis da sua mecânica não são as clássicas, mas as da Relatividade... a mais avançada, como ainda não é aplicada na Terra. Mas o fato é que criam um campo de antigravidade, dentro do qual podem deslocar-se a incríveis velocidades e fazer manobras absolutamente interditas na mecânica de Newton, em que a gravidade é fator constnte e inelutável.

o quase prontos para dar a partida

Ainda uma interrogação: de que fonte lhes vem o eletromagnetismo de que, para tanto, se valem? Do próprio espaço sideral. Têm todos os astros, como se sabe, seu campo eletromagnético, de bilhões de volts, como atestam os poderosos e inesgotáveis raios cósmicos. Captando, por processo de nós desconhecido, o eletromagnetismo sideral, anulam a gravidade externa, criam uma própria e se deslocam, assim, com absoluto domínio das forças naturais.

PERGUNTA

Se o radar, além de curto alcance, é sujeito a colapsos e pode dar falso alarma, como saber se deteta discos e se estes são reais?

RESPOSTA

O radarscope ou tela de radar pode acusar, de fato, presença de objetos inexistentes, se sucede, por uma falha, dar falso alarma. Mas sempre se conhece quando há mau funcionamento. No caso de discos detetados, o primeiro cuidado é verificar se houve funcionamento anormal do mecanismo. Na absoluta maioria desses casos funcionou o radar perfeitamente, ficando, assim, comprovada a existência objetiva dos discos voadores. Quanto ao curto raio de ação do radar, é só com referência à Terra. Como se propagam suas ondas em linha reta, para um objeto que se desloque na superfície ou espaço terrestre, dado o fato da curvatura da terra, o radar só o deteta a distância relativamente pequena. Mas é grande seu raio de ação se empregado espaço afora. É o caso da Lua, há anos detetada pelos norte-americanos (só não é possível atingir com o radar o hemisfério oposto da Lua, em face da curvatura desta) e o caso, recente, do portadiscos satélite, casualmente detetado quando uma pulsação de radar, explorando o espaço, encontrou-o em seu trajeto. Para as futuras viagens siderais será o radar imprescindível, sondando, a grande distância, o espaço cósmico, a fim de evitar, em tempo, que a astronave colida (o que seria fatal) com os velocíssimos meteoros.

PERGUNTA

A propósito, que vem a ser o radar e como funciona?

RESPOSTA

RADAR é sigla composta das letras sublinhadas na seguinte frase inglesa: **R**adar **D**etection **A**nd **R**anging, que significa: rádio-detecção à distância. Trata-se de processo eletrônico que determina a presença de um objeto a distância certa e lhe calcula a direção e velocidade, se móvel.

Age do seguinte modo: projetam-se num determinado rumo, com extrema rapidez, sucessivas ondas de rádio (pulsões), as quais, encontrando algo em seu caminho, retrocedem por eco ou reflexão ao ponto de partida; tal qual uma bola que, atirada para frente, batesse num obstáculo e retornasse, formando um ângulo cujo vértice é o obstáculo encontrado. Pelo radar determinam-se a presença, a direção, a distância e a velocidade de um objeto. A presença, pelo fato de voltarem ou ecoarem as fpulsões (blip, blip, que também servem

para identificação); a direção, pela medida do ângulo de retorno; a distância e a velocidade, pelo tempo decorrido entre a ida e a volta dos jatos de ondas ou pulsações.

Tudo isso se processa em segundos, sendo a aparelhagem complexa e exigindo que os **radarmen** ou operadores de radar sejam técnicos altamente especializados e treinados.

Consta que astrônomos russos já estão calculando as **melhores rotas** para as viagens siderais. Que rotas são essas?

Essas rotas são as trajetórias que exigem menos consumo de combustível, sendo, em consequência, as mais econômicas. Não são as mais curtas: não é de percurso nem de tempo a economia a fazer. Seria de supor que para ir aos astros o caminho mais econômico fôsse, também, o mais curto. Mas não é. O caminho mais curto seria reto e a trajetória reta é, precisamente, a de maior dispêndio de combustível.

Motivo: quando uma astronave deixa a terra a velocidade de que se acha possuída soma-se à do nosso planeta em redor do sol. Esta é da ordem de 100 mil km por hora! Para prosseguir em linha reta teria a astronave de vencer essa velocidade, tal qual faria um nadador que quisesse atravessar forte correnteza retilineamente. O que é preciso, para empregar menor esforço, é aproveitar a direção da corrente e atravessá-la ao longo de uma curva, atingindo a margem oposta bem adiante, embora o percurso e o tempo empregado sejam, evidentemente, maiores. A economia de força para a espaçonave consiste, pois, em dirigir-se no mesmo sentido de movimento da terra em redor do sol e não em contrariá-lo. Para isso a trajetória será uma semi-elipse, cujo eixo maior é igual à distância máxima entre o astro de destino e a terra. Só assim o menor consumo de combustível permitirá as viagens siderais, pelo menos as primeiras, enquanto não se disponha de combustíveis de altíssimo rendimento.

Para ir à Lua será mais fácil. Não simplesmente, pela menor distância a que se acha de nós, mas, sobretudo, por não interferir, quase, a atração solar, na viagem. A correnteza a atravessar não é, no caso, a do campo gravitacional do sol (o conjunto Terra-Lua gira em torno do sol), mas a muito menor da gravitação terrestre. Mesmo assim, a trajetória elíptica impõe-se, em termos de economia de combustível. E para ir à Lua quase que se pode partir a qualquer momento, enquanto que para demandar os planetas é necessário que estejam estes em relação à terra em determinada posição, a fim de que não aconteça que, atingido o fim da trajetória elíptica, aí não se encontre o astro de destino. Vale o mesmo para a volta, de modo a não suceder que, descrita a semi-elipse de retorno, não se encontre aí a terra. É, assim, necessário que, às chegadas, esses astros e o sol se encontrem em conjunção. Por onde se vê a grande diferença entre a navegação terrestre e a astral. Naquela os pontos de destino são fixos, podendo ser demandados em qualquer tempo; nesta são móveis, só podendo ser atingidos em determinado momento. Claro que isso também vale para a viagem à Lua; apenas, dadas as suas conjunções freqüentes, pouco será preciso esperar para empreendê-la.

Em suma: a viagem de ida e volta a um astro qualquer descreve uma elipse completa, comportando-se a astronave qual corpo celeste que traça, no espaço, órbita kepleriana perfeita e se desloca, durante quase todo o percurso, por curto ou longo que seja, pela simples força da inércia no movimento. Daí ser a quantidade de combustível necessária para ir à Lua a mesma que para ir a qualquer planeta. Tem só o astronauta de escolher a órbita e colocar-se nela. Uma vez na órbita e na direção correta conduzi-lo-á a inércia gravitacional ao ponto de destino. Só terá de intervir para mudar a direção, retardar a marcha e manobrar para a descida.



CEGOS VÃO VER COM ÔLHO ELETRÔNICO



CEGA HA 18 ANOS, por causa de um tumor no cérebro, uma jovem, ao segurar com a mão direita uma célula foto-elétrica menor que uma caixa de fósforos, pôde ver a luz durante uma prova realizada num hospital de Los Angeles, Estados Unidos.

—“Estou vendo, vejo tudo claro!”, foram as primeiras palavras de Betty Corstorphine para os médicos que a assistiam na manhã de 29 de outubro de 1957. Ela estava sentada numa poltrona, no centro de uma sala escura, e segurava a célula foto-elétrica.

A célula agia como olho artificial: devia transmitir um fraco sinal elétrico em resposta a uma nascente luminosa. Dois finos fios de prata (metade da espessura de um cabelo) foram aplicados ao cérebro de Betty através de dois furos quase invisíveis feitos na nuca.

O médico John Button (neurólogo de East Orange) estava convencido de que os cegos podiam ver se o seu cérebro fôsse animado eletronicamente. Na sala escura, o médico Button acendeu a luz com interruptor silencioso. Betty gritou:

“Estou vendo, vejo tudo claro!”

“O que é que você está vendo?”, perguntou o médico.

“Uma luz”.

“De que lado?”

“Ali na esquerda”.

"Minha amiga cega me perguntou de que cor é o céu?" (Betty)



O médico John Button quando colocava na moça Betty Cors-
torphine (no hospital de Los Angeles) nove finos fios de prata
na parte do cérebro onde se localizam as células do nervo ótico

O médico apagou a luz e acendeu depois outra lâmpada.

"Vejo outra luz", disse Betty, "mas na direita, agora".

"Durante segundos minhas mãos tremeram", disse o médico, "pois há anos esperava por aquele grito, enquanto ninguém me levava a sério, julgando-me um visionário. Agora começa um longo trabalho. Estamos apenas no começo. A descoberta-base, porém, já foi feita. A experiência de Los Angeles revela que as células do cérebro humano, mesmo que há tempos sem funcionar, não se atrofiam como as células dos músculos, mas conservam sua capacidade de reação".

O médico disse que ainda é cedo para se prever quando o olho artificial poderá ser empregado comercialmente e que está dependendo de muitos recursos, mas acredita que dentro de cinco anos os cegos poderão ver com olhos artificiais.

"Ele não será maior do que um botão de colête e ficará escondido atrás das alças dos óculos, assim como os aparelhos contra surdez. O olho artificial poderá ser aperfeiçoado como radar em miniatura ou aparelhos pequenos de televisão. Quanto à operação cirúrgica para a trepanação do crânio, não creio que seja dolorosa. Os furos são invisíveis e, com leve anestesia, o cliente nada sentirá".

O médico Button tem 48 anos, é casado e tem 3 filhos. Vive em uma casa de dois andares em East Orange (New Jersey). Estudou medicina na Itália na Universidade de Paris e é autor de alguns livros científicos.

Ele pensa desde 1947 no olho eletrônico para os cegos e passou seis anos quase que desanimado de poder realizá-lo, enquanto em Rockester, onde fez seus primeiros estudos, muitos cientistas diagramavam o cérebro, como se faz um mapa-roteiro para a visita a uma ilha desconhecida.

"Para mim, a descoberta da região cerebral diretamente ligada à visão foi tão importante quanto o lançamento do "Sputnik", disse o médico Button.

No verão de 1956, ele conheceu um cientista curioso por seus estudos: Jürg Schneider, chamado "filólogo do cérebro", que também mora em Los Angeles.

"Periódicamente", disse o médico, "eu e Jurg somos consultados por um laboratório farmacêutico. Lembro-me de que uma tarde estávamos no laboratório. Eu costumo falar de cérebro, das experiências e de outras descobertas científicas. Quando disse que achava que os cegos acabariam vendo com a ajuda de um olho eletrônico, o médico Schneider respondeu cãndidamente: "Estou absolutamente convencido de que sim". Beijei-o de alegria!"

As dificuldades do médico Button pareciam irremovíveis pela relutância dos cegos em submeter-se às experiências. Uma tarde, em casa de Betty, ele revelou seus projetos e as suas decepções. Betty, que estava deitada, levantou-se e disse: "Doutor, se o senhor acha que possa ser útil em alguma coisa, aqui me tem".

Betty ficara cega aos 17 anos, poucos dias antes de terminar seus estudos superiores, em 1939. Não pudera ir ao baile de formatura.

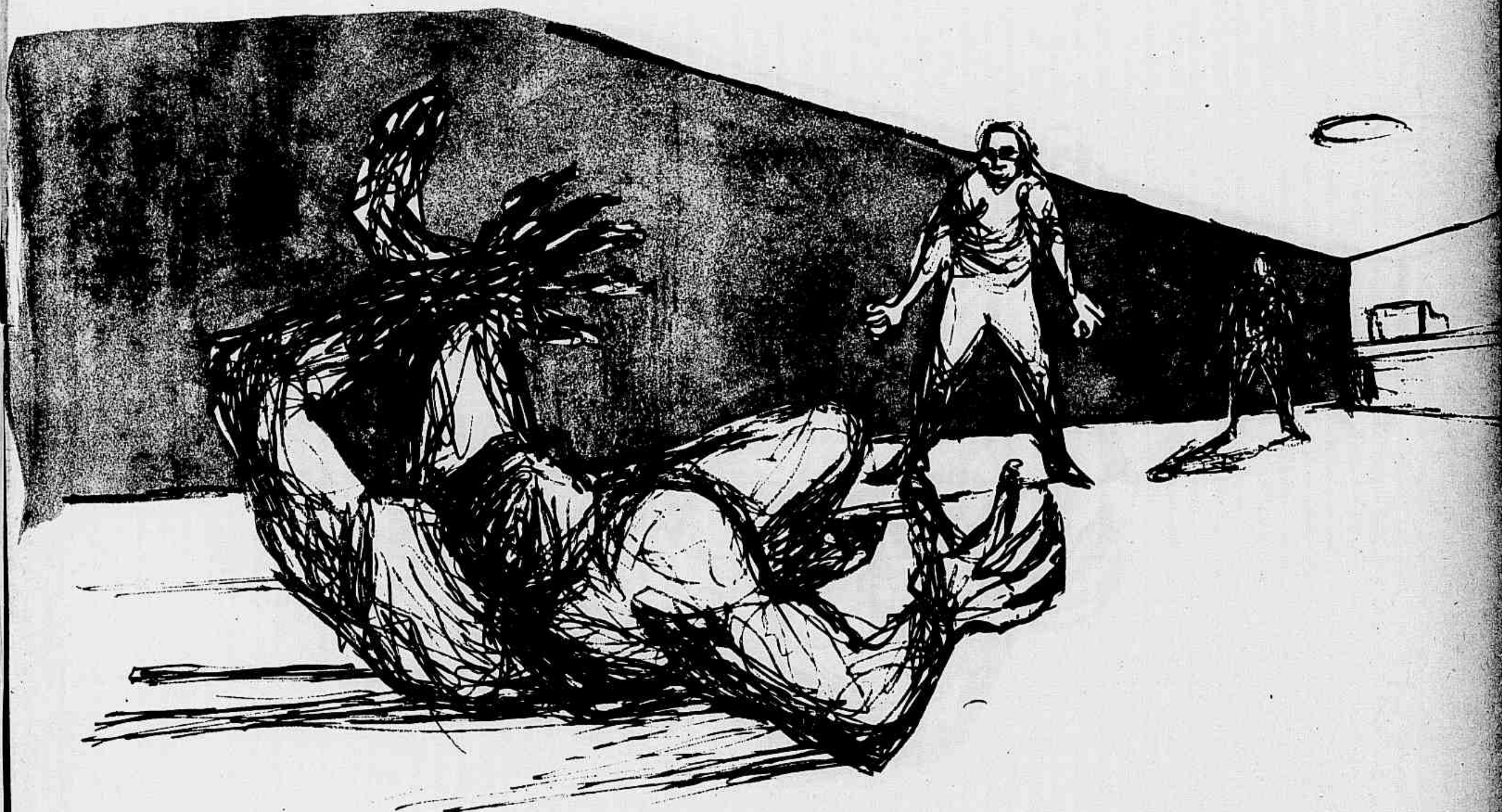
Um dia, em abril, queixou-se de dor no pescoço. A dor durou muitos dias, até que chamaram um médico e vários exames demonstraram que um tumor atrofiara seu nervo ótico. "A sorte é que sempre tivemos recursos", disse Betty, "e as minhas irmãs (Greta e Alice) têm dois bons empregos e não me deixam faltar nada. Mantenho a casa em ordem. Sei cozinhar, minha vida não é totalmente triste".

Sobre a possibilidade de voltar a ver, Betty disse que "é preciso tempo", mas acredita na sua recuperação.

Quando lhe perguntaram: "Foi bom para você ter visto o mundo antes de ficar cega ou preferiria nunca ter visto", Betty respondeu: "Foi bom ter visto, porque pelo menos lembro-me de como são as coisas. Uma amiga minha, cega de nascença, perguntou-me outro dia de que cor é o céu quando chove. Respondi-lhe que era sujo. Ela me perguntou: "Sujo como?". E eu: "Sujo é cinzento, mais ou menos". Ela insistiu: "E o cinzento como é?"

Betty deseja rever o céu, antes de qualquer outra coisa.

"Adorava as noites do céu sereno no inverno. As estrelas são tão claras. Depois quero rever o mar, à noite, com as ondas prateadas pelos raios da Lua".



A MORTE JANTA NA CANTINA

QUANDO IA COMER uma macarronada autêntica, na noite de domingo de Carnaval, o sr. João Pessoa de Albuquerque foi morto a sôcos e pontapés dentro da Cantina Capri, em Copacabana (no Rio), onde era freguês há dez anos.

Motivo: fútil.

Os criminosos: Benito Mussolini e seu pai, Rafael Antônio Tucci, donos da Cantina.

O crime: cerca das 22 horas de domingo de Carnaval, o sr. Sílvio Siqueira da Cunha, acompanhado das sras. Jurema Volpi Fonn e Leticia Batista de Azevedo, entrou na Cantina Capri (rua Duvivier, 21, Copacabana) para se encontrar com seu amigo João Pessoa de Albuquerque. Ao ver que a gerência lhe reservara uma mesa de quatro lugares, quando pedira uma de seis, o sr. Sílvio Cunha dirigiu-se ao dono do restaurante, Rafael Antônio Tucci, e reclamou. Fregueses que jantavam na Capri e testemunharam que o dono da cantina e seu filho Benito Mussolini e o gerente Mário Zibelli começaram a ofender o sr. Sílvio Cunha. Quando a discussão era mais violenta, chegou o sr. João Pessoa de Albuquerque que, naturalmente, ficou do lado do amigo, ajudando-o a rebater os desaforos que recebia dos três homens.

Foi quando a briga começou e enquanto o sr. Sílvio afastava-se para retirar do ambiente as duas senhoras, Rafael,

Benito e Mário caíram de sôcos e pontapés sobre João Pessoa (é parente do próprio) até deixá-lo banhado em sangue.

Fugiram Rafael e Benito Mussolini, enquanto era prêso e conduzido ao 2.º D.P. o gerente Mário Zibelli, enquanto João Pessoa morria na ambulância que o levava para o Hospital Miguel Couto (Gávea). Seu laudo cadavérico, assinado pelos médicos Nelson Caparelli e José Alves Assunção, dizia:

"Notam-se numerosas equimoses subcêricas nos pulmões, ao nível dos sulcos interlobares. A morte foi motivada por ruptura do tronco basilar com hemorragia das meninges, produzida por ação contundente".

O que dizem as testemunhas:

que o sr. João Pessoa era homem educado e pacato e um dos mais antigos fregueses da Cantina, não tendo os seus donos, quando o espancaram, levado em consideração sua condição de freguês que gastava no restaurante há quase dez anos.

Muitos moradores residentes perto da Cantina Capri disseram que não foi esse o primeiro ato de vandalismo dos donos do restaurante e que se a Polícia não der um jeito, outros crimes virão. Informa que vários fregueses já foram expulsos da Capri debaixo de palavrões e empurrões e que há quase três anos Rafael e Benito Mussolini fizeram o mesmo com o sr. Foad, só que esse não morreu como João Pessoa.

O major Érico Lira, morador nas proximidades da Cantina Capri, disse que de vez em quando ali ocorrem cenas de violência e que "se eu tivesse testemunhado o crime seria o primeiro a comparecer à Polícia para prestar o meu depoimento porque não sou homem de meias palavras".

O COMISSÁRIO FARAH, que serviu no 2.º Distrito Policial e se encontrava — segundo testemunhas — na Cantina Capri (em Copacabana) quando seus donos — os italianos Rafael Antônio Tucci e seu filho Benito Mussolini Tucci (não é parente do próprio) — mataram a sôcos e pontapés na noite de domingo de Carnaval o comerciante João Pessoa de Albuquerque, não denunciou os criminosos porque é amigo deles e a eles ligado pela amizade de uma sobrinha com o filho de Rafael.

A reportagem de Polícia do Rio foi informada também de que o comissário Farah não evitou ou tomou conhecimento do assassinio e permitiu que os criminosos italianos fugissem para Jacarepaguá, só voltando para depor no 2.º D.P. oito dias depois do crime.

Na noite do crime, entre os amigos dos donos da Capri que acompanharam os depoimentos no 2.º D.P., encontrava-se o deputado Assis Bueno.

Uma das testemunhas, o engenheiro João Macedo Pereira (rua Duvivier, 1496, 2.º) disse que viu uma pessoa de cabelos grisalhos, com terno branco e um fumo na lapela na calçada após o crime (mais tarde sabia-se que essa pessoa era o comissário Farah).

A filha do engenheiro, quartanista de Direito, disse-lhe, assim que ele chegou em casa, que vira tudo da janela e que os agressores eram os donos da Capri, que após a agressão retiraram-se calmamente. Nenhum bloco carnavalesco passava no local.

O que dizem os criminosos: oito dias após o crime, livres do flagrante, acompanhados de seus advogados (os irmãos Evandro, Haroldo e Raul Lins e Silva), apresentaram-se no 2.º D.P. Rafael e Benito Mussolini, negando a agressão e afirmando que haviam saído da Cantina quando começara a discussão entre a vítima e o gerente Mário Zibelli.

No 2º D. P., Rafael Tucci (66 anos, fascista, comerciante, veio para o Brasil no tempo da guerra) disse que no domingo de Carnaval estava na porta da Cantina quando ouviu uma discussão dentro do restaurante. Na ocasião, passava em frente ao restaurante um bloco carnavalesco em grande algazarra (esse bloco não foi visto por nenhuma testemunha). Rafael entrou para ver o que ocorria quando viu o gerente discutindo com um freguês. Ao se aproximar, foi reconhecido pelo freguês, que mais tarde soube chamar-se Sílvio, que agarrou sua camisa e passou a chamá-lo de "carcamano, sujo e ladrão". Entraram na discussão o garção Sebastião Mantreolli, o gerente Mário Zibelli e agarraram o freguês, que estava embriagado, para retirá-lo, quando chegou o seu filho, Benito Mussolini, que estava em outro restaurante também seu, na mesma rua (Duvivier, 96-B). Benito Mussolini (26 anos, fascista) entregou a fêria ao caixa Salomão Adisi, pegou Rafael pelo braço e foram até à sua casa, à Av. Princesa Isabel, 16, Copacabana, onde já se encontrava um outro filho e daí rumaram para Jacarepaguá, para passar os outros dias de Carnaval. Souberam só pelo rádio mais tarde o que acontecera na Cantina.

A viúva: a sra. Zoraide Albuquerque (Av. Ataulfo de Paiva, 1.327, Leblon) é a viúva do sr. João Pessoa, e tem duas filhas, srtas. Célia Marques Pessoa e Dione Pessoa Aules Coimbra, disse que era casada há 22 anos e que seu marido era chefe de família exemplar, nunca brigaram. Ela apelou para o chefe de Polícia "para que não deixe esse caso ser abafado pelo dinheiro dos assassinos de meu marido".

Quando terminaram os depoimentos no 2.º D.P., na noite em que os Tucci se apresentaram, o delegado Jorge Pastor falava baixinho com o comissário César Cavalcanti, e dava

algumas gargalhadas. A viúva de João Pessoa aproximou-se do delegado e disse:

"Doutor, o senhor está zombando da desgraça alheia. Mesmo diante desse crime monstruoso o senhor ri, como está rindo, e não posso permitir esse abuso".

Mais desesperada, a sra. Zoraide Marques disse:

"O senhor está comprado e por isso quer subverter tudo para proteger esses monstros, mas não adianta".

O delegado ficou calmo e a senhora foi levada por familiares para fora da delegacia.

O que diz o delegado: que no caso há provas de autoria do crime, mas que no relatório que mandou para a Justiça junto aos autos do inquérito realizado no 2.º D.P. não apresenta provas conclusivas, limitando-se a fazer a juntada daqueles testemunhos e do auto de prisão em flagrante do gerente Mário Zibelli.

Coincidência: na 13.ª Vara Criminal, para onde deverá ser enviado o processo sobre o assassinato do sr. João Pessoa, já se encontram dois outros processos contra Rafael Antônio Tucci e Armando Dias Tucci, seu filho, um por espancamento em fregueses e outro por infração contra a Economia Popular.

O primeiro processo começou na noite de 19 de outubro de 1952, quando uma discussão entre fregueses levou os donos da Cantina à briga, sendo espancados vários freqüentadores do restaurante.

Final: os Tucci tiveram ordem de prisão preventiva e já se encontram no Presídio do Distrito Federal.

LEIAM

EU SEI TUDO

CONTOS — ROMANCES —
CIÊNCIAS — HISTÓRIA —
CURIOSIDADES — CINEMA
— LITERATURA E MUITOS
OUTROS ASSUNTOS —

Preço — Cr\$ 10,00

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA





EU VI UM MILAGRE DE N. S. DE LOURDES

"Que soy era Imaculata Conception" disse a dama do

LOURDES acha-se situada ao sul da França, sobre as vertentes dos Pirineus. Lá está a pequenina e risonha cidade, agarrada às fraldas da gigantesca cordilheira como a lhe pedir agasalho.

Lourdes já tinha fama histórica antes dos acontecimentos que lhe deram renome mundial. Ali estiveram os romanos no começo da era cristã; os mouros vindos da Espanha passaram por aqueles caminhos para invadir a França; Lourdes já foi teatro de grandes acontecimentos da Idade-Média até à época de Napoleão I.

Há uma ponte, "Pont Napoleon", ligando dois rochedos sobre um abismo profundo. Atravessei-a de automóvel para



chegar às aldeias de S. Souver e Cathereto, lá nas alturas dos Pirineus. É impressionantemente bela a natureza naquelas paragens montanhosas. Não somente o dorso colossal da montanha onde a neve que a envolve docemente se nos afigura um extenso lençol de cambráia, mas há outros relevos pitorescos que lhe dão encanto e magia: o Pico de Jer, o "Castelo", a Gruta do Lobo e a dantesca Gruta de Bethavran são recantos, entre outros, que dão regalo à vista da gente.

Foi por isso, assim o creio, que a Virgem S.S., artista soberana, escolheu aquele mimoso recanto da terra para trazer a sua mensagem de mãe bondosa aos filhos queridos, sequiosos de suas bênçãos maternas.

FOI a 11 de fevereiro de 1858. Três humildes camponeses andavam por aqueles arredores a colhêr gravetos que alimentassem a lareira, naquela estação do inverno, quando o frio era cortante. Enquanto duas delas atravessaram o Gave, um riozinho que por ali desliza suavemente, Bernadete Soubirous ficou a olhar o enegrecido rochedo de Massabièlle, ao lado.

De repente, uma luz estranha iluminou uma cavidade do rochedo e apareceu uma Dama de rara beleza, que lhe sorriu docemente, trazendo nas mãos um rosário. Quem seria? Bernadete, trêmula de emoção, caiu de joelhos e fez o sinal da cruz. Logo depois, desapareceu a Dama. Bernadete narrou o acontecimento às companheiras e mais tarde à sua mãe: não lhe deram crédito, recebeu severa repreensão.

A pobre mocinha teve, porém, o apoio moral de sua madrinha, Bernarda. Voltaram juntas à gruta. Foi no dia 14. Lá já se achava a Dama misteriosa, mas somente à Bernadete era dada a graça da visão. Trocaram algumas palavras. Pediu a Bernadete que ali voltasse 15 vezes; disse que naquele lugar se deveria edificar uma igreja onde os fiéis iriam em procissão de penitência. O acontecimento caiu no domínio público e da segunda aparição em diante ia crescendo o número de pessoas na gruta.

CERTA vez (foi no dia 25) os assistentes perceberam que a feliz mocinha, como em êxtase, de olhos fitos na cavidade do rochedo, parecia receber ordens. Bernadete cava um pouco de terra e, de repente, brota a água que se deveria transformar na fonte miraculosa. Estava ali um moço de 18 anos de idade, Jean Marie Laffon, cego congênito. Tomou um pouco da água e lavou os olhos e imediatamente viu-se curado. Foi o primeiro milagre.

Ouvi a narração deste fato por ele mesmo quando lá estive pela primeira vez. Tinha ele então 85 anos de idade. Tremiam-lhe os lábios quando me falava e o meu coração saltou aos olhos transformado numa lágrima.

Seguiram-se outras aparições, até que chegou o dia 25 de março. A Dama misteriosa ia identificar-se. Quem sois? — interroga Bernadete. E ela, sorrindo docemente, respondeu: **Que soy era Imaculata Conception**, no dialeto da terra, ou seja: **Je suis l'Immaculée Conception**. Era Maria S.S. confirmando o dogma que há 100 anos (1854), por ocasião do Concílio do Vaticano, declarou-a concebida sem pecado.

Era, assim, a Augusta Soberana dos Céus que viera à terra, escolhendo uma humilde camponesa, analfabeta, como intermediária da sua mensagem de bênçãos e consolações.

MAS, não pensavam assim as autoridades civil e eclesiásticas. Começou, então, a terrível odisséia da pobre mocinha, tida como visionária e até exploradora da crença popular. O prefeito, barão de Massy, deu ordens severas ao "maire" mr. Lacadé: guardas armados eram postados no local das aparições para impedir o acesso de quem quer que fôsse.

O Pe. Peyramale, cura da cidade, fizera a moça sofrer bastante com interrogatórios insistentes e muito pouco caridosos. Enquanto isso, D. Laurence, bispo de Terbes, a que pertencia Lourdes, nomeou uma seleta comissão de sábios teólogos para examinar, prudentemente, o caso.

E assim iam correndo os meses.

Conta-se que, por esse tempo, uma senhora da elite social se aproxima da fonte para apanhar uma garrafinha d'água.

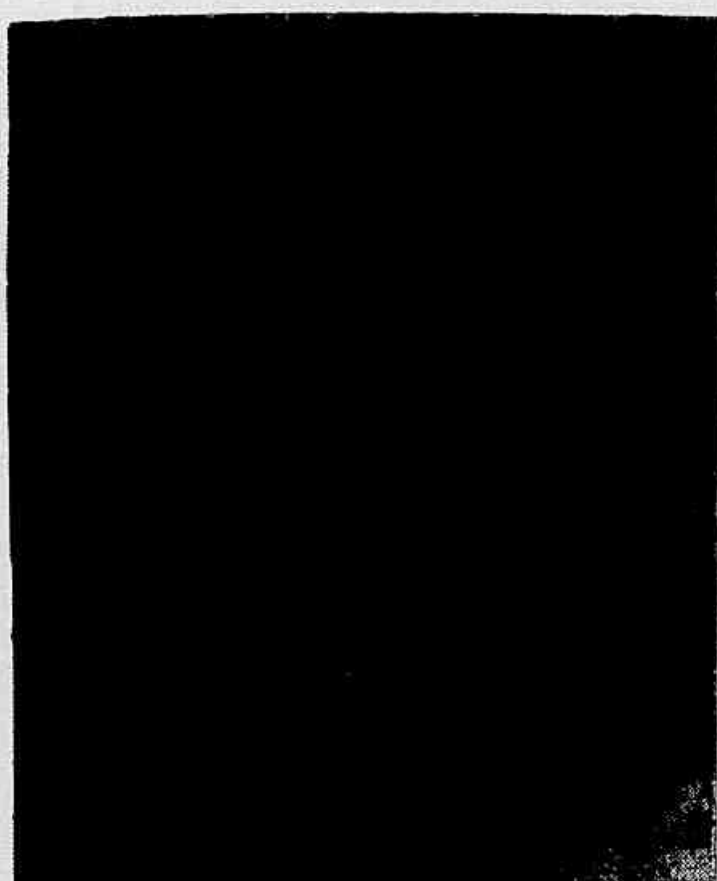


É detida. Interrogada mais tarde diz, para assombro dos presentes, que era Dama de Honra da Augusta Imperatriz, que mandava buscar para Sua Alteza o príncipezinho doente um pouco daquela água, que já era conhecida na Corte pelas suas propriedades miraculosas. Disse lamentar ter infringido a lei. É mais fácil imaginar do que descrever a cara daqueles ingênuos guardas.

O certo é que Napoleão III, nessa época Imperador da França, sabedor do fato, determinou que fôssem suspensas

a da rara beleza a Bernadete

aquelas medidas vexatórias à crença dos fiéis. E tudo serenou. Logo depois, a comissão encarregada de estudar o rumoroso caso, apresentou a D. Laurence o resultado de



suas pesquisas. O Prelado, depois de minucioso exame, declarou oficial e publicamente, em 1862:

"A Dama misteriosa que apareceu à Bernadete era verdadeiramente Maria S.S. e aquele lugar seria transformado em Santuário de romarias religiosas para os fiéis de todo o mundo".

E Lourdes entrou para a História. Tornou-se, desde então, o pólo magnético para atrair o coração da humanidade; mais do que isso, o sanatório bendito para cicatrizar as feridas do corpo e o bálsamo celeste para sarar as chagas da alma, por vezes mais dolorosas.

ENTRETANTO, os anticlericais ergueram-se contra Lourdes. Exploraram tudo. Criou-se uma literatura agnóstica contra a cidade da Virgem. Tudo debalde.

Os dentes arreganhados dos inimigos quebraram-se de encontro ao rochedo de Massabielle, transformado pela Augusta Soberana em seu trono na terra. Enquanto, de um lado, ergue-se o furioso vendaval, do outro caem as mais copiosas bênçãos do céu. Quem vem de Lourdes traz bem dentro do coração uma intraduzível, imorredoura saudade daquilo que seus olhos viram e sua alma sentiu.

As 6 horas, ao pôr do sol, os peregrinos vão se aproximando da Gruta, tomam uma vela com seu envelope e entram na fila. É interessante! Pouco importa que seja um bispo depois de uma criança; uma velhinha depois de um sacerdote, ou um hindu depois de um brasileiro. Todos seguem através da vasta e graciosa esplanada cantando o conhecido hino "Lou-vando Maria o anjo fiel", cada qual no seu idioma, com o mesmo ritmo, sob a mesma cadência. É impressionante! Voltando, uma hora depois, colocam-se em semicírculo em frente à suntuosa basílica. Nesse momento o Cura pede que se cante o Credo em latim. É um símbolo. É uma imagem da unidade da fé. É o atestado da mesma crença daquela multidão de fiéis de todas as condições sociais e vinda de todos os recantos da terra. E isso acontece diariamente.

Uma centena de catres é carregada para a sombra das árvores que envolvem a esplanada. São os doentes, levados pelos seus parentes e amigos. Ouvem-se ali, somente, os gemidos provocados pela dor e o murmurar das preces. Aparece um bispo, ladeado por dois sacerdotes previamente convidados, trazendo sob a "Unióella" o SS. Sacramento. Vai dar a bênção a cada um dos doentes.

E quantas curas maravilhosas por vezes se realizam! E como é impressionante aquela oração comovida, que mais

parece um grito do coração angustiado! Essas coisas se sentem, mas não se descrevem!

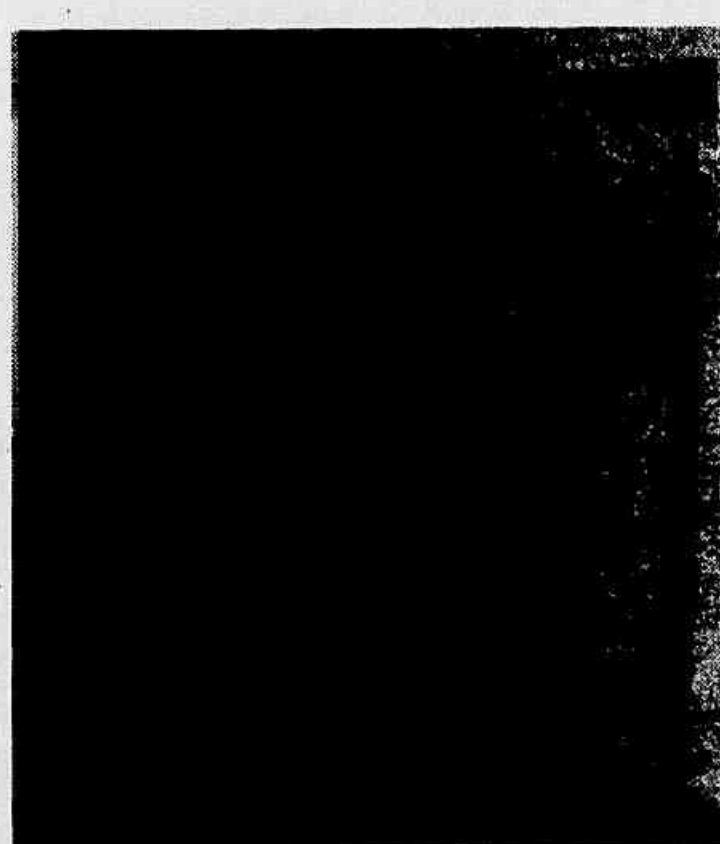
E um monte situado à esquerda da suntuosa basílica. Sobe-se em rampa suave. Ali se acham dispostas as 14 Estações da Via Sacra, em bronze, tamanho natural e acabamento impecável.

Chega-se, finalmente, à última Estação: Jesus Crucificado. Ao pé da Cruz Maria SS., S. João e Madalena, com fisionomias desfiguradas pela dor. Quando, certa vez, subi ali, escurecia. Na penumbra divisei vultos que se moviam, como a dar vida ao quadro. Eram fiéis que rezavam. Ao descer, os carrilhões da igreja, ao longe, tocavam a Ave-Maria.

É um vasto gabinete, onde médicos de todos os países e professando todas as crenças fazem os diagnósticos dos enfermos antes de experimentarem o efeito prodigioso da água miraculosa. Muitas vezes são doentes incuráveis, desenganados pela medicina. Mas, quase sempre, no dia seguinte, voltam para novo exame e, assombrados uns e maravilhados outros, verificam os médicos que a doença desapareceu, como por encanto: ali estão criaturas sadias e felizes.

Foi da segunda vez que estive em Lourdes. Tratava-se de uma senhorita espanhola, vítima de mielite, há 9 anos em seu leito, só podendo mover os olhos. Era uma manhã cheia de luz e cheia de graças. Uma multidão de peregrinos aguarda, ansiosa, que ela chegue à gruta. Carregam-na para a piscina. Notava-se um silêncio expressivo, somente interrompido pela prece — em vários idiomas. De repente ela aparece, pálida, transfigurada pela emoção. Andando vagarosamente, mas andando sozinha, segue para a gruta ao lado e cai de joelhos! Ninguém se conteve. Um grito, saído do coração, ecoou: Milagre! Milagre!

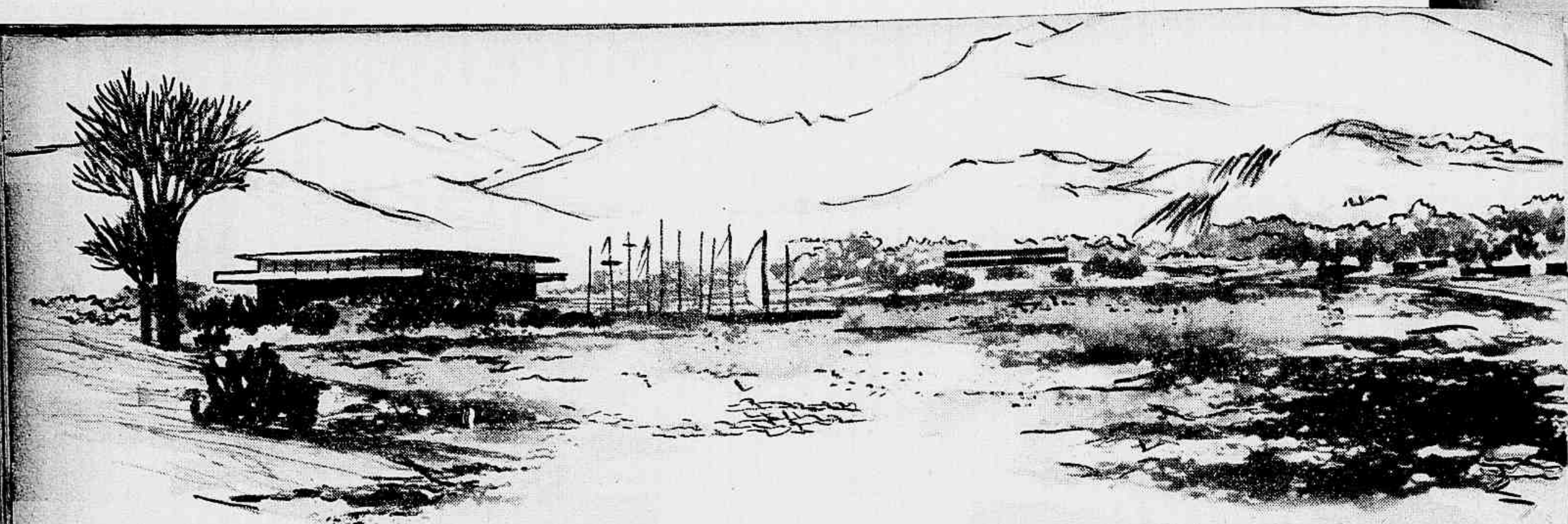
Em Lourdes não há clima para a incredulidade, que ali baqueia ante a evidência. Ali, quando a prece chega aos lábios, já encheu o coração. Passaram-se 100 anos. No dia 11 de fevereiro último a Igreja, comovida, celebrou com júbilo e gratidão o centenário das aparições. De todos os recantos da terra os olhos da cristandade católica se voltaram para a mimosa gruta de Massabielle como se aquilo fôsse, verdadeiramente, a antecâmara do Paraíso.



Muito lido e viajado, o padre Ulisses Maranhão pertence a uma das mais tradicionais famílias do Rio G. do Norte e já escreveu ótimas crônicas de viagem, contando o que viu no Velho Mundo.

Ele é professor de História e Línguas e escreve "à boa maneira antiga".

É sua a reportagem sobre a Virgem de Lourdes, comemorativa do centenário das aparições.



Lago e Hotel. Ao fundo uma cachoeira.

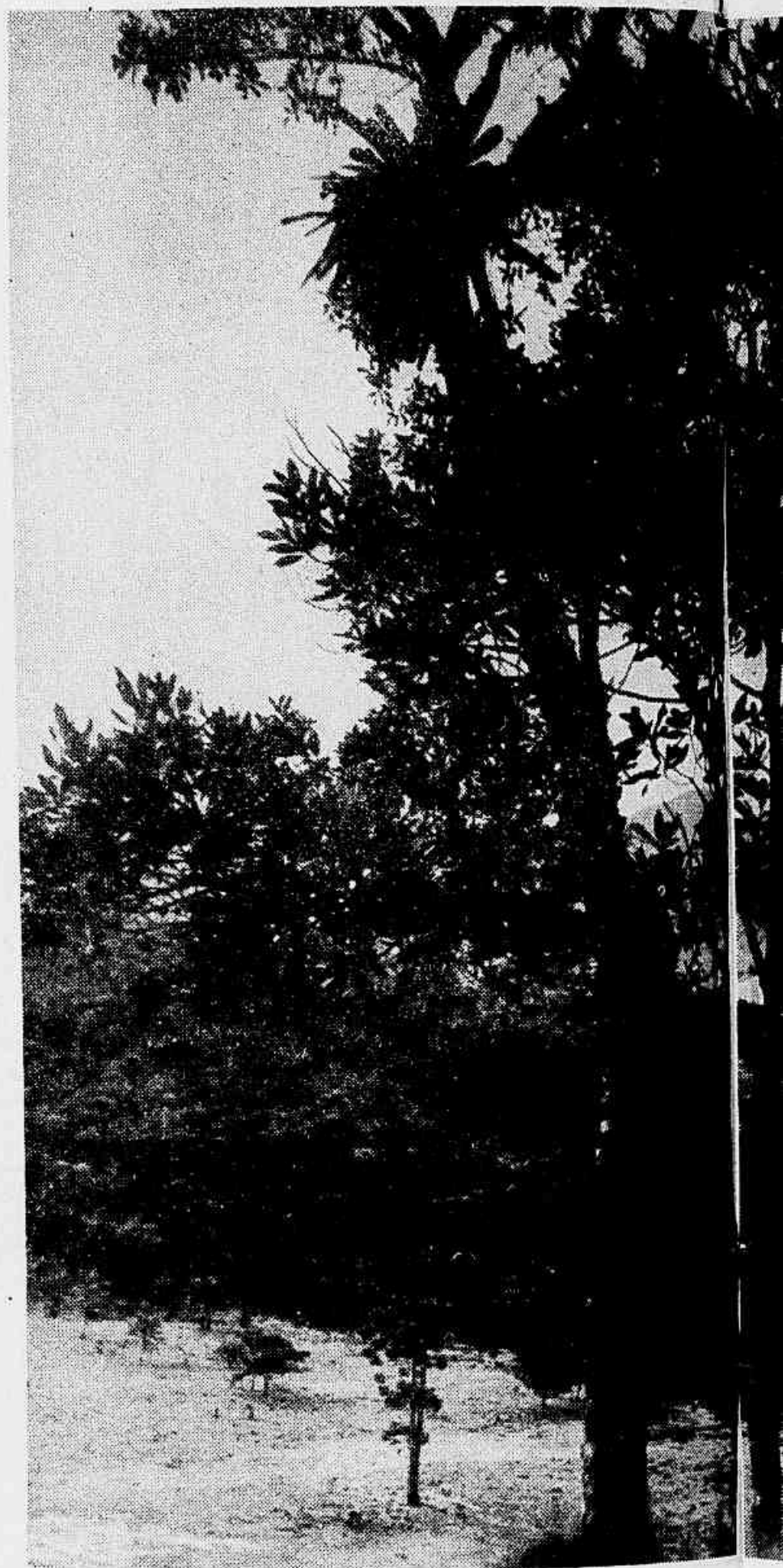
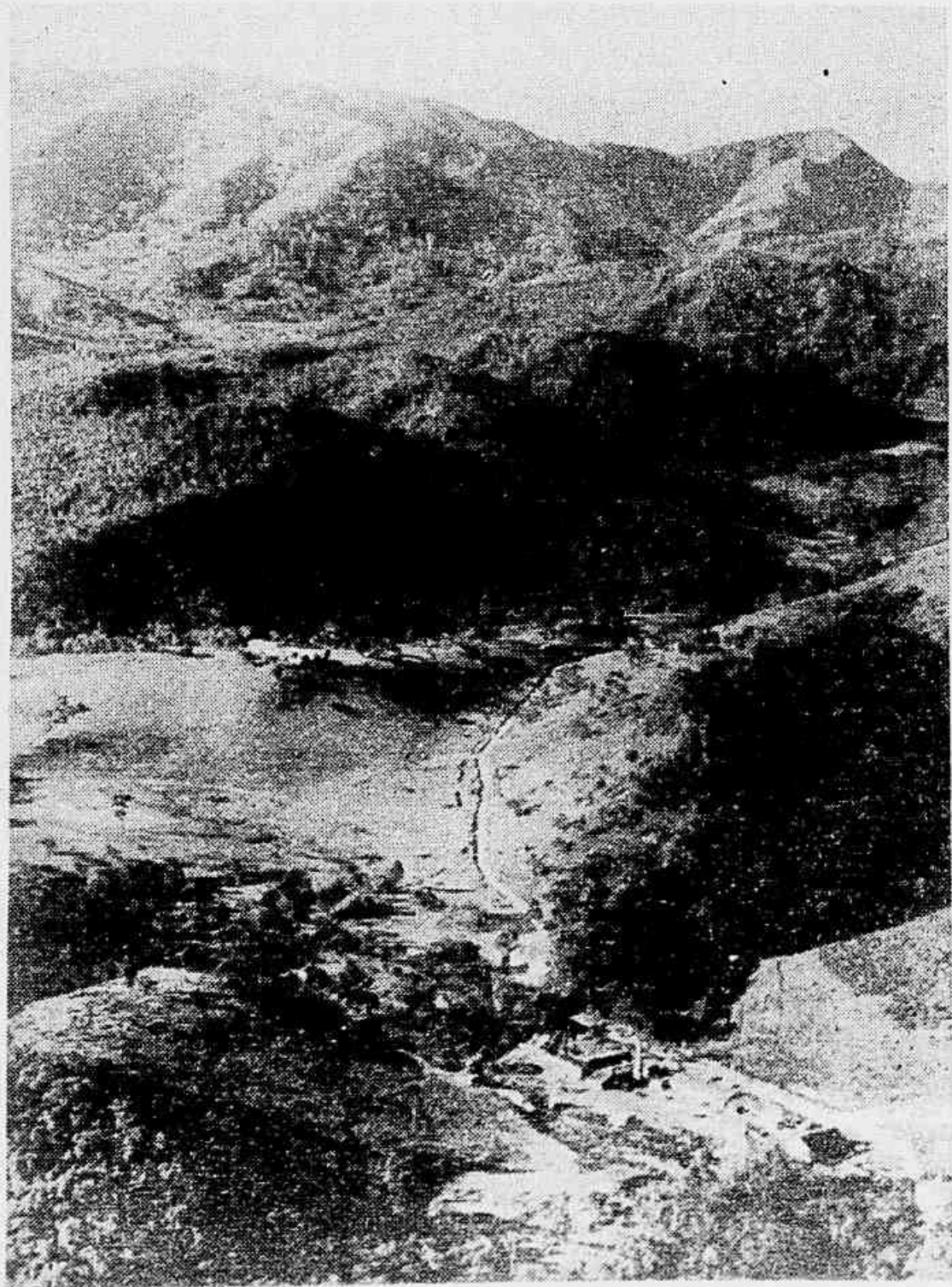
NA SERRA DA BOCAINA, numa das mais lindas regiões que integram a Serra do Mar, está sendo criada uma cidade climática para mais de 20 mil habitantes.

O que determinou a construção dessa cidade foi o fato de não terem as populações do Rio e do Estado do Rio (principalmente a gente do Vale da Paraíba, onde estão prósperas cidades como Volta Redonda, que apresenta a maior renda média per capita do Brasil) uma cidade para o veraneio com as características de clima de montanha. Assim como Campos de Jordão para os paulistas.

O QUE SERÁ A CIDADE CLIMÁTICA DE BOCAINA

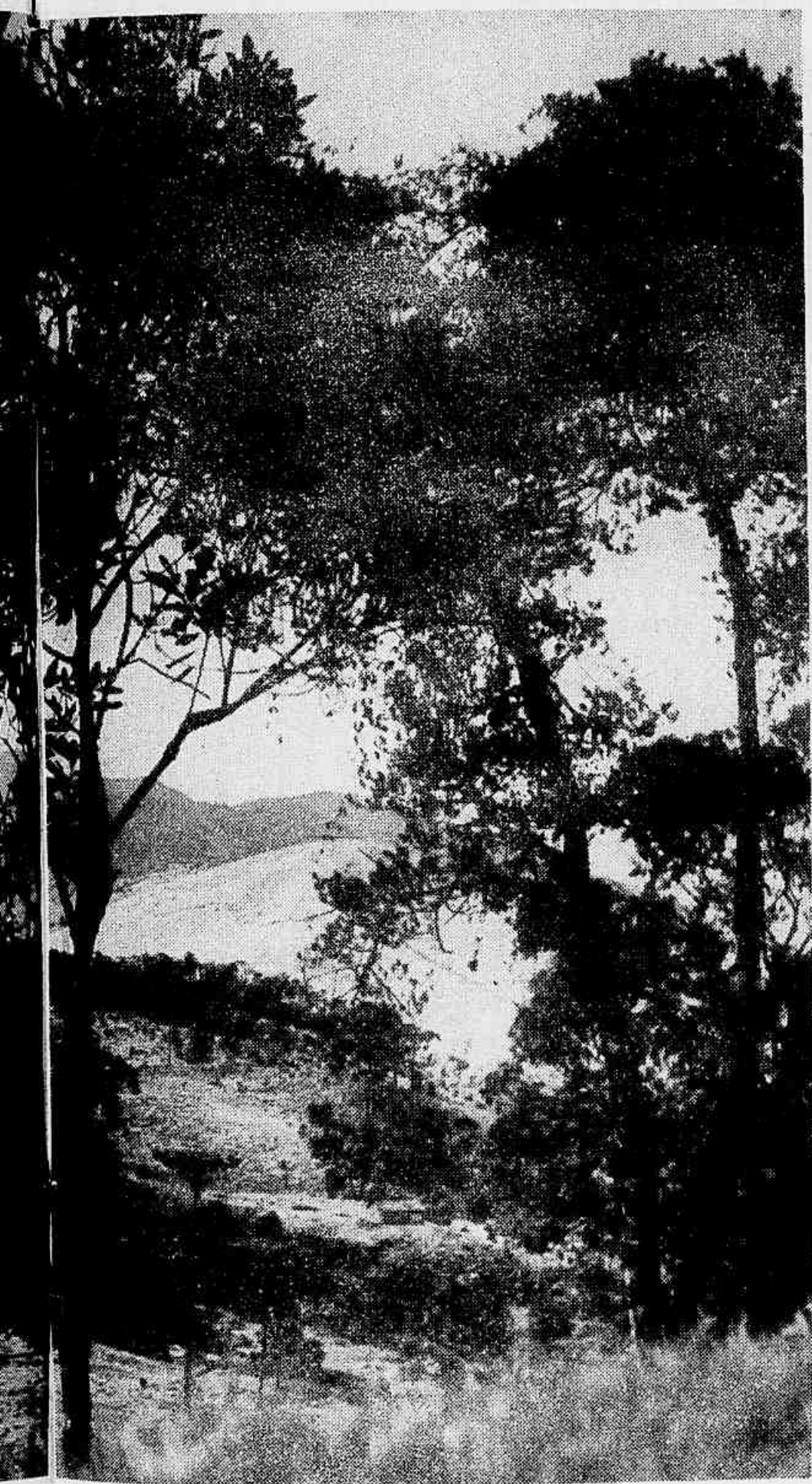
O grupo Spitzman Jordan, lançador do empreendimento, reuniu uma equipe de técnicos chefiados pelo arquiteto e urbanista Paulo Eduardo de Hungria Machado, para preparar os estudos e projetos. Estes, executados, farão de Bocaina uma cidade ideal de veraneio, praticamente auto-suficiente, com boa capacidade de produção agrícola e bovina, com facilidades para aquisição de material de construção, com divertimentos no perímetro urbano e outras facilidades

Um dos vales da Bocaina.



Bosques de eucalipto e pinheiro

NASCE UMA CIDADE NA SERRA DA BOCAINA



que serão apresentadas em reportagens subseqüentes e principalmente na ocasião da apresentação formal do projeto-mestre da Cidade da Bocaina.

A Cidade da Bocaina está planejada e será executada dentro do mais moderno padrão internacional para o gênero, obedecendo à orientação de integrar o homem, a casa e a natureza.

Entre os pontos altos do projeto estão :

1. um lago de cinco quilômetros de extensão, que permitirá a prática de desportos náuticos;
2. três hotéis;
3. campo de golfe;
4. trilhas para passeio a cavalo;
5. clube hípico;
6. clube de pólo;
7. clube de tênis;
8. três country-clubs;
9. cinco centros comerciais;
10. campo de aviação;
11. anfiteatro para festivais de música;
12. teatro coberto.

CARACTERÍSTICAS DA REGIÃO

O ar da Bocaina é extraordinariamente seco e as noites são frias, mesmo no verão.

A região é composta de belíssimos e enormes vales, onde se localizarão as melhores residências, abrigadas dos ventos fortes.

Tôda a Bocaina é cortado por rios e encontram-se por tôda parte cachoeiras e cascatas, inclusive a Cachoeira dos Pilões — uma das mais importantes do país.

O Serviço de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura já iniciou uma criação de trutas nos rios da Bocaina com ótimos resultados: os rios da região já estão cheios de trutas — o peixe considerado mais fino de todos.

O ACESSO A BOCAINA

A Bocaina está localizada no Município de Bananal, Estado de São Paulo. O acesso se faz pela Estrada Presidente Dutra até Passa Três ou Barra Mansa (está em construção a ligação Barra Mansa — Bananal) tomando-se depois, até Bananal, pela antiga e ainda excelente Estrada Rio — São Paulo.

O percurso de Bananal ao alto da Serra representa, aproximadamente, 25 quilômetros.

É para a modernização desta estrada que os empreendedores da Cidade da Bocaina apelaram ao Governo Federal, reunidos a dezenas de outros pequenos e grandes proprietários, representando muitos milhares de alqueires de terra fértil e inexplorada, a menos de três horas do Rio de Janeiro (2 hs. 45).

Juracy Magalhães

"EM 1960"

JOCALITE



"Devemos considerar sempre a possibilidade de alianças que facilitem o acesso do partido ao poder. Devemos agir em relação aos poli

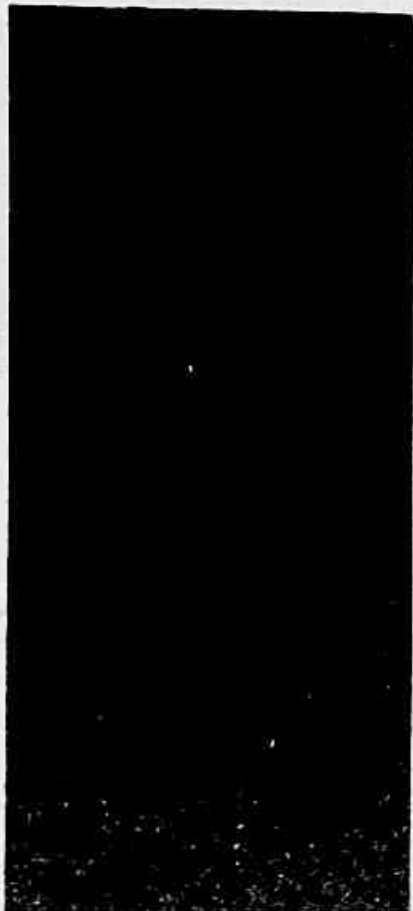
O REALISMO UDENISTA não deve ser escrito entre aspas porque o objetivo legítimo de todo partido político é o poder ("para servir ao povo") e a UDN, que perdeu todas as eleições nacionais de 1945 até hoje, pretende ganhar em 1960 ("a UDN, em 60, vai pra cabeça").

Numa entrevista exclusiva para a REVISTA DA SEMANA o senador Juracy Magalhães, presidente da UDN, definiu pela primeira vez o realismo de seu partido (cuja formulação é principalmente sua) e a posição que ele vai ter nos mais importantes problemas políticos nacionais.

O senador deu sua entrevista por escrito, respondendo a perguntas. Usou 4 mil palavras.

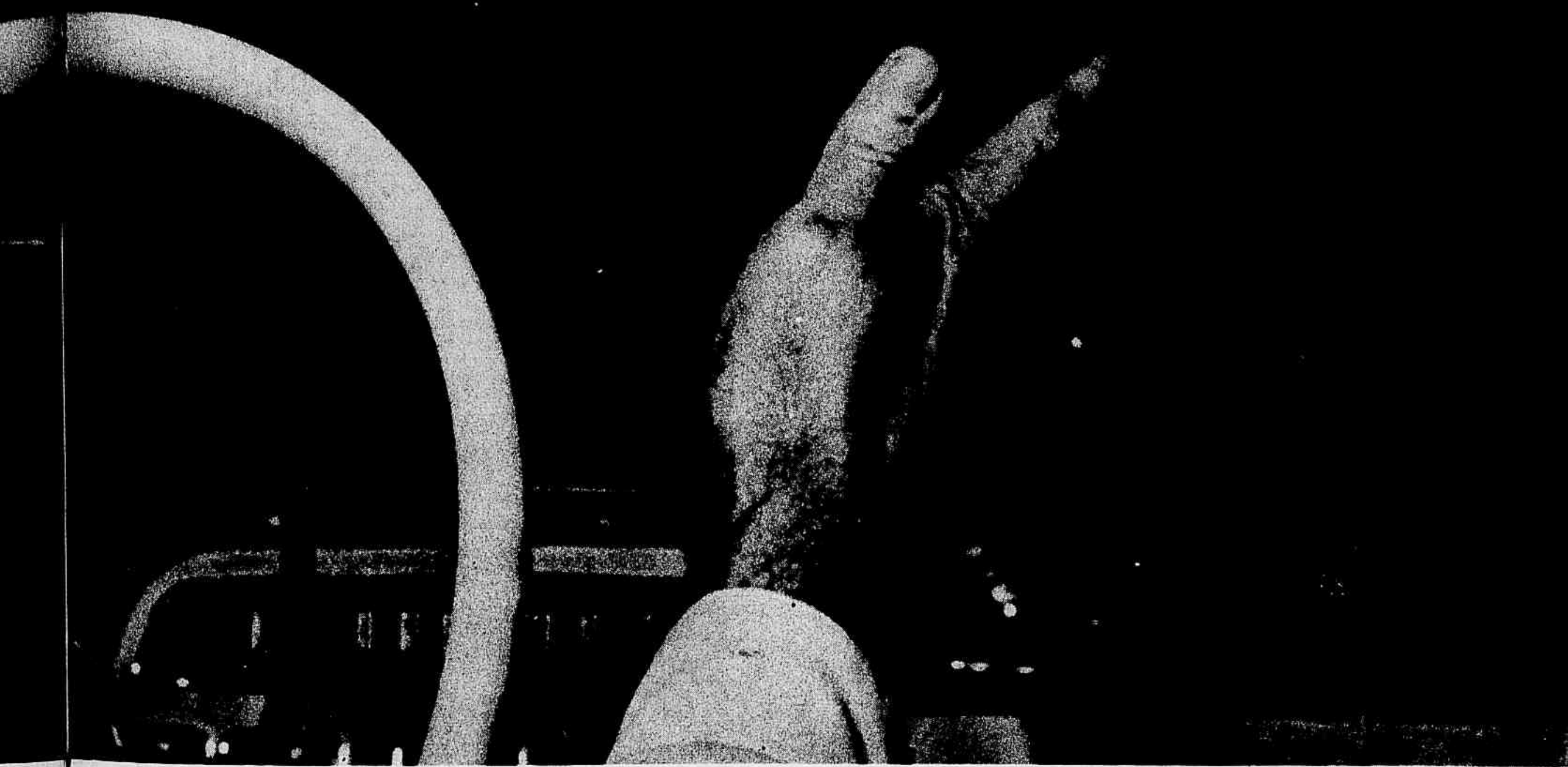
Quais os objetivos políticos da UDN?

O Partido que promoveu e dirigiu a reconquista da vida democrática brasileira continuará cumprindo os seus deveres



de op
vêrn
maléfi
hones
Ben
espera
Com
O r
igual
instru
serve
Não
oportu
o pod

lhês não quer que se escreva realismo entre aspas:



a relação política e partidos de modo a neutralizá-los ou fortalecê-los, conforme seja útil aos objetivos udenistas".

de oposição, fiscalizando permanente e atentamente o governo que desserve ao povo, assim diminuindo-lhe os efeitos maléficos e desta forma estimulando-o a adotar práticas mais honestas e mais eficientes na gestão da coisa pública.

Bem cumprido o seu dever de partido de oposição, a UDN espera crescer para vencer.

Como definir o realismo udenista?

O realismo udenista não deve ser citado entre aspas. É igual ao realismo de qualquer outro partido político. É um instrumento eficiente, idôneo, de que homens idôneos se servem em busca de eficiente realização para os seus ideais. Não se confunde com velhacaria, com desonestidade, com oportunismo, com ardilosas promessas à cata de escamotear o poder para o simples desfrute do governo.

O realismo udenista jamais pretendeu fazer *tabula rasa* dos princípios morais que informaram e conformaram a UDN desde que ela nasceu. Apenas procura enxergar os fatos como eles se apresentam e não como desejaríamos que eles acontecessem.

Agimos realisticamente quando verificamos que o firme e leal combate à desonestidade administrativa apenas sensibilizava uma parcela insignificante da opinião pública. Não deixamos nem deixaremos de denunciar os corruptos e os corruptores, mas não gastaremos mais o melhor das nossas energias nesse trabalho infrutífero. Buscamos uma outra linha de ação que nos permita conquistar as massas eleitorais. Batemos às portas dos sindicatos mostrando aos trabalhadores que eles não são propriedade de partidos ou de homens e que suas aspirações encontram ressonância real em nosso Partido. Ainda na mesma linha de popularização do Partido

ALGUNS FIZERAM RESTRIÇÕES AOS VOU AS NEGOCIAÇÕES, QUE PRO

junto aos trabalhadores e aos funcionários, tomou a UDN a iniciativa (através do projeto de salário-móvel) de colocar o governo num dilema: ou combater, seriamente, a inflação ou sujeitar-se às revisões periódicas de salários e ordenados, para reajustá-los.

Quando chegou ao Congresso o projeto de aumento de vencimentos para militares, em caráter de urgência, a UDN exigiu que igual urgência fôsse adotada para o projeto de novos níveis de salário mínimo para os trabalhadores e para o de aumento de vencimentos e reclassificação dos funcionários públicos. Os partidos que vivem da exploração do favor e do voto dessas classes reagiram acusando-nos de demagogos. O que nós fizemos foi jogá-los contra a parede com seus próprios métodos. O governo traçou e começa a executar um plano estratégico de isolar nosso Partido, para reduzi-lo à expressão mais simples, inclusive procurando dizimar — pela coação e corrupção — as nossas próprias fileiras, como provei no Senado. Nós reagimos escolhendo linhas de ação estratégica que nos levem a alianças com outros grupos políticos que o governo julgava inacessíveis à nossa influência e penetração. Para tanto não se ouviu dizer que a UDN participasse de bandalheiras ou de negociatas que ameaçassem, mesmo de leve, o patrimônio moral do Partido. Aliada a outros partidos ou agindo isoladamente a UDN não se comprometerá, agindo realisticamente.

Já estamos cansados e mesmo saturados de certo tipo de apartadores de briga que, apregoando simpatia e até mesmo solidariedade conosco, na hora da luta nos agarram pelos punhos, facilitando as manobras dos nossos adversários que nos malham livremente, à vontade, com maior eficiência.

Os rumos do Partido foram fixados numa Convenção Nacional e a maneira de cumpri-los é examinada em reuniões semanais do Diretório, onde todos falam livremente, pois uma

das características de nosso Partido é não ter donos, nem ser propriedade de grupos econômicos ou de indivíduos.

As eleições deste ano serão o primeiro teste, o exame crítico inicial dos métodos realistas da atual direção do Partido que proclama, com orgulho, a plena concordância dos Diretórios Regionais e Municipais com as linhas de ação que vem trilhando, realisticamente.

Como julga a UDN o balanço de sua atuação no cenário político nacional, desde 1945? Teve êxitos? Derrotas? Por que a UDN tem perdido as eleições nacionais?

No crédito da UDN deve ser lançado a sua luta pelo restabelecimento da Democracia e pelo aperfeiçoamento do regime. E a sua presença nas trincheiras da oposição, sem a qual não se mantém o diálogo democrático, indispensável ao regime.

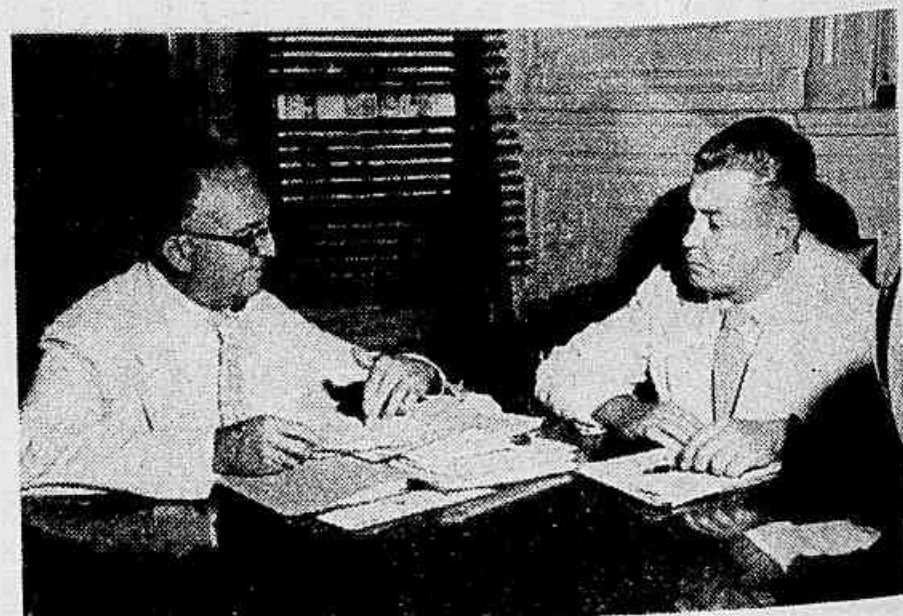
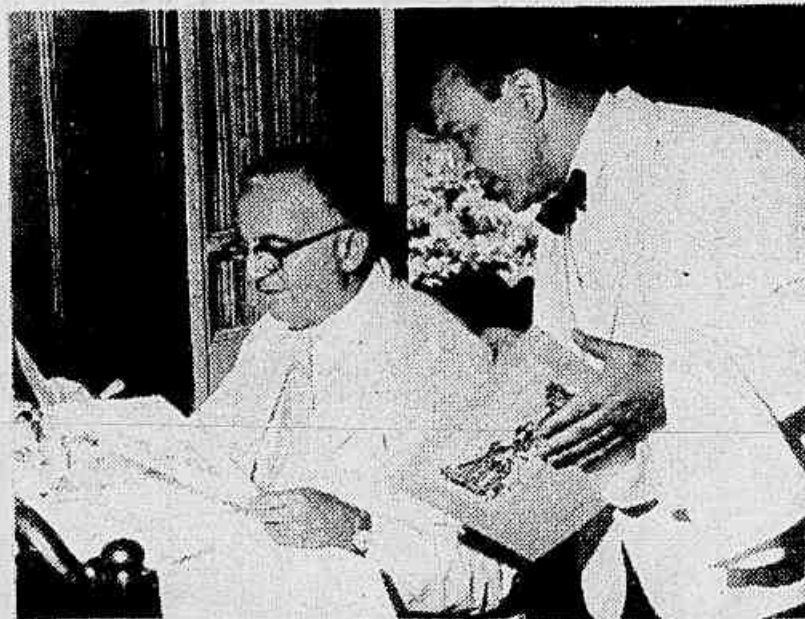
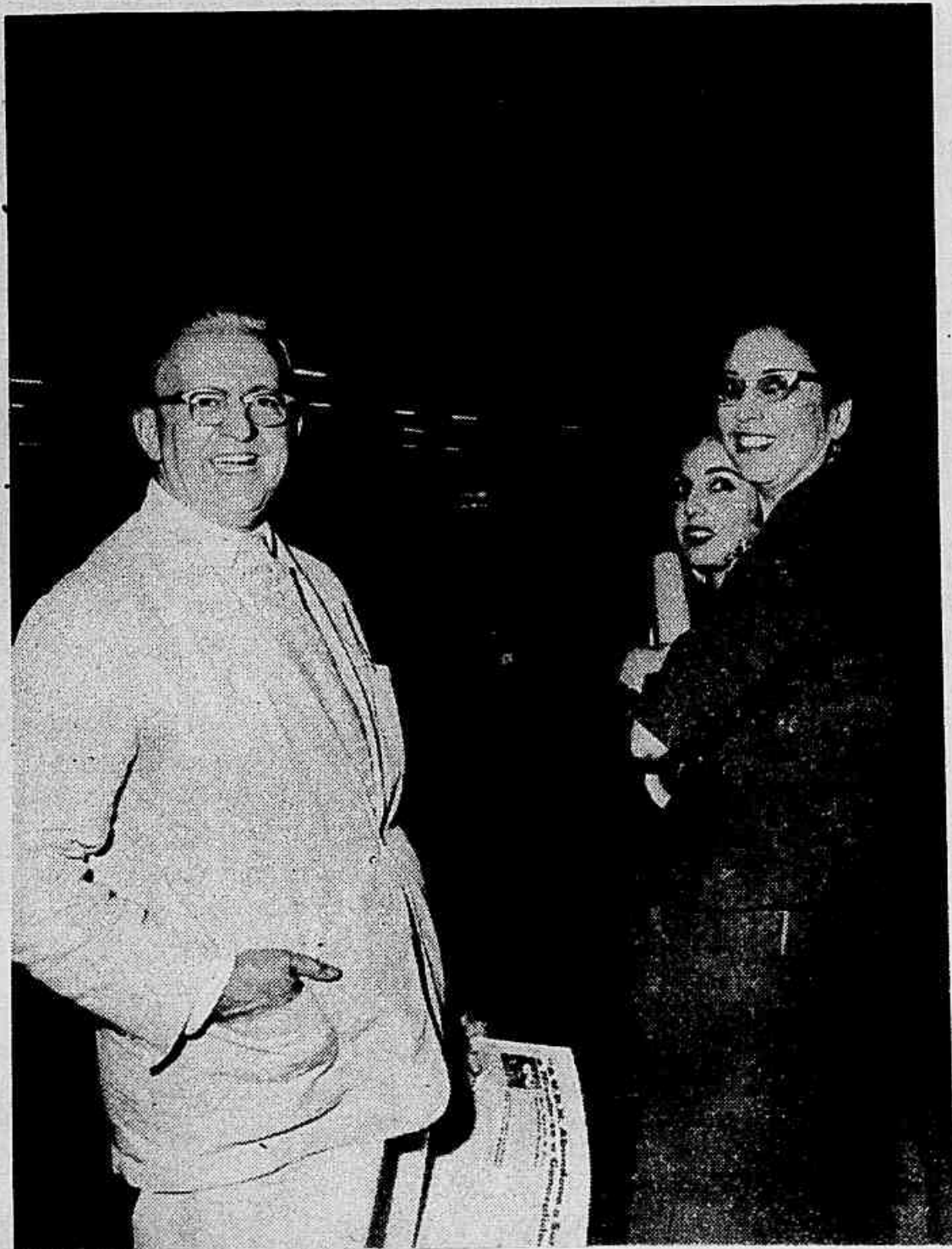
Suas derrotas contam-se como vitórias, pois foram campanhas memoráveis pela educação do povo para o exercício da Democracia.

As três campanhas que perdemos foram derrotas que continuaram a série de desenganos vividos e sofridos nas batalhas eleitorais do Civilismo de Ruy Barbosa, da Reação Republicana e da Aliança Liberal.

Perdemos sempre as eleições nacionais porque ficamos isolados, em frente de uma coligação de forças dispostas e mobilizando recursos invencíveis.

Só agora as contradições internas dos partidos da maioria começam a se caracterizar em desagregações inevitáveis e crescentes. PSD e PTB vieram unidos até aqui por milagres de astúcia que amalgamaram conservadores e trabalhistas numa só massa. O negócio já deixou de ser bom para as duas partes... Irá desfazer-se fatalmente.

Juracy, no aeroporto, esperando o deputado Ruy Santos.



ENTENDIMENTOS COM ADEMAR. MAS O PARTIDO APRO- SSEGUEM.

Será a hora da UDN caminhar para a vitória, pois a democracia só se consolidará no Brasil quando um movimento de oposição que cresça nas praças públicas leve ao poder um partido com programa, responsabilidade e quadros dirigentes de que o povo, efetivamente, participe.

Como encara a UDN o balanço de sua atuação no governo Café? Sua posição atual frente a Café? Suas responsabilidades pelo governo Café?

A UDN participou, por alguns de seus membros, no governo Café Filho, como o fez — em menor escala — nos governos Eurico Dutra e Getúlio Vargas. O sistema de participação de udenistas, sem a responsabilidade partidária, em governos eleitos por outros partidos não aprovou, segundo o pensamento geral no Partido.

Serviu, no entanto, como uma pequena demonstração das responsabilidades dos homens udenistas.

A UDN foi unânime na defesa do mandato do presidente Café Filho, contra o ato de força que o retirou do poder. Da mesma forma aprecia os frutos de sua fecunda e honrada administração.

Não podemos deixar de apreciar a impecável compostura com que se vem mantendo em seu injusto ostracismo político.

Por que Juarez não se fixou na UDN e por que a UDN não fixou Etelvino?

A pergunta seria melhor respondida pelos dois ilustres patricios.

Procurei Juarez, convidando-o a entrar para o nosso Partido, mas já o encontrei comprometido com outra agremiação.

Nenhuma tentativa fiz junto a Etelvino por não me parecer

oportuno, diante das conhecidas incompatibilidades que o separam dos nossos companheiros pernambucanos.

Definir a posição da UDN em face de Jânio, Jango, o PTB, Ademar, o PCB.

Eu acrescentaria ainda outros nomes e outras siglas. A UDN os considera a todos — homens e partidos — como componentes do sistema de forças atuando na política do país. Ignorá-los seria um erro.

Devemos agir para neutralizá-los ou fortalecê-los, conforme seja útil aos objetivos políticos do Partido. Devemos considerar sempre as possibilidades de alianças que facilitem o acesso do Partido ao poder. Todo ato político importa numa escolha entre duas soluções, onde vantagens e inconvenientes nunca se alinham de um lado só. É preciso ponderá-las, convenientemente, para fixar os caminhos proveitosos aos objetivos políticos do Partido.

Como explica o combate ao PTB no plano nacional e as alianças estaduais (Ceará, Bahia, Estado do Rio)?

Preliminarmente, não existe, por parte da UDN, a preocupação de combater o PTB no campo nacional.

Temos nos entendido, inúmeras vezes, com as bancadas petebistas nas duas Casas do Congresso, em face de problemas concretos que interessam às duas agremiações, como combatemos, sem trégua, a responsabilidade direta do PTB na criação do pandemônio no campo da Previdência Social, onde desonestidade e incompetência lutam para ver quem desserve mais à causa pública.

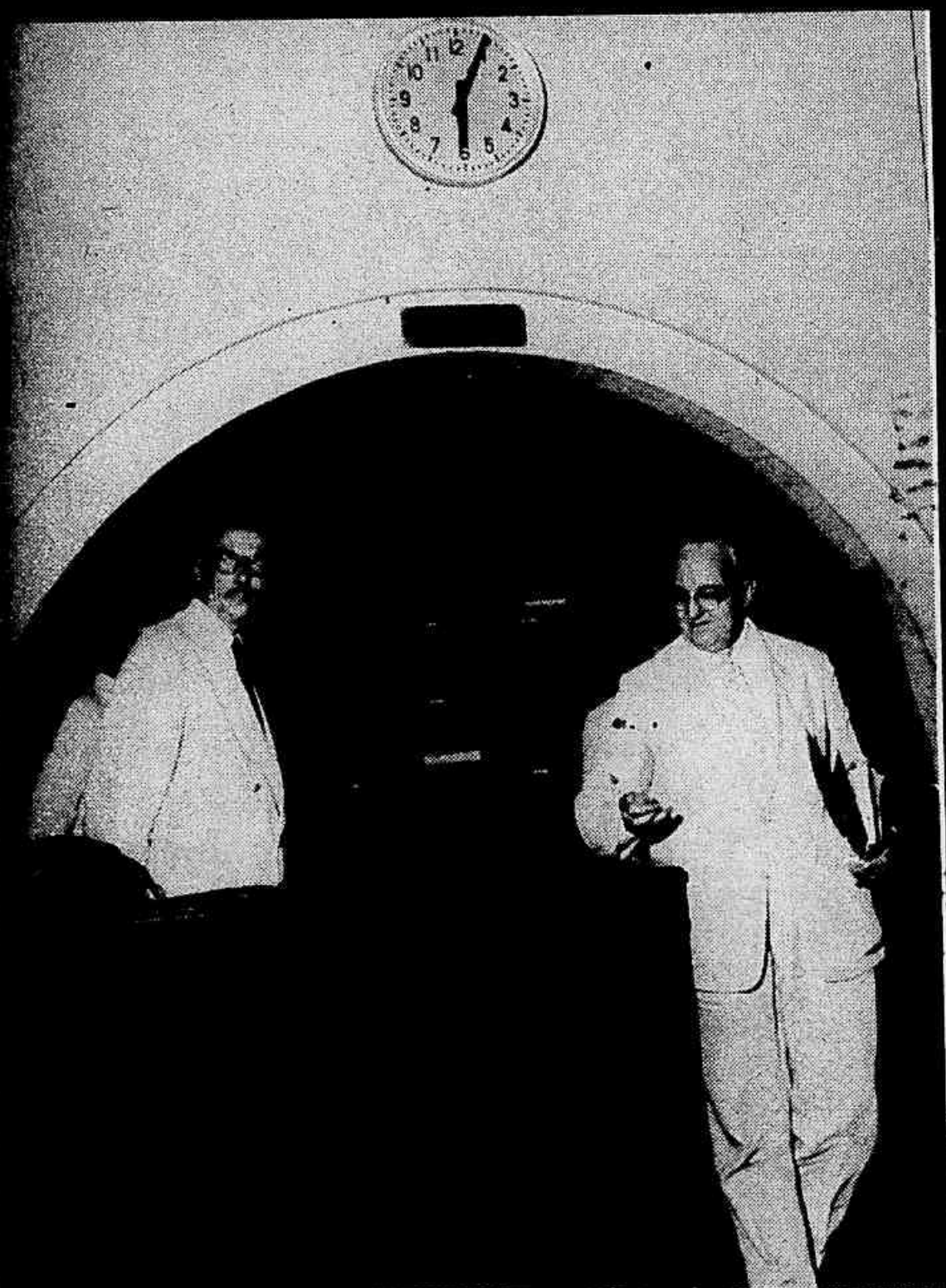
Quanto às alianças estaduais: a UDN atribuiu liberdade às suas seções estaduais para realizarem as alianças conve-

Juracy, na sede da UDN, conversa com o deputado Rafael Corrêa de Oliveira.





**"Os partidos que
vivem da exploração
do favor e do voto do povo
reagiram acusando-nos
de demagogos.
O que nós fazemos é jogá-los
contra a parede
com seus próprios métodos".**



nientes ao programa de ampliação de suas bases eleitorais. Mas não fez mais do que sancionar um critério que já vinha sendo usado, na prática.

Nenhum partido tem força para impedir essas alianças. A UDN, no entanto, exige de suas seções estaduais que não assumam compromissos contrários à linha nacional do Partido.

Qual a base da política udenista quando entrega governos estaduais ao PTB em troca de senadórias (Estado do Rio, Bahia, Piauí) ?

A UDN não entrega, por gosto, nenhum governo estadual aos demais partidos políticos. Sabe, porém, que a "política é a arte do possível". E age em consequência. Depois de bem avaliadas suas forças, escolhe a UDN, entre as soluções possíveis, aquela mais conveniente à defesa de seus interesses.

Só aconselha coligações, com grande possibilidade de vitória, pois para perder é sempre preferível perder sozinho. Nos três Estados apontados, se resultarem das composições entabuladas, três senadores para a UDN, sentir-me-ei muito feliz.

E como é que a UDN vai resolver o problema da aliança com Ademar no Estado do Rio (apoio à candidatura Arinos) e a posição anti-ademarista de sua seção paulista ?

Seria tão absurdo a UDN fluminense interferir nas ligações da UDN paulista com o governador Jânio Quadros, como este tentar dificultar uma aliança política entre pessepidistas e udenistas no Estado do Rio.

E, de fato, essa interferência não existiu. A seção de São Paulo achou prudente manifestar, mais uma vez, de público, sua posição anti-ademarista, o que fez sem nenhum choque com a direção nacional.

Esse pronunciamento, por outro lado, em nada altera o entendimento entre as direções da UDN e do PSP para encontrar uma forma de apoio recíproco quanto ao problema das eleições para o Senado no caso do Rio e do Distrito Federal.

A conversa que mantive com o dr. Ademar de Barros foi fecunda e há de repetir-se sempre que houver conveniência recíproca.

Como repercutiram no Partido os entendimentos com Ademar ?

Num partido de homens livres, como a UDN, é natural e salutar a divergência interna de opiniões. Ainda agora, sobre os entendimentos que tive com o sr. Ademar de Barros, o deputado Adauto Lúcio Cardoso fez restrições coerentes com a posição que sempre se adotou dentro do Partido. Em outros termos, também fez restrições o deputado Herbert Levi. Mas, o Diretório Nacional aprovou esses entendimentos, através de moção expressa, a cujos termos generosos, no que toca à minha atitude pessoal e ao desempenho que tenho dado ao mandato, se associaram em palavras de solidariedade irrestrita aqueles dois eminentes correligionários.

Fortalecido com esta confiança dos correligionários, mesmo quando, eventualmente, discordam num outro ponto, é que tenho podido dar ao meu Partido, com a correção e lealdade com que sempre ajo, todo o meu esforço para vê-lo crescer para vencer.

Poderá a UDN vir a fazer aliança com os comunistas, para fins eleitorais ?

Pessoalmente, entendo que a UDN perde mais do que ganha numa aliança eleitoral com os comunistas, razão porque a considero indesejável.

Essa opinião não exclui a possibilidade de tratar com o PCB, uma vez que o sr. Juscelino Kubitschek, afinal, cumpra sua solene promessa de fazer retornar à legalidade o Partido Comunista.

Qual a posição da UDN face ao sistema militar que mantém o governo JK ?

Entre os grandes malefícios do atual governo inclui-se o da criação do famoso "tripé", dito mantenedor da segurança das instituições, o que seria transformar as classes armadas em janízaros, a serviço de um caudilho.

Ainda agora, insistindo em manter o general Odilo Denys no comando do I Exército o governo revela o seu despreço pela nobre profissão das armas. Embora bom profissional, o general Denys nunca foi soldado excepcional, que tornasse impreenchível a sua vaga. Em condições de exercer um comando de Grande Unidade devem estar todos os generais que integram o Exército brasileiro. A honraria dispensada ao general Denys é uma diminuição para todos os outros.

E o general Lott ?

A UDN combate o general Lott em seus erros. Em debate no Senado, tive oportunidade de dizer que ele acumulou virtudes durante uma vida inteira, para lançá-las fora num episódio.

Sua atuação no 11 de novembro foi a contradição de tudo que fez e pregou em sua brilhante vida profissional. Mereceu, por isso, a nossa veemente condenação.

A UDN não procura um "cabeça de turco" para apanhar pelos erros que são muitos e de muitos. Nem alimenta ódios nem dissensões pessoais. Poupa ou ataca o general Lott, conforme sua atuação.

Qual a posição da UDN em relação às metas do governo ?

O presidente da República vai sepultar o seu plano de governo no tratamento desequilibrado que concedeu aos diferentes setores da economia do país. Exemplo: em suas famosas 30 metas só incluiu um produto agrícola, o trigo, esquecendo-se de que entre os dez principais produtos de exportação nove são agrícolas.

É a exportação que produz as divisas necessárias ao desenvolvimento industrial do país. Tendo vivido o primeiro ano de governo dos saldos em dólar proporcionados pela política econômica do governo Café Filho, já no ano seguinte deparou-se com um deficit de 240 milhões de dólares, na balança comercial exterior. Esta situação tende a agravar-se com a acumulação dos estoques de café, para os quais a "guitarra" emissionista não produz cruzeiros suficientes. Com a desvalorização da moeda agrava-se o custo de vida, levando o sofrimento e a desesperança a todos os lares do Brasil.

Não são as metas que impulsionam o progresso do país, que se desenvolve com Juscelino, sem Juscelino, ou a despeito de Juscelino.

E a posição da UDN a respeito de Brasília ?

A mudança da capital é preceito constitucional e foi idéia adotada no programa da UDN.

Mas o Partido diverge da mudança pelas condições anti-econômicas em que se processam as obras.

O presidente da República está querendo ostentar, um dia, a "glória" de ter mudado a capital do país. A mudança seria obra, em terra de gente sensata, para cinco a dez períodos de governo, mas JK, o "homem do cinquenta em cinco", arrebenta o país mas transferirá a faixa presidencial ao seu substituto no Palácio Alvorada.

Por que o senhor parou com as denúncias de roubos e negociatas no governo ? Há relação entre isso e certos acordos feitos pela UDN nos Estados ? Por exemplo: qual sua posição diante de possíveis irregularidades nas Delegacias de Institutos em Estados onde haja acôrdo entre udenistas e petebistas ?

A pergunta envolve um erro de apreciação que é preciso esclarecer. Não arrefeci jamais no meu dever de denunciar



"A participação dos udenistas em governos eleitos por outros partidos (governos Dutra, Vargas e Café) não aprovou".

roubos, negociatas e erros do governo. Cumpro e cumprirei rigorosamente e seriamente a minha obrigação de oposicionista, apesar de não encontrar ressonância no governo, que, ao invés de punir os dilapidadores dos dinheiros públicos e os traficantes de prestígio, toma-lhes a defesa, procurando inocentá-los e, com isso, estimula novas prevaricações e novos crimes.

Nenhum udenista faltará ao cumprimento de seus deveres, pelo fato de existir uma aliança estadual. Este fato é comprovado amiúde.

Ainda em recente discurso no Senado, enunciei e denunciei vários abusos do poder, que tiveram como instrumento, exatamente alguns religionários de partidos aliados da UDN na Bahia.

E ainda mais: pedi contas ao governo de sua conduta, exatamente na administração do Instituto dos Comerciantes, merecendo a total condenação udenista os erros, desmandos e crimes cometidos pelos maus administradores da Previdência Social, na União ou nos Estados.

Jamais houve acôrdo partidário estadual que obstasse ou inibisse a UDN do exato cumprimento de seu dever.

A UDN é contra a política do desenvolvimento econômico?

Alguns líderes governistas têm procurado colocar em campos opostos a UDN e o que eles chamam de "política do desenvolvimento econômico". É uma intriga que repelimos com toda energia. A UDN é favorável a toda e qualquer medida que visa ao desenvolvimento econômico do País. Aí está a sua atuação desde que se criou.

Aí está o seu combate sistemático a todas as medidas inflacionárias, que constituem, ao ver de qualquer pessoa de bom-senso, o principal obstáculo ao desenvolvimento do país.

Agora, somos contra, e radicalmente contra, e intransigentemente contra, certo conceito de "desenvolvimento econômico" que o governo difunde e explora, não a serviço dos interesses do país, mas a serviços de grupos econômicos que se cevam nas vantagens, nos segredos, na proteção oficial. Somos contra o falso desenvolvimento econômico, que favorece a especulação do café, que valoriza artificialmente os preços, que abandona a agricultura já sacrificada do interior, que manipula o câmbio dentro da linha de negócios de firmas e grupos intermediários e exploradores.

Somos contra o falso desenvolvimento econômico, que favorece a especulação do café, que valoriza artificialmente os preços, que abandona a agricultura já sacrificada no interior, que manipula o câmbio dentro da linha de negócios de firmas e grupos intermediários e exploradores.

Somos contra o desenvolvimento econômico que discrimina regiões, que prefere, a obras fecundas e objetivas, a fantasia de obras monumentais e supérfluas, que rouba regiões empobrecidas, nos planos de economia e desperdiça recursos em obras de fachada demagógica.

Somos, sim, por um objetivo, sério, honrado, e este realmente não podemos esperar do atual governo, que está servindo, apenas, de agente de bons negócios para os bons amigos.

Qual a posição da UDN face ao reatamento com a Rússia?

Preliminarmente, o problema do reatamento de nossas relações diplomáticas e comerciais com a Rússia ainda não foi devidamente equacionado. Que representação estrangeira ou qual delegado direto da Rússia já procurou nosso governo para discutir o problema? Nenhum e ninguém. Discute-se-o, pois, levianamente.

Se da discussão resultasse a decisão de restabelecer nossas relações diplomáticas, o Brasil iria colocar-se na posição de postulante, pois a Rússia nada nos pedira. Alguns comunistas

fazem, por motivos óbvios, propaganda da idéia para conquistarem um importante trampolim a ser pôsto a serviço da causa expansionista da Rússia.

Vejo muito mais inconveniências do que vantagens no reatamento dessas relações e, por isso, opinarei contra, quando houver alguma coisa concreta a discutir.

Qual a posição da UDN face à prorrogação dos mandatos? Que está por trás da prorrogação?

Dos grandes partidos nacionais, a UDN foi o único a tomar posição inequívoca contra a prorrogação. Ela considera qualquer tentativa nesse sentido um verdadeiro esbulho ao povo.

Prorrogar mandatos executivos seria tão criminoso quanto prorrogar mandatos parlamentares. Por isso o Partido é contra qualquer prorrogação de mandatos eletivos.

Qual a posição da UDN em relação à Petrobrás?

A UDN tem a Petrobrás como obra sua. O projeto do Executivo, ao chegar ao Congresso, não estabelecia o monopólio estatal para a exploração do nosso petróleo. Foi a UDN que, por decisão do seu Diretório, deliberou defender a exploração pelo Estado, sem participação de capital estrangeiro, sob qualquer forma. E esta tese foi vitoriosa no Congresso, graças, sobretudo, à aguerrida defesa dos nossos correligionários.

Portanto, em questão de petróleo, não há razão para duvidar da nossa atitude: defesa intransigente da Petrobrás, como a solução indicada, e fiscalização da Petrobrás, para que ela cumpra os seus objetivos, sem demagogia e sem desvios comprometedores.

Qual a perspectiva da UDN para 1960? Seus candidatos potenciais? O senhor é candidato potencial? Ou a UDN pensa em uma combinação em torno de um nome fora de seu quadro?

As perspectivas da UDN para 1960 vão depender dos sucessivos inquéritos de opinião pública a se processarem até lá. Entre eles, avulta o pleito de 1958. Conforme os resultados dêste e da evolução dos acontecimentos, a UDN poderá fazer crescer ou reduzir as suas aspirações. Não deve nunca disputar uma derrota honrosa, por decisão própria.

A luta para manter o "panache" do Partido, isolado, seria uma imposição de circunstâncias desfavoráveis, que nos caberia aceitar. Tudo devemos fazer, porém, para que isto não ocorra.

Temos de criar, e iremos criar, perspectivas de vitória para o futuro. Ninguém jamais trabalhou com ânimo, sob o signo fatal da derrota.

Nosso Partido possui uma galeria de candidatos potenciais, pelo valor intrínseco de cada um deles, em honestidade, cultura, inteligência, espírito público e experiência administrativa.

Minha aspiração pessoal é fazer o povo brasileiro enxergar a conveniência nacional de se dar à UDN uma oportunidade de pôr sua equipe de homens a trabalhar na administração pública, a serviço do povo. A realização dessa tarefa exclui a possibilidade de considerar-me um candidato potencial.

Uma combinação em torno de um nome fora de nossos quadros seria uma imposição dos fatos, decorrente da limitação de nossas possibilidades eleitorais.

Da próxima vez, a UDN vai "jogar p'ra cabeça", para ganhar, se possível, com um nome seu; caso contrário, com um nome consonante com a respeitabilidade de nosso Partido, mas que nos assegure uma vitória honrosa.

Nisto consiste o REALISMO UDENISTA.

HOLLYWOOD NOS SALÕES DO JOCKEY CLUB



O dr. Mário Ribeiro e d. Chiquinha foram inextinguíveis como anfitriões da linda festa.



O dr. Mário de Azevedo Ribeiro cumprimentando Marilyn Maxwell, vendo-se ainda o diretor Charles Vidor e o dr. Nelson Pessoa. Em baixo; Rock Hudson e Marilyn Maxwell divertiram-se muito, cercados pela simpatia e pelo carinho dos presentes.



NA TERÇA-FEIRA de carnaval o Jockey Club Brasileiro abriu os salões da sede para o habitual "souper" dançante que reúne anualmente a grande família turfista no último dia do reinado de Momo. E desta vez com uma nota de sensação, que foi a presença ali dos renomados artistas do cinema americano então em visita ao Brasil, Rock Hudson, Marilyn Maxwell, Van Heflin e o diretor Charles Vidor, acompanhados do dr. Nelson Pessoa, diretor de Turismo da Prefeitura. O dr. Mário de Azevedo Ribeiro, operoso presidente do Jockey Club e uma das mais destacadas figuras do turfe brasileiro, e sua esposa receberam fidalgamente os ilustres convidados, que foram cercados das maiores demonstrações de aprêço por parte dos demais diretores da sociedade e suas famílias. O dr. Mário e d. Chiquinha, esta com a sua conhecida simplicidade e simpatia, foram perfeitos anfitriões da linda festa, que marcou um grande êxito social, sendo uma das mais brilhantes e concorridas do carnaval que se foi. Van Heflin, Marilyn Maxwell, Rock Hudson e Charles Vidor divertiram-se a valer nesse íntimo contato com o alto mundo carreirista da metrópole, tendo ainda assistido, das sacadas dos amplos salões, ao desfile das grandes sociedades.

O MILIONARIO Baby Pignatary é o "partido" no momento mais disputado pelo mundo feminino. Do quarteirão do Copacabana-Palace aos quatro cantos do país, Baby é a "vedette" nacional...

NO SACHA'S, Sônia Dutra e Ilde Garavaglia quase brigaram por causa do "amor brasileiro" de Linda Christian. Sônia sentou-se na cadeira de Ilde, que estava ao lado de Baby, e Ilde obrigou-a a levantar-se...

A PISCINA do Copa parece nos velhos tempos do famoso "Clube dos Cafagestes". Pignatary liderando o grupo. Carlos Peixoto, Carlos Niemayer e Cassio França, todos em férias. Pois o trio trabalha para a organização do milionário paulista. E com a presença do "boss" no Rio, as férias durarão enquanto ele estiver na sua fase de dor de cotovelo... A mim ninguém engana: toda essa onda é pura dorzinha de cotovelo da sra. Nelita Alves Lima...

COM O "AFFAIRE" Harry Stone, Eugênio Carlos (o maior ator do mundo), Oscar Orstein e Vanja Orico, o pai de Vanja não perdeu a oportunidade de dar uma entrevista. Nunca vi gostar tanto de publicidade. Mas de nada adiantou. Vanja Orico foi mesmo convidada a retirar-se da mesa, e até agora ninguém lhe pediu desculpas, com exceção do Copacabana, que numa atitude muito "Jânio Quadros" expediu uma nota à imprensa... Nunca vi fazerem tanto barulho por tão pouca coisa...

AO QUE parece pegou mesmo a moda de se agredirem mutuamente os colunistas sociais... Vários deles foram devidamente "escovados" nestas últimas três semanas...



ADALGISA COLOMBO
Vai ver Rock Hudson... no Metro.

UMA DAS "cigarras" mais animadas da temporada que está terminando foi o general Macedo Soares, que foi visto várias vezes nas "boites", dançando animadamente em vários grupos...

A SURPRESA da semana que passou foi a separação do casal Lauro Jardim, que não chegou a completar um ano de casado. Ela é filha do casal Didu Sousa Campos.

ATÉ HOJE não está bem explicado o "Pequeno Conflito do Camarote do Baile Municipal", culminado numa garrafada que atingiu a face do sr. Roberto Moura (sete pontos) arremessada por uma jovem e respeitável senhora que entre outras coisas, também é casada, e ali se encontrava em companhia de seu marido...

AO QUE parece estão ficando em moda as anulações de casamento. Em dez meses tivemos três: o embaixador Hugo Gouthier e o sr. Baby Pignatary tiveram seus casamentos anulados pelo Papa. E também o milionário Mariozinho de Oliveira obteve na justiça carioca a anulação de seu antigo casamento... Não pelos mesmos processos, é certo.

FOI MUITO agradável a feijoada oferecida pelo senhor e senhora Samuel Wainer — os grã-finos de última hora — aos artistas de Hollywood.

E POR falar em Hollywood, as chamadas "cocktails-girls" Adalgisa Colombo e Ilka Soares já concederam entrevistas aos jornais declarando que foram convidadas para entrarem no cinema americano... O sr. Harry Stone, encerrando o tão comentado assunto, confirmou em uma roda: — "É verdade! Elas vão entrar para o cinema americano; já mandei comprar dois ingressos para o filme de Rock Hudson que está sendo exibido no Metro..."

SEGUNDO NOTICIAM os cronistas, o jovem filho do ministro José Maria Alk-mim, sr. Leonardo (Toneladilha) Alk-mim, deverá ficar noivo brevemente. A notícia em questão vem sendo publicada há cerca de um ano, quinzenalmente.

A JOVEM Miss Bangu, srta. Sônia Maria Soares Araújo, está exibindo um novo par nas "boites" cariocas. Como sempre a mamãe Araújo acompanha sua filhinha, atenta como um olho de Moscou...

A JOVEM e animada senhorita Vera Dolabela, também tem um novo par: trata-se, segundo me contaram, de um jovem alto, moreno, de bigode muito sul-americano, que lembra o tango argentino...

MIRIAM ATHALA pertence à "escolinha Ilka Soares". Em lugar dos homens se declararem a ela, é ela quem se declara aos homens, como aconteceu outro dia no Country...

As nove notas não são daqui

1. A ATIVIDADE teatral em Roma foi marcada, em janeiro último, por duas criações: "Delírio", de Diego Fabbri, e "Lina e o Cavaleiro", de Valeri-Ciprioli-Patroni-Medioli e pela "première" européia de "A View from the bridge" de Arthur Miller.

A peça de Diego Fabbri tem o clima espiritualista, comum as suas outras produções. Nesta, o autor aborda uma tese audaciosa: um amor pecaminoso leva à conquista do amor divino. O herói, ateu materialista, é casado e tem uma amante. Quando soube que esta foi acometida de uma doença incurável, fica desesperado e apela para Deus, conseguindo o milagre da cura. Ele não rompe, de pronto sua ligação com o amante, cujo amor se torna mais forte. A fé, entretanto, acaba por possuí-lo. A crítica italiana salientou a força dramática da peça, a consistência dos personagens e os diálogos densos e incisivos. Renzo Ricci foi o principal ator, bem como o responsável pela direção do espetáculo.

2. CHARLES LAUGHTON acaba de anunciar em Londres que voltará à cena inglesa depois de uma ausência de 20 anos. Decidiu montar "The Party", primeira peça de uma jovem de 26 anos, Jane Arden, ainda totalmente desconhecida, mas já prognosticada como a Françoise Sagan do teatro inglês. Laughton declarou que "The Party" foi a melhor peça que já leu até hoje. Ele será, ao mesmo tempo, intérprete e diretor da montagem.

3. O MÍMICO Marcel Marceau deixou a França em janeiro último para empreender uma "tournée" de 5 meses no Canadá e Estados Unidos (onde tem um público numerosíssimo). Marceau inventou um novo número para o seu famoso "Bip", parodiando um soldado sentinela em uma noite de inverno, transformado progressivamente em estátua de gelo.

4. ANDRÉ BARSACQ está recrutando 36 comediantes franceses para a nova peça de Félicien Marceau (o vitorioso autor de "L'Oeuf"), "Par ici, la Bonne soupe", que será encenada próximamente no Gymnase, de Paris, com Madeleine Robinson no principal papel. Essa nova obra, composta de 41 personagens, situa a ação em um cassino, onde uma mulher que perdeu a fortuna no jogo conta sua vida aos "croupiers" e jogadores.

5. ENCENANDO NA "Comédie Wagram" (Paris), "Le Petit Milliard", Gérard Nery vai lançar um desafio às leis

da aritmética. Contratou 5 atores para interpretarem 6 personagens em uma comédia que exige 11 vozes. Fato único nos anais do teatro, atuarão nos bastidores e no palco: 5 personagens permanecerão invisíveis durante os três atos, mas suas vozes serão, provavelmente, reconhecidas pelos espectadores, pois Gérard Nery pediu a grandes atores do cinema e teatro para gravarem o texto que um alto-falante difundirá nas horas necessárias.

Marthe Mercadier, esposa de Nery, interpretará nessa comédia dois papéis: Marianne e Christine, que são irmãs, mas bastante diferentes. Uma do tipo de Françoise Sagan do volante, enquanto a outra do tipo de Line Renaud da canção; a primeira usará os cabelos pretos mal penteados, enquanto a segunda os terá louros e sofisticados. Isso obrigará a atriz a alourar sua cabeleira, usando uma outra postixa para o outro papel. No terceiro ato terá que trocar seis vezes de vestimenta em pouquíssimo tempo. O cenário único será de um consultório de um médico esteticista.

6. O ESPETÁCULO composto de "A Filha de Iório", de D'Annunzio, encenado no Odeon de Milão foi muito discutido, prevendo-se um fracasso. Hoje em dia o célebre autor italiano é muito pouco difundido e a versão encenada — afirmam — estava muito distante do texto original. Isso não impediu que 30 000 milaneses assistissem a peça com entusiasmo, que depois da 50.^a representação vai percorrer várias cidades italianas.

7. O "ARTS THEATRE CLUB", de Londres, vai encenar "The Iceman Cometh", de Eugene O'Neill. Essa peça, que dura 4 horas, será dividida em duas sessões. Após a primeira, os espectadores poderão ir jantar e voltar no mesmo dia, ou em outro dia da outra semana, segundo a vontade. "Será o nascimento do teatro em folhetim?" — indaga o jornal "The Observer".

8. ANUALMENTE, EM MARÇO, o Théâtre Sarah Bernhardt é palco do Teatro das Nações, em que muitos países se fazem representar por um grupo expressivo e com uma encenação de alta categoria. A Espanha sempre foi convidada a participar desse Festival, mas em 1957 a organização ignorou-a completamente. Esse fato, embora tenha surpreendido os espanhóis, não teve outra consequência. Neste ano, entretanto, as entidades teatrais espanholas pedirão explicações caso



Charles Laughton volta ao teatro inglês.

a Espanha não seja novamente convidada a participar do Teatro das Nações.

9. ROBERT LAMOUREUX prepara nova peça do Théâtre des Variétés, de Paris: "Le Brune que voilà". Ele será autor, ator principal e diretor do espetáculo. Acredita-se que tenha sucesso de bilheteria, mas quanto à qualidade, são muito pessimistas os prognósticos.



A CADEIA FÔRA adaptada de um velho casarão. A fachada grave, antiga, quase bela, permanecia intacta e por certo já conhecera dias melhores. Porém, assim que se entrava, notava-se que seu interior recebera apressadas modificações. E depois de se passar pelo gabinete do delegado, cartório, saleta dos investigadores, chegava-se a uma ampla sala, onde haviam erguido duas paredes paralelas que transformaram o fundo da sala em quatro pequenas celas.

Na da esquerda, um assassino continuava sozinho — privilégio êsse que seu irmão pagara bem. Na última da direita, encontravam-se apenas três mulheres, por ordem expressa do delegado que fazia questão de separar os presos por sexo. Sobretudo, depois que o jornal da oposição imprimira um editorial violento focalizando a promiscuidade na cadeia.

Entretanto, nas duas do centro comprimiam-se mais de trinta presos. Eram celas de dois metros por três. Na parte posterior, um pequeno retângulo gradeado, por onde entrava o ar insuficiente. A frente dos cubículos dava para a sala, tendo duma parede a outra, e do chão ao teto uma porta de grades, fechada, com um cadeado tôsko. Dêsse modo, os presos de uma cela não podiam olhar os da outra, mas o carcereiro os via a todos, mesmo deitado na sua imunda cama de ferro, no canto oposto. Chamava-se Arruda, era um negro de aspecto sinistro, alto, magro, meio corcunda, com um olho vazado de onde corria permanentemente uma secreção, e parecia gostar do seu ofício.

Em regra a cadeia cheirava mal, porém, desde sábado, o odor que exalava dali se fizera insuportável. Quem che-

gasse, era envolvido por um bafo mórno de urina, vômito, suor, excrementos, tudo de mistura com perfume barato e lança-perfume.

Quando Zé Soldado apareceu com Abel, Arruda examinou as duas celas, abrindo aquela que lhe pareceu menos cheia, sob o protesto dos prisioneiros:

— Aqui não! — pediam. — Aqui não cabe!

O carcereiro, sem dar a menor importância, empurrou o vagabundo lá para dentro e bateu a pesada porta gradeada. Abel, que viera berrando no carro e só se calara ao entrar na delegacia, ao se ver dentro da cela, tornou a gritar:

— E Deus disse: o que fizeste do teu irmão, Abel?

— Cala a boca! — ordenaram.

— E Deus disse — repetiu-o — que fizeste do teu irmão, Abel?

vagabundo



— Fica quieto, se não te dou uma bolacha — ameaçou um negro enorme, fantasiado de índio.

Abel, sem ouvir, continuou a gritar cada vez mais alto.

— Que é que ele tem? — perguntou Arruda.

— É gira e xingou a neta do marechal — respondeu Zé Soldado notando Maria da Serra na cela da direita entre uma velha mendiga e uma mulher suja, gorda e ruiva que se distraía em tirar com a unha a casca de uma ferida.

Maria da Serra, sentada numa esteira, parecia instalada confortavelmente em casa. Quando soltavam Maria, Arruda enrolava sua esteira e, ao prendê-la novamente ele a revendia. Agora Maria usava uma fantasia de havaiana, de tiras de papel celofane branco, descalçara os sapatos prateados que lhe comprimiam os

pés colocando-os cuidadosamente a um canto da cela. No meio daquela gente inquieta, bêbeda, suja e ferida, Maria fazia um vivo contraste. Estava tranqüila, adaptada. Sabia as regras do jogo, jogando limpo, para que Arruda também jogasse limpo com ela. Prenderam-na no domingo, porque brigaram perto, e como sempre, prendê-la era uma solução que satisfazia a todos. Sairia no dia seguinte. Agora, felizmente, faltava pouco. O portaseio branco, apertando-lhe o peito volumoso, começava a incomodá-la. Das suas pernas dobradas, as tiras de celofane haviam escorregado, mostrando uma nesga de coxa escura, que Zé Soldado olhou fixamente. Entretanto, dominou-se, reconhecendo que, com a cadeia cheia, seria impossível. Falaria com Arruda para, na manhã seguinte, não soltá-la juntamente com os presos retendo-a algumas

horas a mais, que ele não deixaria de vir. Depois, pensou que seria melhor não dizer nada. Arruda deveria ter os mesmos planos. Bastaria vir no dia seguinte bem cedo.

Maria entendeu o olhar de Zé Soldado e respirou fundo, desanimada.

Seu rosto mostrava sinais de cansaço, embora limpo, e o cabelo que, volta e meia, penteava com sua travessa, olhando num espelhinho, continuava em ordem. Naquele momento, acendeu um cigarro e começou a limpar as unhas com o paizinho de fósforo, sem dar importância à algazarra incrível que Abel provocava com seus brados.

Os presos berravam, juntos, para que Abel calasse. Estavam ali porque brigaram nos bailes e nas ruas. Sentiam ressaca, o corpo dolorido, alguns encontrando-se bem feridos. Não podiam evi-

tar o mau-humor e a exaustão agravada pelo espaço exíguo, que não lhes permitia deitar, nem mesmo sentar, e era por isso que qualquer coisa os punha em estado de fúria. Mas, o que realmente doía nêles, é que cada qual tivera a sua briga e o ódio não cessara, pois haviam perdido a luta, a liberdade, o carnaval, além, naturalmente de serem presos no meio do povo, de terem sido arrastados para ali sob sopapos, cercados de olhares curiosos e às vezes de vaias. E, como se tudo isso ainda não bastasse, a maior injustiça estava ali dentro, mesmo porque quem possuía padrinho, êste se comunicava com o delegado e o prêso saía. Muitos entravam, ficando apenas uma ou duas horas. Quem não tivesse ninguém, amargaria até quarta-feira de Cinzas e alguns estavam presos desde sábado. Não seria, portanto, de surpreender que, submetidos a um tratamento de animais, se comportassem como animais.

EXCETO DOIS PUNGUISTAS que vieram de fora, com muita prática em prisões, todos os outros presos eram pequenos comerciários, lavradores, operários, empregados domésticos. Os punguistas se encostaram ao fundo, perto do retângulo gradeado e garantiam o ar. Êsses não gritavam. Sabiam que era inútil. Até procuravam acalmar os outros, receando um banho de água fria. Nas cadeias em que andaram, a técnica para acalmar os prisioneiros, era sempre a mesma. E, se tentavam apaziguar os companheiros é que sabiam estar num mesmo barco e, na hora da água iriam molhar-se também.

A negra velha habituara-se à prisão. O motivo porque a prendiam era invariavelmente o mesmo: Obstinava-se em esmolar à porta do cassino, o que era proibido, sobretudo no verão. A velha julgava-se no direito de aproveitar aquele ponto, mesmo sabendo antecipadamente o resultado. Logo ao entrar na cela, gritava, colérica, levantando o punho, vociferando maldições até cansar-se. Depois, como ninguém desse importância calava-se, acocorava-se a um canto, urinando, e defecando ali mesmo até soltarem-na. Quanto à mulher ruiva, ninguém a conhecia e até Arruda se esquecera por que a trouxeram.

O assassino da cela esquerda era um homem taciturno que dava pouco trabalho. Naquele momento sentado na esteira, ao fundo da cela, continuava imóvel, silencioso. Para vencer as suas longas noites, e ter um meio de subsistência, enquanto esperava a decisão do júri, esculpia, com um pequeno canivete, canetas e espátulas que Arruda se encarregava de vender, mediante uma comissão de cinquenta por cento. Entretanto, desde sábado, não trabalhava, pois o barulho lhe trazia uma grande inquietação.

Horas a fio, olhava as grades pensativamente. Matara a sua mulher a machadadas por ciúme, e como nunca dormisse à noite e, mesmo de dia, seu sono fôsse agitado, era muito provável que sonhasse com ela.

Durante cinco, dez, quinze minutos, a algazarra continuou sem que ninguém interviesse. Depois, apareceu um investigador grande e gordo, mordendo um charuto. O tal investigador era o substituto do comissário, que fôra com o delegado a um baile, pois segundo disseram também tinham o direito de se divertir ao menos no último dia. Aquêlê investigador era sempre o escolhido para substituir o comissário. De sua parte, gostava de substituir o comissário ou o delegado. Para êle a melhor festa era sentir-se o responsável pela delegacia. Agradava-lhe dar ordens. Tinha todo o jeito do homem que nasceu para isso. Possuía uma bela cabeça, com cabelos anelados, já grisalhos nas têmporas. Uma verdadeira cabeça de filósofo. Apenas seus olhos pequenos e cruéis, perdidos dentro de pálpebras muito gordas, estragavam a impressão primeira.

Ao chegar diante das celas, esperou, um pouco, supondo que só a sua presença fôsse suficiente para amedrontar os presos, como já acontecera nos dias anteriores. Mas, agora, os homens continuavam a pular e a berrar, empurrando Abel, de um lado para outro.

— Fiquem quietos! — gritou, batendo com o pé no chão.

— Fiquem quietos ou entram na borracha!

E ante aquela possibilidade seus pequenos olhos maus, brilharam de prazer.

— Tirem êsse doido daqui! — pediu alguém.

— Quietos, já disse seus... — o investigador soltou um palavrão.

Aquilo em vez de intimidar os presos, excitou-os ainda mais, e a vozeria cresceu, ensurdecadora. O investigador apanhou uma borracha sob o colchão do Arruda e bateu com ela nas grades. As mãos que seguravam as barras de ferro, recolheram-se, rápidas, algumas feridas e sangrando, pois a ponta da borracha, era provida de arames, com nós entrelaçados caprichosamente, cortando como navalha.

Os presos recuaram para o fundo da cela, empurrando-se uns aos outros, até onde a borracha não os alcançasse. E, sobretudo agora, furiosos, gritavam obsessões.

— Não há de ser nada — ameaçou o investigador — eu já acalmo vocês.

— É a água — disse o punguista.

— Vocês também parecem doidos — recriminou o outro. — Com polícia a gente tem que se mancar.

— Fazer peito com polícia nas grades — tornou a dizer o primeiro, balançando a cabeça, desanimado, como se estivesse presenciando a maior asneira do mundo.

— Êle não vai fazer nada — falou o rapaz louro, de macacão azul, fingindo-se calmo. — Foi embora, nada mais.

Olha, meu chapa — respondeu o punguista. — Êle só estava esperando isso mesmo. Vai ver que tu entrou aqui de gaiato.

— Duvido que êle tenha coragem. Já mandei avisar o meu pai.

— Aqui, não tem papai, não, tu vai ver só.

Ficaram na expectativa. O louro e o negro eram os únicos fantasiados. O negro depenara um peru, e se transformara em índio. Quanto ao louro, usava uma fantasia indeterminada, mas feita especialmente para o carnaval e sem outra utilidade posterior. O resto dos presos vestia apenas uma calça branca, azul, parda, uma camisa de estamparia mais berrante, e também se consideravam fantasiados.

— Doutor — gritou o punguista, vendo o investigador voltar com um balde d'água. — Doutor, a gente fica quieto.

— Agora, não adianta botar o galho dentro, não — respondeu rindo e lançou a água, misturada com urina.

Os presos encolheram-se e aquietaram-se. Mas assim que o homem voltou as costas, puseram-se novamente aos berros, gritando palavrões.

— Tudo por culpa dêle — acusou o rapaz louro apontando Abel.

Agora, não adianta chorar — disse um.

— Não adianta, porque tu quase não apanhou mijo — falou o prêto.

— Não mete a cara comigo não, ouviu, ó negro.

O prêto fantasiado de índio saltou sobre o outro. Foi um custo separá-los. Nesse momento, Abel tornou a gritar.

— E Deus disse: o que fizeste do teu irmão, Abel?

— Ó desgraçado! Tu não vai ficar quieto, não? — E o negro vibrou uma tremenda bofetada no rosto de Abel. Foi então que todos começaram a bater em Abel, vendo nêle o culpado por tudo. E o vagabundo quanto mais apanhava, mais gritava sua frase, repetindo-a alto. Sempre mais alto, como se ela, pela força da repetição, pudesse enfim entrar na cabeça daquela gente. E, talvez, quem sabe, pensasse dizer um palavrão igual àquele que gritara diante do bar e mostrara ter algum valor. Que fôra capaz, ao menos, de ofender e de espantar, porque o certo, é que Abel já não sabia o que estava dizendo.

Como a balbúrdia aumentasse, o investigador apareceu, seguido de Arruda, trazendo ambos baldes cheios. Os presos recuaram incontinente. Abel levantou-se e gritou pela última vez:

— E Deus disse: o que fizeste do teu irmão, Abel?

E sem ver as grades correu batendo com o rosto nos ferros. Levantou-se e correu de novo, tornando a bater, e outra vez, e outra mais, como um besouro, que se obstina a atravessar o vidro de uma janela. Então, sentiu as primeiras convulsões. Seus braços e pernas contraíram-se violentamente numa dança macabra e perdeu os sentidos no momento em que ouvia o próprio urro — aquêlê terrível urro de animal desconhecido — e interriçando, caiu a espumar.

HOUVE UM MOMENTO de horror. O negro trepou nas grades. O jovem louro virou o rosto, e os fantasiados de coisa nenhuma abriram um claro onde Abel se espojava. O investigador e Arruda largaram os baldes e vieram olhar. Os presos das outras celas, mesmo sem ver, sentiram que algo de muito grave acontecia, e desceu sobre a cadeia um silêncio tão grande, que se podia ouvir o ranger dos dentes de Abel.

Pouco depois, quando parecia que tudo se aquietara, o rapaz louro virando-se e vendo Abel rígido, implorou em pânico:

— Tira esse homem daqui! Tira esse homem daqui, pelo amor de Deus.

Então todos começaram a pedir para tirarem Abel dali. Uns exigiam, outros imploravam, uns gritavam, outros apenas murmuravam, uns rogavam pragas e outros pediam em nome dos santos, mas todos queriam apenas uma coisa: que arrastassem Abel. Que o levassem para muito longe. Que sumissem com ele. Diante daquela balbúrdia crescente, o investigador ordenou a Arruda:

— Tira!

Arruda abriu a porta e nem foi preciso puxar, porque os presos se encarregaram de empurrar para fora o corpo rijo de Abel. O carcereiro limitou-se a arrastá-lo mais um pouco, a fim de examiná-lo sob a luz.

— Eu acho que ele está mal -- comentou Arruda.

— Bobagem — respondeu o investigador. — Isso é ataque. Com o tempo passa.

— É capaz de dar galho.

— Dá o quê — fez o investigador com um gesto de desprezo, mas Arruda percebeu que ele ficou preocupado.

Foi nesse momento que Maria da Serra olhou. Reconheceu Abel imediatamente. Levantou-se com o coração aos saltos, tremendamente emocionada. Durante todo o tempo da balbúrdia, sentada na esteira, dominara os seus nervos. Mas agora isso já não era possível. Lembrou-se de Abel saudando-a naquela noite longínqua. Nunca ninguém a saudara com tanto respeito, tanta boa-vontade e seriedade. Fazia meses que aquilo acontecera, mas não passara um único dia que não lembrasse e não visse em pensamentos, o homem alto e magro tirando o chapéu e dizendo-lhe: "A paz seja convosco. A paz seja convosco".

Maria, segurando as grades, continuava olhando aflita, pensando o que poderia fazer por ele agora. Todos os outros presos, disputando um pedaço de grade, também olhavam. Até o assassino, erguendo-se da esteira, encostou-se às grades, e ficou contemplando Abel.

— Seu Arruda! — chamou Maria. — Por favor, seu Arruda!

O carcereiro aproximou-se.

— Chama um médico! — pediu.

— A essa hora onde é que a gente vai encontrar médico?

— Telefona! Quem sabe!

— É bobagem.

— Experimenta, que o senhor não se arrepende.

Arruda entendeu e foi telefonar. Pouco depois, voltou com o investigador, que perdera o ar insolente de dono do mundo, mostrando-se agora quase cordial. Quando falou, não se dirigiu a Maria, mas a todos, como se estivesse dando uma satisfação:

— Não tem nenhum médico em casa. Devem estar em algum baile. Isso é um ataque, passa logo.

E FICOU VENDO Arruda a examinar Abel. Receou que uma morte na cadeia viesse causar aborrecimento. Se o jornal escrevesse sobre isso, o delegado na certa o responsabilizaria. Perderia até a confiança nêle. Não adiantava se iludir. O jornal não iria perder uma oportunidade daquelas, para dizer que eles mataram o vagabundo a bordoadas. Claro que não era verdade, mas isso já acontecera ali e toda gente sabia muito bem que poderia tornar a acontecer. Ninguém acreditaria na verdade, principalmente quando lessem o maldito jornal que não teria uma palavra de amor ao vagabundo, mas de ódio ao delegado. E o delegado ia saltar fora... a corda sempre rebenta no lado mais fraco... ele é que ia entrar bem, naquela história toda...

— Arruda — disse — é melhor a gente ver se encontra algum médico no baile.

— E ele vem?

— A gente salvava a responsabilidade. Mas você tem razão, não viriam para isso. O jeito é você ir aí na frente e chamar o Augusto da farmácia.

A farmácia não funcionava, mas Augusto, improvisara na porta um balcão e, com seu ajudante, vendia lança-perfume, confete, serpentina, máscaras e gorros. Como estivesse ganhando bastante dinheiro, de início, não quis abandonar o seu negócio. O que lucraria com isso? Mas quando Arruda lhe explicou, detalhadamente, o farmacêutico compreendeu que iria funcionar como médico num caso grave. Mudou de opinião, pois não havia nada no mundo de que gostasse mais do que examinar um doente, dizer o diagnóstico, receitar...

— Vou agora mesmo — e depois de recomendar ao ajudante muita atenção nos trocos, avisou-o:

— Volto num momento — e atravessou a rua levando o aparelho de pressão arterial, sentindo-se muito importante.

Examinou Abel minuciosamente em meio de um pesado silêncio. O corpo do vagabundo já estava mole. Augusto apalpou-o na frente, depois virando-se, apalpou-o pelas costas. Em seguida, mediu-lhe a pressão e o pulso.

— Eu acho — falou enfim — que ele quebrou a espinha. A pressão está baixa e o pulso muito lento. Não sei, não — disse coçando o nariz com o punho exatamente como os médicos! — O melhor é chamar os parentes, levar para o hospital em Petrópolis.

— Ele não tem parentes — respondeu o investigador. — É um vagabundo de estrada, meio doido e nós não dispomos de transporte para esses casos.

— Eu sei — disse Augusto. — Falei por falar. Vocês queriam a minha opinião. Eu dei, só isso. — Olhou em volta e perguntou, embora soubesse muito bem. — Aonde é que eu posso lavar as mãos?

— Ali! — apontou o investigador. — E obrigado, Augusto. Você viu que a gente fez o que podia.

— Claro.

Saíram conversando cordialmente, seguidos por Arruda. O assassino, que não despregava os olhos de Abel, chamou com uma voz fina, engraçada, surpreendente num homem com seu aspecto:

— Arruda, ó Arruda!

O investigador surgiu em lugar do carcereiro.

— O que é que você quer?

— É melhor chamar um padre.

— Padre? — estranhou o investigador.

— E, como julgou salva a sua responsabilidade, sentiu-se novamente senhor da situação. — O padre foi para a fazenda — disse rindo, com jeito safado. — Está lá em retiro, desde sábado, com as filhas de Maria. A essa hora, o bacanal deve estar no auge — e, voltando-se, sempre rindo, achando uma graça enorme na sua pilhéria, encaminhou-se para o gabinete do delegado.

Os presos, quietos, fixaram Abel. Com o passar do tempo, aos poucos, foram se cansando e abandonaram as grades, acomodando-se melhor. A noite arrastava-se, penosa, asfixiante. E, quando pelo retângulo gradeado começou a surgir uma tênue claridade, o assassino que há horas não se movera do mesmo lugar, tornou a dizer com aquela voz fina:

— Ele está morrendo.

Imediatamente os outros, como se apenas estivessem esperando aquele aviso, levantaram-se rápidos, aproximaram-se das grades a olhar, atentos, quietos, esperando algo que nem sabiam ao certo o que fôsse. Maria apertava as grades e os nós de seus dedos estavam esbranquiçados da pressão que fazia contra as barras de ferro. Olhava angustiada como se quisesse transmitir a Abel um pouco de sua vida e, quando o assassino falou, ela chamou desesperada:

— Arruda!

O carcereiro veio impaciente.

— Vocês estão enchendo.

— Compre uma vela, seu Arruda. Ele está morrendo.

— Não posso abandonar a delegacia.

Maria enfiou os dedos dentro do seu porta-seios, retirando de lá umas cédulas e entregando-lhe uma nota de vinte cruzeiros, pediu:

— Uma vela pequena...

— Não posso, já falei.

Maria passou-lhe uma de cinquenta.

— Está bem, está bem, como vocês enchem...

(Continua na pág. 58)

Diálogo de Trifena e Cármides

Luciano



TRIFENA — onde se viu alguém pagar cinco dracmas pela companhia de uma hetera para depois ficar ao lado dela a lacrimejar e a gemer! Também vi que bebeste sem gosto e, embora não quisesse jantar sozinho, choraste durante todo o jantar. Agora, continuas a soluçar como um recém-nascido. Quem é a causa de tudo isto, ó Cármides? Conta-me, por favor, deixa-me tirar pelo menos este proveito da noite que hei de passar em claro ao teu lado.

CÁRMIDES — Eros (nome grego de Cupido, deus do amor) é quem me mata, ó Trifena, e não sou capaz de opor-lhe resistência.

TRIFENA — Mas evidentemente não é a mim que tu amas. Se o fôsse, não te descuidarias de mim, nem me repelirias quando procuro abraçar-te, nem colocarias, afinal, esta roupa entre nós à guiza de muro destinado a impedir que eu te toque. Mas vamos, diz-me quem é ela. Talvez possa até ajudar o teu amor, pois sei como se conciliam estas coisas.

CÁRMIDES — Tu a conheces muito bem, e ela também a ti: é uma das heteras mais faladas.

TRIFENA — Diz-me o seu nome, ó Cármides!

CÁRMIDES — É a Filemátion, ó Trifena!

TRIFENA — Qual delas? Há duas com este nome: a Filemátion deflorada há pouco, que namora Damilo, filho do chefe

de polícia; e outra, conhecida pela alcunha de Armadilha.

CÁRMIDES — É esta mesma. Ela me prende miseravelmente e tomou conta de mim.

TRIFENA — Então é por causa dela que choras?

CÁRMIDES — É.

TRIFENA — Estás apaixonado há muito, ou és apenas um calouro?

CÁRMIDES — Calouro, certamente não, pois foi na festa de Dionísio (nome grego de Baco, deus do vinho), que a vi pela primeira vez.

TRIFENA — Viste-a inteirinha, ou apenas o rosto e o que ela quer mostrar do corpo, com a prudência de mulher de seus quarenta e cinco anos?

CÁRMIDES — Ela jurou que ia completar vinte e dois no próximo mês de Elafebólion (março-abril, mês da caça ao cervo).

TRIFENA — Em que acreditarás então: nos juramentos dela ou nos teus próprios olhos? Quando estiveres com ela observa-lhe bem as fronteiras. É só nas fronteiras que ela usa os próprios cabelos: todo o resto é uma densa peruca. Quando, porém, a droga com que ela tinge os cabelos desbota, verás se não tem a cabeleira branca. Mas não é só isto; obriga-a a deixar ver-se nua.

CÁRMIDES — É um favor que até agora me tem recusado sempre.

TRIFENA — É claro! Bem sabe ela que ficarás enjoado ao ver-lhe as manchas brancas. Imagina que da nuca até aos joelhos parece uma pantera! Agora diz-me; choraste por não poderes possuí-la? Será que ela te haveria magoado ou desprezado?

CÁRMIDES — E quanto! Isto, aliás, não a impediu de aceitar de mim grandes presentes. Mas agora, como eu não pude dar-lhe as mil dracmas que me exigiu (meu pai, em verdade, é muito parcimonioso), afastou-me e recebeu Mosquio. Querendo aborrecê-la, por minha vez, mandei-te vir.

TRIFENA — Por Afrodite! Se alguém me houvesse dito que me chamaste apenas para aborrecer outra mulher, não teria vindo — principalmente sabendo que se tratava de Filemátion, esse caixão ambulante! Mas vou-me embora; o galo acaba de cantar pela terceira vez.

CÁRMIDES — Espera aí, ó Trifena! Se for verdade o que me contasta acerca da Filemátion — a peruca e a droga com que tinge o cabelo, e as manchas que tem no corpo — nunca mais poderei olhá-la.

TRIFENA — Pergunta a tua mãe: talvez tenha tomado banho com ela. Quanto à idade de Filemátion, tua avó, se ainda vive, poderá dar-te informações mais amplas.

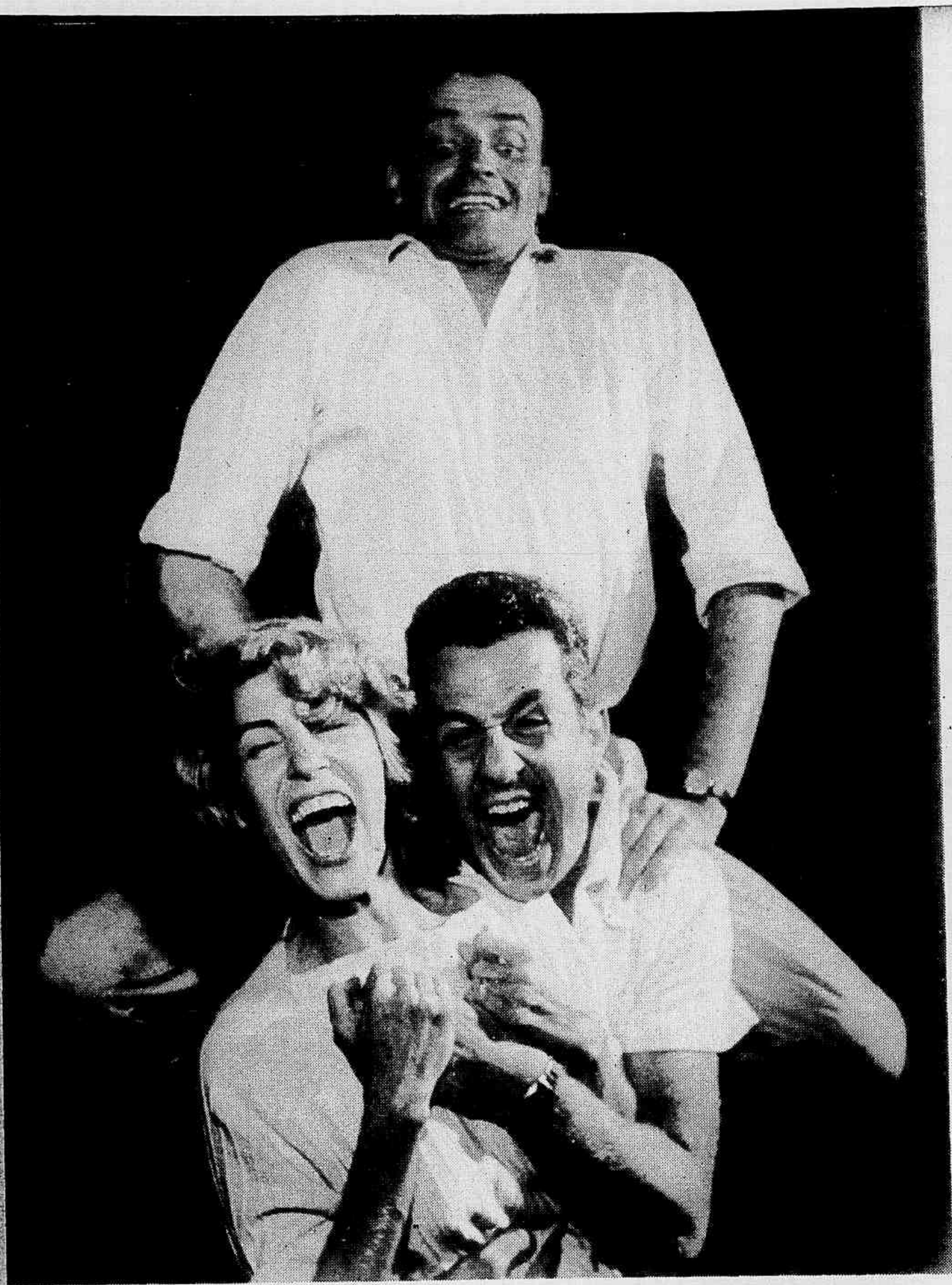
CÁRMIDES — Já que assim é, prefiro afastar este muro. Deixa-me abraçar-te! Amemo-nos e fiquemos juntos de verdade. Quanto à Filemátion, o Diabo a leve!



O SANTO



E A PORCA



Últimos ensaios de "O Santo e a Porca". Cacilda Becker (dez anos de vitórias no TBC) estreou em sua nova companhia no





no papel de Margarida, fazendo com Freddy o par amoroso da peça de Ariano Suassuna.

Do grego Plauto

A suassuna, o pau-de-arara

CACILDA BECKER ama Dodó Bôca da Noite para estreiar sua nova companhia (própria) — o Teatro Cacilda Becker — com "O Santo e a Porca", de Ariano Suassuna.

A PEÇA: escrita especialmente para TBC, é uma paráfrase de "Aululária", de Plauto, a cena em Itaperoá, cidadezinha do Nordeste. Cacilda pediu a Suassuna a peça de sua estréia e ele, depois de saber o número de atores do elenco da companhia (4 homens e 3 mulheres) escreveu-a em dois meses.

O ELENCO: Ziembinski (Euricão Engole Cobra), o velho usurário, dono da porca cujo rabo provoca uma série de transtornos; Cleide Iáconis (Caroba), caboclinha ladina que, juntamente com Valmor Chagas (Pinhão) trama as marotices; Cléber Macedo (Benona), solteirona cujo problema é



casar; Jorge Chaia (Eudoro Vicente), que resolve o problema de Benona; Freddy (Dodó Bôca da Noite) e Cacilda (Margarida), que fazem o par romântico.

A COMPANHIA: Cacilda abandonou o TBC, onde atuou dez anos como estrêla, por que achou que êle deixara de ser o que era, descambando para as concessões exageradas à bilheteria, em prejuízo da arte. E resolveu montar uma companhia própria, o Teatro Cacilda Becker. O Serviço Nacional do Teatro ajudou, a equipe trabalhou muito e o problema mais difícil — o capital — foi solucionado. Os outros (disse Valmor Chagas) são mais fáceis.

O REPERTÓRIO: o TBC ficará quatro meses no Rio, onde levará, depois de "O Santo e a Porca", "Pega Fogo" e "A Longa Jornada Para Dentro da Noite". No repertório será também incluída "Inimigos Íntimos". Depois irá excursionar pelo país: São Paulo, Pôrto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Florianópolis, Salvador, Recife, etc. Mais tarde a companhia cuidará de fazer sua própria sala de espetáculos. Por enquanto será itinerante, mas Cacilda está certa (como os outros) de que vencerá.

Memórias do que eu vi e senti - V

**“ME DÊ SÃO PAULO
E FIQUE
COM O RESTO”
DO BRASIL**



João Alberto : só queria São Paulo.

Rafael Corrêa de Oliveira

NAO HÁ PAISAGEM. Já tinha caído a noite quando o trem deixou a estação de João Pessoa e, aos solavancos, começou a rodar sobre os velhos trilhos na direção de Natal. Era uma pequena composição de dois carros e a locomotiva. No carro de primeira classe viajava o general Juarez Távora, comandante-chefe das tropas revolucionárias em todo o Norte do Brasil. A seu lado sentava-se o sr. José Américo de Almeida, governador civil da mesma região. Outras pessoas, menos conspícuas na hierarquia militar e administrativa, ocupavam assentos próximos, e eram como satélites ao redor dos dois astros, — o militar impávido, consciente da sua força, e o civil malicioso, inteligentemente ostentando a sua própria dependência. No segundo carro estavam os soldados e oficiais da guarda...

A comitiva dirigia-se a Natal a fim de empossar no governo do Rio Grande do Norte o interventor revolucionário que era o dr. Irineu Joffily, advogado honesto e pobre, homem áspero, agressivo, ultramontano. Na lógica dos acontecimentos, e na conformidade dos serviços prestados à revolução, o governo do Rio Grande do Norte caberia ao sr. João Café Filho. Mas este se exaltara na luta, tornara-se um

elemento de vanguarda, tinha fé no movimento vitorioso, e sendo um rapaz pobre, sem títulos importantes, sem tradição de cargos exercidos no passado, não podia assumir o governo de sua terra, — não devia realmente assumi-lo em nome de uma revolução distinta e conceituada como esta que o general Távora concebera e chefiava. Enfim, ao sr. Café Filho faltava compostura para o exercício da alta função.

Aliás, em Pernambuco, quase se dá a mesma coisa com o sr. Lima Cavalcanti. Fôra este a alma do movimento no seu Estado. Fundara jornais, sacrificara a sua fortuna pessoal, sofrera violências e tivera sempre a incumbência das missões mais secretas e graves. Em Pernambuco a tomada do poder se fizera com derramamento de sangue, a luta bravia nas ruas, o povo combatendo as tropas oficiais da oligarquia. Conseqüentemente, a rebelião triunfante encontrara o sr. Lima Cavalcanti no governo. No entanto, a cúpula da revolução distinta e conceituada andou à procura de um outro interventor para Pernambuco, — uma pessoa menos comprometida na conspiração, e, portanto, menos exaltada. A rebeldia dos pernambucanos, todavia, impediu a solução moderada e evitou a clamorosa injustiça... Mas, no Rio

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00
Sem mais acréscimos



Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Réde Interna)
São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»

"Mil" lhe oferece:

Aparelhos de SEGURANÇA
Contra Roubo
Todos os carros

TRAVA PEDAL
EMBREAGEM

CHAVE SECRETA-BATERIA

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6134 RIO DE JANEIRO

Só na
Mil



INSTITUTO BIOLÓGICO
DO RIO DE JANEIRO, LTDA.

Caixa Postal nº 1.202



A ASTROLOGIA É UMA CIÊNCIA POSITIVA. Todos têm épocas favoráveis em sorte, negócios, amizades etc. Porém nem todos conhecem as suas oportunidades. Conheça os meios de vencer os obstáculos da sorte enviando SOMENTE O ENVELOPE SELADO COM SEU ENDEREÇO e data de nascimento para P. EMTE — Caixa Postal, 1.141 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul e receberá grátis, e sem compromisso, a resposta do seu interesse.

Grande do Norte, Café Filho foi obrigado a capitular. Afinal de contas ele nem era, ao menos, como Lima Cavalcanti, um usineiro de alta linhagem!

O sr. Irineu Joffily, que fôra o primeiro Chefe de Polícia no governo revolucionário da Paraíba, tinha, sobre todos os méritos de inteligência e caráter, duas impressionantes condições para o posto que ia exercer no Rio Grande do Norte: era católico praticante e usava longas barbas nazarenas.

No trem, o general Távora dormitava, embora muito teso no seu uniforme de campanha. Os gestos sóbrios, as palavras medidas, quase murmuradas, em nada antecipavam o futuro orador dos comícios eleitorais, vociferando ameaças e castigando as mesas próximas.

Um silvo da locomotiva anunciou a parada que devíamos fazer na estação de Guarabira, importante cidade nas fronteiras do Rio Grande do Norte. Ai a máquina devia apanhar água e combustível para o resto da viagem.

No momento exato em que o trem parou, um oficial dirigiu-se ao general Juarez entregando-lhe muitos telegramas. Eram, na maioria, manifestações de solidariedade delirante ao ídolo das multidões, — alfas conservadas à distância para benefício da estratégia que o comandante-chefe desenvolvia. Mas entre as mensagens havia o envelope branco dos radiogramas expedidos pelo Governo do Rio Grande do Sul.

O general Juarez leu o conteúdo do radiograma, passando o papel, em seguida, aos srs. José Américo e Antenor Navarro. Depois, num gesto magnânimo, mostrou o documento ao diretor da Imprensa Oficial da Paraíba, que era pessoa muito humilde mas profundamente a par das divergências entre os autênticos revolucionários e os processos equivocados do sr. Getúlio Vargas e certos políticos do seu grupo.

O radiograma vinha do sr. Oswaldo Aranha. Comunicava o chefe civil da revolução que assumira o governo do Rio Grande do Sul, "para que o sr. Getúlio Vargas pudesse, de armas nas mãos, defender no campo de batalha o mandato que a Nação lhe conferira nas urnas".

A essa explosão de estratégia política, o general Juarez opôs um rígido comentário:

— "O Oswaldo está querendo empurrar o Getúlio. Mas parece que não vai. Se fôsse ele, Oswaldo, talvez..."

Havia nessas palavras um veto claro e formal à posse do sr. Getúlio Vargas na presidência da República. E era um veto justo às ambições do homem que traíra sempre seus companheiros políticos e revolucionários durante toda a campanha da Aliança Liberal.

Dias depois os generais depunham o sr. Washington Luís. E Juarez Távora, representando a vontade monolítica do Norte, desembarcava no Rio como um verdadeiro triunfador, sob as aclamações exaltadas da cidade inteira.

A distância, ainda na Paraíba, aguardávamos a crise que deveria abalar o governo incipiente do sr. Getúlio Vargas. Mas o que nos chegou foi uma notícia inesperada com a nomeação do general Juarez Távora para ministro da Viação. Outro acontecimento desnorteante foi a presença de João Alberto no governo de S. Paulo. Não podíamos compreender o que estava ocorrendo com os revolucionários autênticos, os chefes incorruptíveis que vinham desde 1922 construindo uma legenda de bravura e renúncia a serviço da Pátria.

Na segunda semana de novembro de 1930 chegávamos a S. Paulo e íamos visitar João Alberto nos Campos Elísios. Ele nos recebeu sem as reservas gloriosas que tornaram inacessível o general Juarez. E rindo da nossa surpresa em vê-lo no governo de S. Paulo, explicou suavemente:

— "Eu me encontrava em Curitiba quando Washington caiu. Arranjei imediatamente um transporte que me levou a Ponta Grossa, onde Getúlio estava. Tranquei-me com ele num quarto e lhe disse: — "Doutor Getúlio, me dê S. Paulo e fique com o resto do Brasil..."

Depois disso nada mais havia a estranhar. O sr. Getúlio Vargas começara muito cedo a usar os "meios hábeis" de que sempre se valeu para dividir, anular, desmoralizar e destruir os homens públicos neste país.

Mas isto é outro capítulo que nos levará a "épave" irreparável de S. Paulo, nos vagalhões da crise política, desde 1930 até hoje.



Marque um encontro
com os fatos da semana
lendo o **NOVO**

mundo
ILUSTRADO

O Brasil e o Mundo
estão semanalmente presentes nas
páginas do "Mundo Ilustrado"
através o depoimento de uma grande
equipe de reporteres nacionais e
estrangeiros.

Todo impresso em rotogravura. Maravilhosas páginas em cores.

Os melhores cronistas. Colaboradores selecionados.

assim é o novo mundo ilustrado

Organização do

Diário de Notícias



Elaine Stewart



começa V

A CAPA

ELAINE STEWART DIZ que prefere viver solitária, mas a verdade — segundo as colunas de boatos — é que nunca está só. Cliquot — seu mais constante companheiro — não deixa a moça um instante, mesmo quando ela vai tomar banho, ou dormir.

O dr. Herman Platt — seu indigitado noivo — já tentou matar Cliquot, conseguindo com isso apenas desmanchar "o noivado mais longo de Hollywood, que aliás nunca foi oficial".

Elaine gosta imensamente de Cliquot e de tudo o que ele faz. Dizem, até, que ele é seu conselheiro e que foi consultado antes da assinatura do contrato que ela fez com a Universal. Também dizem que ela fundou sua própria companhia — a Trancas — para que Cliquot possa tomar parte num filme.

Os boateiros não param por aqui e dizem mais ainda:

1. que no apartamento dela, em Beverly Hill, mesmo no seu quarto, é onde ele dorme;
 2. que na casa dela, no deserto de Palm Springs ele mordeu-a, porque ela não queria deixá-lo dormir na mesma cama que ela;
 3. que no jardim da casa dela, na praia de Malibu, os dois foram vistos várias vezes rolando na grama;
 4. que Elaine entrou de sociedade numa grande loja de roupas para que ele tivesse o que rasgar, mais barato;
 5. que ela usa seu amigo como mascote.
- Na verdade, depois que Cliquot passou a ser íntimo de Elaine ela conseguiu:

1. livrar-se de um contrato ("que estava me enterrando viva") na Metro;
2. deixar de ser uma "conservative little girl" e tornar-se uma "sophisticated and welthy woman" para os produtores cinematográficos;
3. figurar na lista dos grandes pagadores de imposto de renda (o que significa estar entre os milionários, ou, pelo menos, entre os que estão ganhando muito dinheiro).

Em tempo: Cliquot é um pêlo-de-arame de três anos, que ela ganhou no Brasil, muito provavelmente presente do sr. Ibrahim Sued, que foi, em 1955, o que Ilka Soares foi agora para Rock Hudson: um romance publicitário.



a vida nova sob o signo de Cliquot



(Continuação)

Foi até à saleta dos investigadores, e tirou uma vela do armário, voltou, entregando-a a Maria, que lhe pediu com a maior humildade de que era capaz:

— Bota no chão, ao lado dêle, e acende, "seu" Arruda.

O carcereiro obedeceu de má-vontade. Os presos continuavam espiando, certos de que deveria acontecer alguma coisa. Algo de espetacular, de assustador. Enfim, era a morte que se aproximava. Contudo, não acontecia nada. As horas pareciam não passar. O ar viciado tornava-se morno, abafante. A fumaça dos cigarros subia, e parava em volta da única lâmpada da sala, como uma pequena nuvem. Súbito, o assassino gritou:

— Ele morreu!

Maria afrouxou a tensão, deixou-se escorregar ao longo das grades até ficar de joelhos, com a cabeça recostada nos ferros, sentindo uma imensa vontade de chorar.

Foi então que o assassino, perdendo o controle dos nervos, pôs-se a berrar:

— Fecha os olhos dêle! Fecha os olhos dêle!

Os enormes olhos de Abel estavam arregalados, fixando a lâmpada com sua nuvenzinha e continuavam com uma expressão de espanto, como se mesmo depois de morto, ainda o perseguisse a última visão daquele mundo enlouquecido.

— Fecha os olhos dêle! Fecha os olhos dêle! — insistia, aflito, o assassino, e agora a sua voz fina tornava-se mais aguda ainda semelhante a uma corneta de som áspero.

— Cala a boca! — pediram. — Cala a boca!

— Fecha os olhos, fecha os olhos! — continuava, bradando como um possesso.

Maria ouvia aquela assuada como se estivesse muito longe. Como se fosse apenas o barulho do mar. Viu Arruda correr de um lado para o outro. Viu, quando, enfim, ele abrindo um jornal, cobriu o rosto de Abel. Viu tudo, de maneira vaga, distante, como se aquilo não a tocasse em nada.

Então sentiu que aquela coisa que crescia dentro dela, começava a transbordar. E pelo seu rosto triste, escorriam lágrimas. Sentiu-se melhor, pensou em rezar. Rezar como nos tempos de sua adolescência quando acompanhava a família à um velório e todos rezavam para que o morto tivesse paz. Entretanto, não sabia mais rezar. Não rezava há tantos anos, que

se esquecera. Contudo, também há muitos anos não chorava, e agora estava chorando. Procurou lembrar-se. Aos poucos, as frases começaram a surgir incompletas, até que, depois de algum tempo, chegavam inteiras, com muita facilidade, como nos seus tempos de menina.

— Ave Maria, cheia de graça — começou e, ouvindo o som das próprias palavras, encorajou-se e, levantando a voz, continuou:

— O Senhor é convosco, bendito Sois vós, entre as mulheres...

— Pára com isso! — ordenou o assassino. — Pára com isso!

— ... e bendito é o fruto... — prosseguiu Maria, sem fazer caso — do Vosso ventre: Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amem. Ave Maria...

— Não, não — gritou o rapaz louro — pelo amor de Deus, não!

— ... cheia de graça, o Senhor é convosco...

— Chega desgraçada, chega! — implorava, agoniado, o assassino.

— ... bendita Sois vós...

— Cala a boca! — berravam os outros presos. — Fica quieta!

— ... entre as mulheres e bendito é o fruto...

— Arrolha a boca dessa vagabunda! — urrava o assassino. — Taca a borracha nela!

— ... do Vosso ventre: Jesus. Santa...

O clamor recrudescera abafando a voz de Maria. Contudo, seus lábios continuavam movendo-se e aquilo lhe estava fazendo um grande bem. Sentia-se um pouco confusa, não sabendo ao certo porque rezava e chorava. Era possível que fosse por Abel. Talvez por ela mesma, por todas as humilhações que recebera, por todas as violências a que se submetera, por todos os gestos de revolta que não tivera, por todas as palavras que não chegara a proferir, por toda a sua capitulação diante do que lhe pareceu mais forte. E veio-lhe, então, naquele momento, uma esperança nova, alegre, cheia de promessas: a de que era possível lutar. Que por mais fracas que fossem as armas de que dispunha, o seu dever era lutar. O resultado, esse, não tinha importância, não dependia dela. A sua parte, o que devia fazer, era lutar, insurgir-se, mostrar as garras, ferir e ofender todo aquele que se mostrasse violento, opressor e tirano. Sim, era o que faria de agora em diante.

O cadáver do homem que estava à sua frente sugeria-lhe isso.

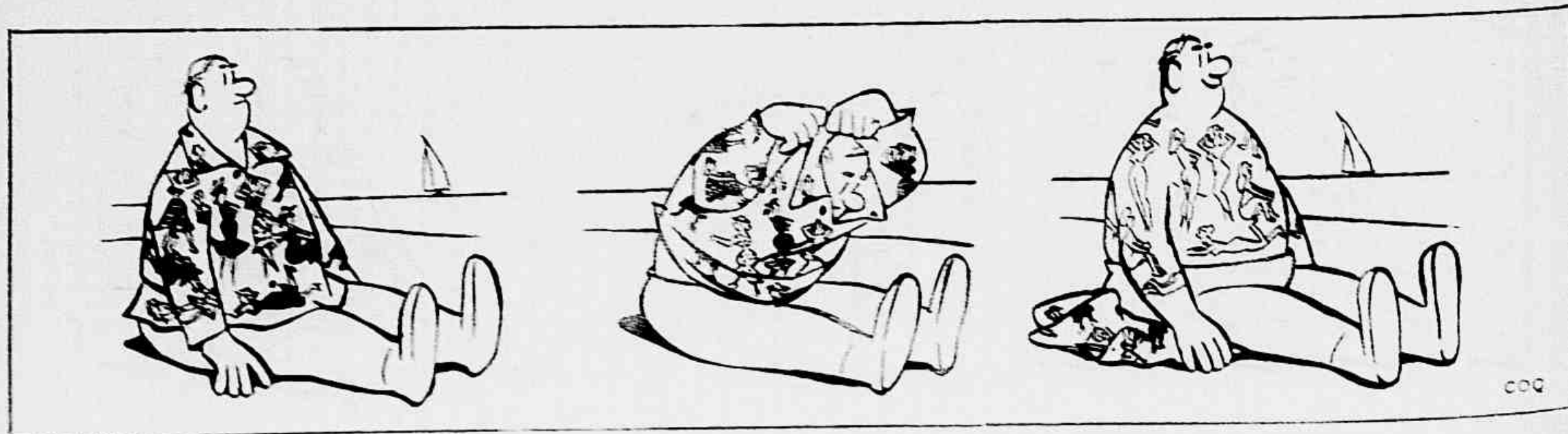
Então, elevou a voz mais ainda, dizendo a sua reza, como se fosse um canto de guerra e de libertação. Em meio a balbúrdia, não entendia mais o sentido das palavras. Sabia apenas que estava se insurgindo contra os outros. Ouvia a algazarra aumentar, frases destacadas, obsenas, ordens para que se calasse e ela — isso é que era o importante e dava-lhe aquela alegria nova, selvagem — ela não obedecia, impunha a sua vontade naquilo que considerava certo e de seu dever. E afinal tomou consciência de que, pela primeira vez, lutava. E que era bom lutar por aquilo em que se acreditava. E que tal luta trazia uma grande satisfação interior, provocava nela um conceito melhor de si própria, fazia com que se sentisse maior, mais digna, uma verdadeira criatura humana.

Quando o pai do rapaz louro chegou, encontrou o filho com a cabeça encostada à parede, vomitando no chão, em meio a um tumulto ensurdecedor. O jovem pareceu não ouvir o chamado de Arruda, e foi preciso que este o segurasse pelo braço e o puxasse para fora da cela. O velho viu, penalizado, o filho caminhando trôpego, com um braço tapando os olhos, o belo macacão de cetim azul todo vomitado. O pai aproximou-se, colocando o braço sobre os ombros do rapaz, como se quisesse protegê-lo daquele outro lado do mundo que até então escondera dêle por julgá-lo ainda muito frágil. E agora apertava o filho contra o peito, com um desejo absurdo de que ele se esquecesse daquilo como, se depois de tudo, isso ainda fosse possível. De repente, para surpresa do velho, o rapaz livrou-se do seu abraço, numa atitude de profundo ressentimento e, da porta, olhou para trás, pela última vez.

A luz rubra da aurora penetrava pelos retângulos gradeados, envolvendo tudo de um vermelho opaco, escuro, angustiante. Os presos berravam, batendo com os pés no chão. O assassino gritava, trepado nas grades, sacudindo-a como um macaco dentro da jaula, num jardim-zoológico.

Maria, de joelhos, chorando, continuava a lutar contra todos, por aquilo que julgava justo.

Imóvel, tranqüilo, naquele mundo aflito, o rapaz só viu Abel. Com os jornais sobre o rosto, a vela ao lado tremulando, quase a se extinguir, lá estava ele, deitado, quieto, em paz.



ELEITORADO DOS GRANDES EM QUARTO MINGUANTE

Nas últimas eleições presidenciais, o número de votos, por legenda, foi o seguinte:

PSD	2.933.781	31.1%
UDN	1.898.765	20.7%
PTB	1.816.008	19.8%
PSP	977.264	10.8%
PR	534.385	6.1%
PL	206.139	2.3%
PTN	202.726	2.2%
PDC	166.324	1.8%
PSB	141.912	1.5%
PRP	106.346	1.1%
PST	87.915	0.9%
PRT	65.325	0.7%

ENQUANTO VEM aumentando, de eleição para eleição, o número de eleitores no país, vem diminuindo o número de votos alcançados pelos dois maiores partidos nacionais. O eleitorado teve um aumento de 48% em 1954, com relação a 1945 e, enquanto isso, nas últimas eleições presidenciais o PSD e a UDN sofriam redução entre 9 e 5% nos votos recebidos também com relação a 1945. Isso acontece enquanto a votação dos cha-

mados partidos populistas aumenta continuamente. Estes dados influíram muito na criação da filosofia realista da UDN.

COMPARANDO-SE AS votações que os cinco principais partidos obtiveram nas três últimas eleições, verifica-se o decréscimo de uns e a ascensão de outros:

	1945	1950	1954
PSD	40,91%	32,39%	31,1%
UDN	25,46%	23,95%	20,7%
PTB	9,75%	17,55%	19,8%
PSP	—	8,63%	10,8%
PR	3,55%	4,7%	6,1%

Se nas eleições de 1945 não se realizaram coligações, já em 1950 alcançaram elas nada menos de 20% do eleitorado e em 1954 reuniram 33% dêle, o que significa que, em cada três eleitores, um votou em coligação.

O estudo da distribuição geográfica das legendas pelos 20% revela que realmente são apenas quatro os partidos nacionais (PSD, UDN, PTB e PSP). Os demais não disputam eleições em metade ou mesmo em um terço das unidades da Federação.

Fato muito importante nos últimos 10 anos de atividades políticas no Brasil, é o declínio dos grandes partidos do centro. Em Minas, por exemplo, as chefias municipais do PSD, UDN e PR concentram-se atualmente nas mãos de fazendeiros e comerciantes, numa proporção de 70% dos diretórios municipais.

Também parece haver correlação entre o declínio dos partidos do centro e o êxodo rural. Eis os números:

	População rural	Votos centristas
1945	63,75%	69,92%
1950	62,84%	52,00%
1954	60,00%	57,9%

CANDIDATOS E ALIANÇAS EM 20 ESTADOS E NO D. FEDERAL

PRATICAMENTE concluídos os acordos entre os partidos, é o seguinte o quadro eleitoral em vinte Estados e Distrito Federal:

AMAZONAS: 1. UDN-PSD-PSP. Candidato a governador, Paulo Nery, do PSP. Candidato ao Senado, Alvaro Maia (PSD).

2. PTB. Candidato a governador, Gilberto Mestrinho (PTB). Candidato ao Senado, Josué de Souza (PTB).

PARÁ: 1. UDN-PSP-PTB. Candidato a senador, Zacarias de Asunção (geral).

2. PSD-PTB (ala). Candidato a senador (do PSD).

MARANHÃO: 1. PSD-PTB. Candidato a senador, Eugênio de Baros (PSD).

2. UDN-PSP-PR-PTB (ala). Candidato a senador (do PSP).

PIAUI: 1. UDN-PTB-PSP. Candidato a governador, Demerval Lobão (PTB). Candidato a senador, José Cândido Fereira (UDN).

2. PSD-PR. Candidato a governador, Sigefredo Pacheco (PSD). Candidato a senador, Hugo Napoleão (PSD).

CEARÁ: 1. UDN-PSP-PR-PTB (ala). Candidato a governador, Virgílio Távora (UDN). Candidato a senador, Olavo de Oliveira (PSP).

2. PSD-PTB. Candidato a governador, Parsifal Barroso (PTB). Candidato a senador, Meneses Pimentel (PSD).

RIO GRANDE DO NORTE: 1. UDN-PSP (Café)-PDC-PR. Candidato a senador ainda não escolhido.

2. PSD-PTB-PSP (Ademar). Candidato a senador (do PSD).

PARAÍBA: 1. UDN-PL. Candidato a senador, José Américo (PL).

2. PSD-PTB-UDN (ala). Candidato a senador, Rui Carneiro (PSD).

PERNAMBUCO: 1. PSD-PSP-PL-PDC. Candidato a governador, Apolônio Sales (PSD). Candidato a senador, Cordeiro de Farias (PSD).

2. UDN-PTB-PSB-PSD (ala). Candidatos a governador e a senador (ainda não escolhidos).

ALAGOAS: 1. UDN-PTN-PSD-PTB. Candidato a senador (da UDN).

2. PSP-PSB. Candidato a senador (do PSP).

SERGIPE: 1. UDN-PTB-PSP. Candidato a governador, Luís Garcia (UDN). Candidato a senador (da UDN).

2. PSD-PR. Candidato a governador (PSD). Candidato a senador (PR).

BAHIA: 1. PSD-PTB-UDN. Candidato a governador (do PSD). Candidato a senador (do PTB).

2. PR-PSD (ala)-PTB (ala). Candi-

dato a governador, Vieira de Melo. Candidato a senador (PTB, ala).

ESPÍRITO SANTO: 1. PSD. Candidato a governador, Carlos Lindenberg (PSD). Candidato a senador, Eurico Sales (PSD).

2. PTB-UDN-PR-PSP. Candidato a governador, Floriano Rubim (PTB). Candidato a senador (da UDN).

ESTADO DO RIO: 1. PSD-PSP-PRP. Candidato a governador, Amaral Peixoto (PSD). Candidato a senador, Miguel Couto Filho (PSD).

2. PTB-UDN-PR-PDC-PSB. Candidato a governador, Roberto Silveira (PTB). Candidato a senador, Brígido Tinoco (PR-PDC-PSB).

DISTRITO FEDERAL: 1. UDN-PL-PDC. Candidato a senador, Afonso Arinos.

2. PSD-PTN-PR-PSB. Candidato a senador, Augusto do Amaral Peixoto.

S. PAULO: 1. PSP. Candidato a governador, Ademar de Barros. Candidato a senador, Teotônio Monteiro de Barros.

2. UDN-PDC. Candidato a governador, Carvalho Pinto.

3. PTB-PTN-PRT-PST. Candidato a governador, Renato Costa Lima (PTB).

PARANÁ: 1. UDN-PSP. Candidato a senador, Paula Soares (UDN).

2. PSD. Candidato a senador, Munhoz de Melo.

3. PTB. Candidato a senador, Abilon de Souza Naves.

SANTA CATARINA: 1. PSD-PTB. Candidato a senador (do PSD).

2. UDN-PRP-PSD (ala). Candidato a senador, Irineu Bornhausen (UDN).

RIO GRANDE DO SUL: 1. PTB-PRP. Candidato a governador, Leonel Brizola (PTB). Candidato a senador, Guido Mondin (PRP).

2. PSD-UDN-PL. Candidato a governador, Perachi Barcelos (PSD). Candidato a senador, Adroaldo Mesquita da Costa (PSD) ou Brito Velho (PL).

MINAS GERAIS: 1. PSD-PR-PTB. Candidato a senador, Bernardes Filho (PR).

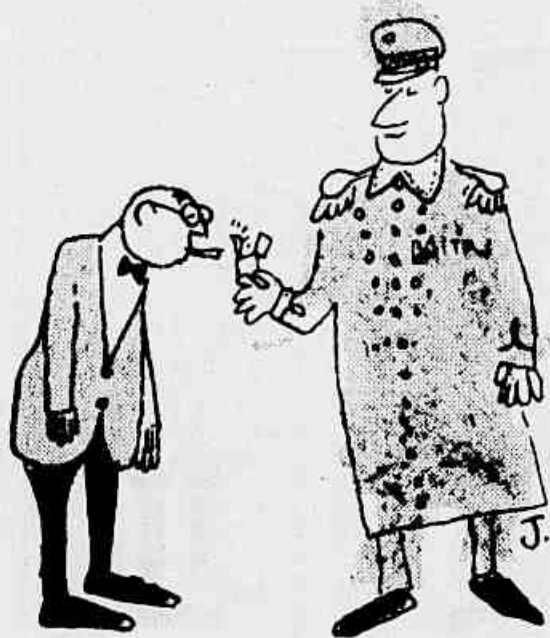
2. UDN. Candidato a senador ainda não escolhido.

GOIAS: 1. PSD-PTB-PSB. Candidato a governador, Pedro Ludovico (PSD). Candidato a senador, Iaciano de Melo (PSD).

2. PSP-UDN. Candidato a governador, Emival Caiado (UDN). Candidato a senador, João d'Abreu (PSP).

MATO GROSSO: 1. PSD-PTB. Candidato a senador, Manoel Bonifácio Nunes da Cunha.

2. UDN-PSP. Candidato a senador, Fernando Corrêa da Costa (UDN).



CÂMERA LENTA

LENDO "MOCIDADE NO RIO" e "Primeira Viagem à Europa", de Gilberto Amado (livros feitos com muito bom gosto) lembrei-me de uma porção de coisas: de "O País", grande jornal que desapareceu em 1930, depredado pelo povo em revolta. O seu título foi arrematado em leilão público pelo seu ex-redator, o jovem magro a que se refere Gilberto Amado em seu livro, que era naquela ocasião funcionário da secretaria do Senado e professor da Faculdade Fluminense de Medicina, o sr. Alfredo Neves.

O jornalista que mais aparece nas páginas do livro (Mocidade no Rio) é Paulo Barreto. E mais João do Rio, que trabalhava na "A Pátria", jornal de grande prestígio na colônia portuguesa desde a célebre questão dos poveiros, que acabou em briga com oficiais da Marinha.

Paulo Barreto morreu a caminho de casa, dentro de um táxi. Seu corpo ficou exposto à visitação pública na redação do jornal. Os motoristas de táxi ofereceram seus veículos para quem quisesse acompanhar o enterro, mas isso não foi necessário: o acompanhamento foi feito a pé da rua Chile ao cemitério de São João Batista, onde o corpo de Paulo Barreto foi enterrado já à noite.

Para substituir Paulo Barreto na direção do jornal foi escolhido o jornalista Diniz Júnior. Um dos redatores mais jovens do jornal naquele tempo era, o hoje grande ator de teatro, Paulo de Magalhães.

Outro citado no livro de Gilberto Amado: Lauro Muller, que só conheci de nome, mas conheço seus dois netos, os cronistas sociais Jacinto de Thormes e Peter.

Lauro foi alvo de grande campanha por ser descendente de alemães, isto durante a guerra de 1914. E só depois de sua substituição por Nilo Peçanha no Ministério do Exterior é que o Brasil entrou na guerra contra os alemães.

Um dia Pinheiro Machado, cuja figura é admiravelmente apresentada no livro, foi mostrar um dos cavalos que criava em sua residência, no morro da Graça, onde atualmente está no Colégio Sacré Coeur de Marie, na rua que tem o seu nome, pediu a Lauro Muller que puxasse

o cavalo pelo cabresto. Enquanto Lauro dava uma voltinha com o cavalo, Pinheiro disse para as pessoas que se encontravam presentes: "Eu gosto de ver êsses rapazes do Itamarati puxando cavalo".

E por falar em cavalos de Pinheiro Machado lembro-me de um chamado Altair, um lindo "pampa" comprado por Geraldo Rocha, que o fez seu cavalo de sela na fazenda do secretário do Município de Vassouras, no Estado do Rio. Essa fazenda existe até hoje, quase igual ao seu desenho no álbum de Debret.

Um dia Pinheiro foi à casa de Afrânio de Melo Franco e participou da reunião Virgílio de Melo Franco, jovem civilista muito exaltado. Pinheiro perguntou a Virgílio o que ele queria ser e o que pretendia estudar e ele, em pleno calor da mocidade, respondeu: "Eu ia estudar Direito, mas como quero ser político acho que não devo estudar nada".

Pinheiro, percebendo a alusão, disse logo:

— Menino, às vezes acontece a um homem ignorante fazer uma grande carreira política, mas isto é raro e precisa ser um Pinheiro Machado. Acho bom você estudar.

Não conheci Pinheiro Machado pessoalmente. Mas conheci Manso de Paiva, depois do livramento condicional, trabalhando pela candidatura Cristiano Machado em Jacarepaguá.

O repórter Edmar Morel ofereceu uma vez muito dinheiro a Manso de Paiva para que ele dissesse quem o encarregara de matar Pinheiro Machado. Ele respondeu:

— Se é para dizer a verdade, eu digo muito mais barato, embora esteja precisando muito de dinheiro.

E diante da resposta de Morel, que queria saber somente a verdade, Manso de Paiva falou:

— A verdade custa 500 mil réis. Fui eu mesmo, ninguém mandou matar Pinheiro Machado.

O CENTENÁRIO do Colégio S. Bento foi comemorado este mês, tendo à frente D. Lourenço, médico formado em 1935. O dr. Nelson de Almeida Prado foi com-

panheiro no São Bento dos monjes Dom Basílio e Dom Leão, também médicos e seus colegas de turma foram João Maria Penido e Haroldo Matos.

Dessa turma de médicos, que deu dois frades, saiu também um ator que se chama Silveira Sampaio. Ele ainda no tempo de faculdade levou uma peça sua no João Caetano. O título da peça: Reginaldo Costureiro. Depois dedicou-se à pediatria como seu tio Guilherme da Silveira, que hoje é milionário. Depois de passar muito tempo como pediatra, Silveira Sampaio resolveu trabalhar novamente como ator, que era sua vocação.

A turma de Guilherme da Silveira, que era um dos melhores alunos não deu frades (pelo menos eu não sei), mas formou grandes médicos como Agenor Pôrto e Almeida Garfield.

Entre os ex-alunos do São Bento encontramos Procópio Ferreira, que está atualmente em Portugal fazendo muito sucesso.

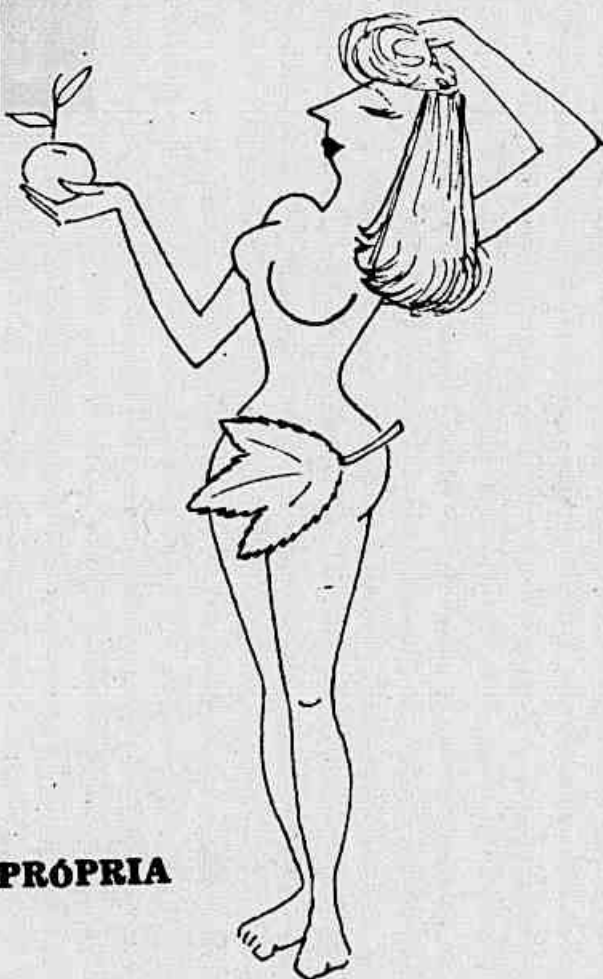
A recusa do Colégio Sion em aceitar sua filha como aluna, por ser filha de artista, provocou, na época, uma violenta campanha da imprensa, inconformada com a decisão das freiras. E a campanha começou com um artigo do próprio pai de Bibi no jornal "A Crítica", de Mário Rodrigues, pai de Nelson Rodrigues, que hoje escreve histórias de amor e crime num vespertino carioca.

A campanha contra o Sion só acabou quando um outro colégio de freiras aceitou Bibi.



AMBROZIO, O VELHO

A
MULHER



VISTA
POR ELA PRÓPRIA

PELA MODISTA...



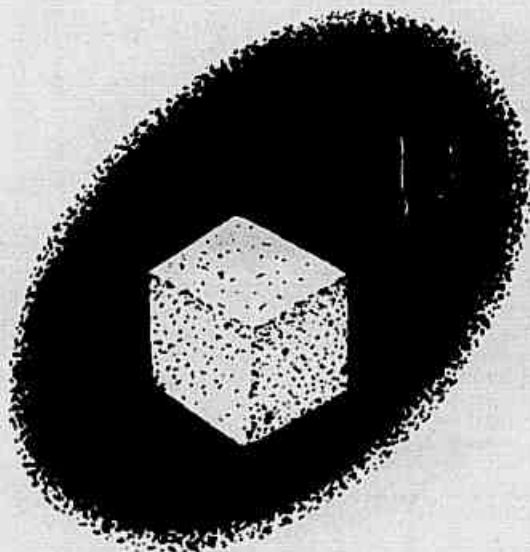
PELAS AMIGAS...



PELO MARIDO...



... E PELO AMANTE !



(torrão de açúcar)

AMBROZIO: O CRIME JÁ COMPENSA

Ambrozio abriu uma revista e viu os seus bonecos.

Mas

a assinatura não era a sua.

Matou

seus personagens infiéis,

puxou o banquinho

e

— calmamente —

começou a trabalhar

"procurando um outro boneco".

Diz êle

que ainda não achou

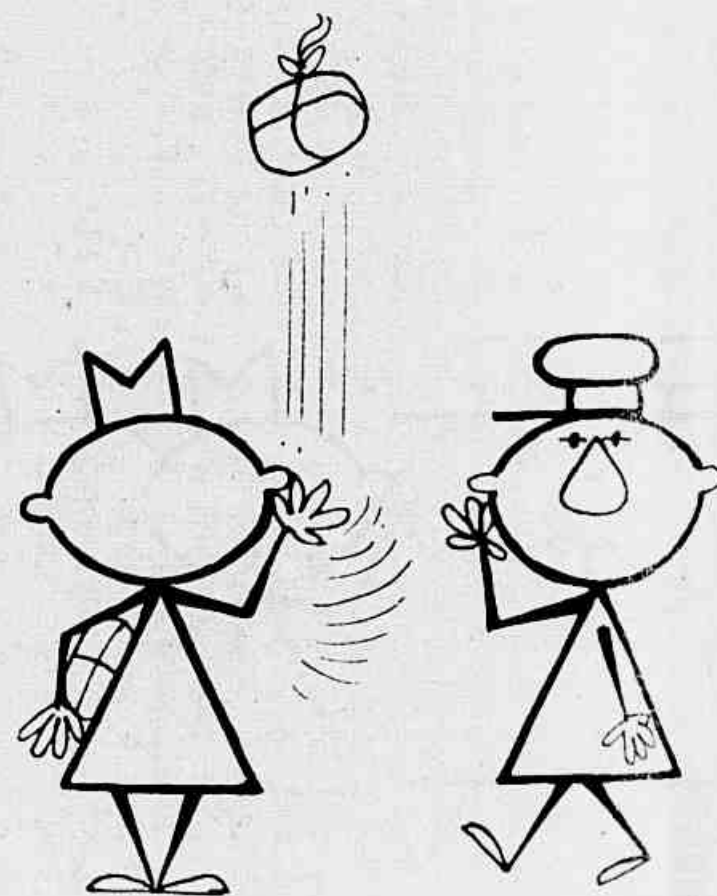
de todo

e que tem crises de remorsos.

Nós achamos

que o crime

já compensa.



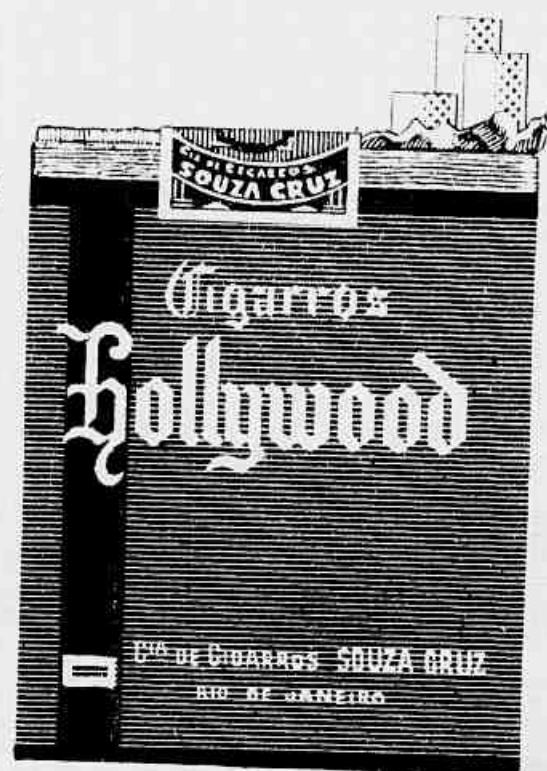
FALTAM

PAGS - 63 A 66

o céu parece mais azul...

há mais beleza em toda parte...

nós dois e

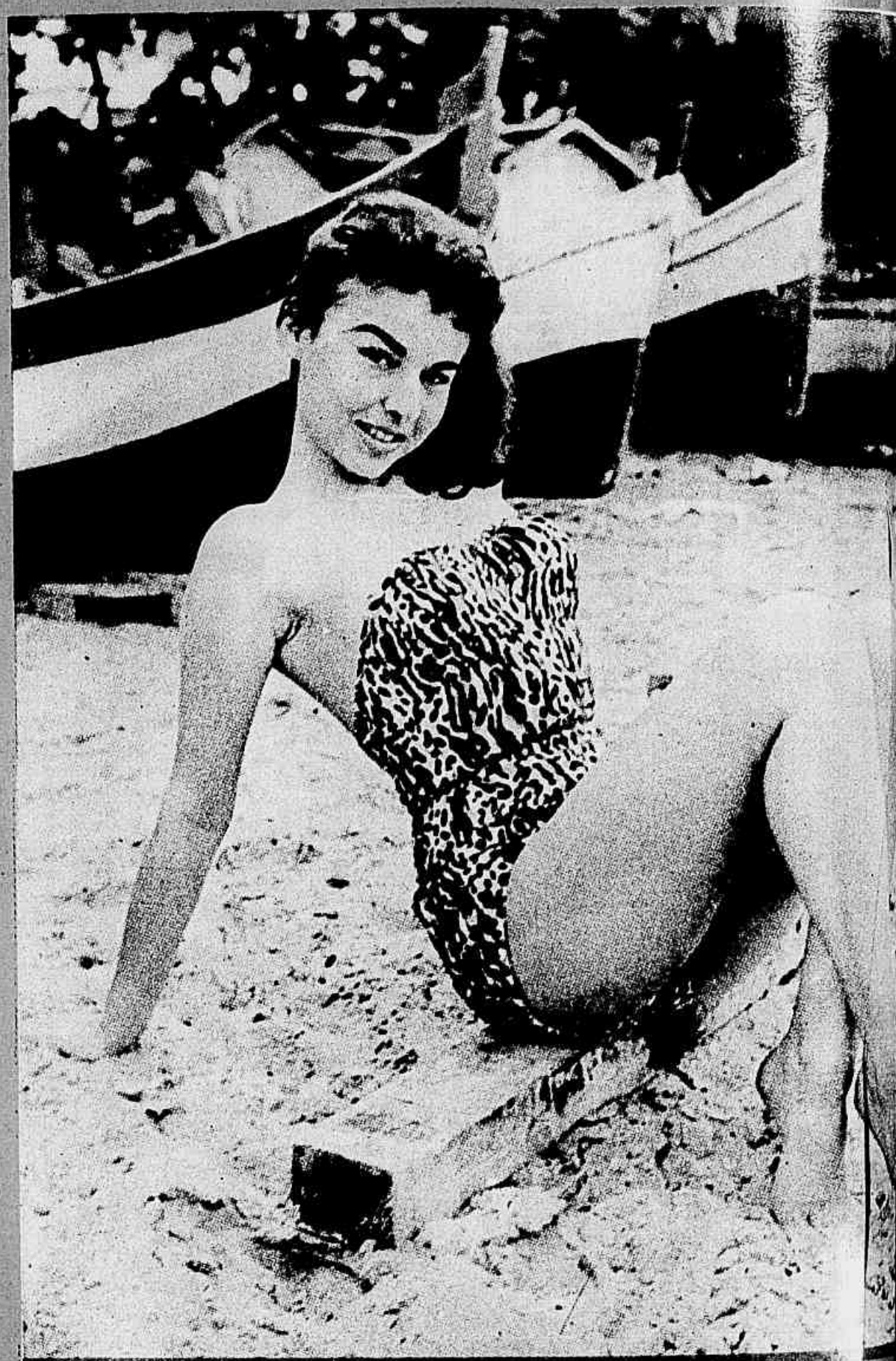
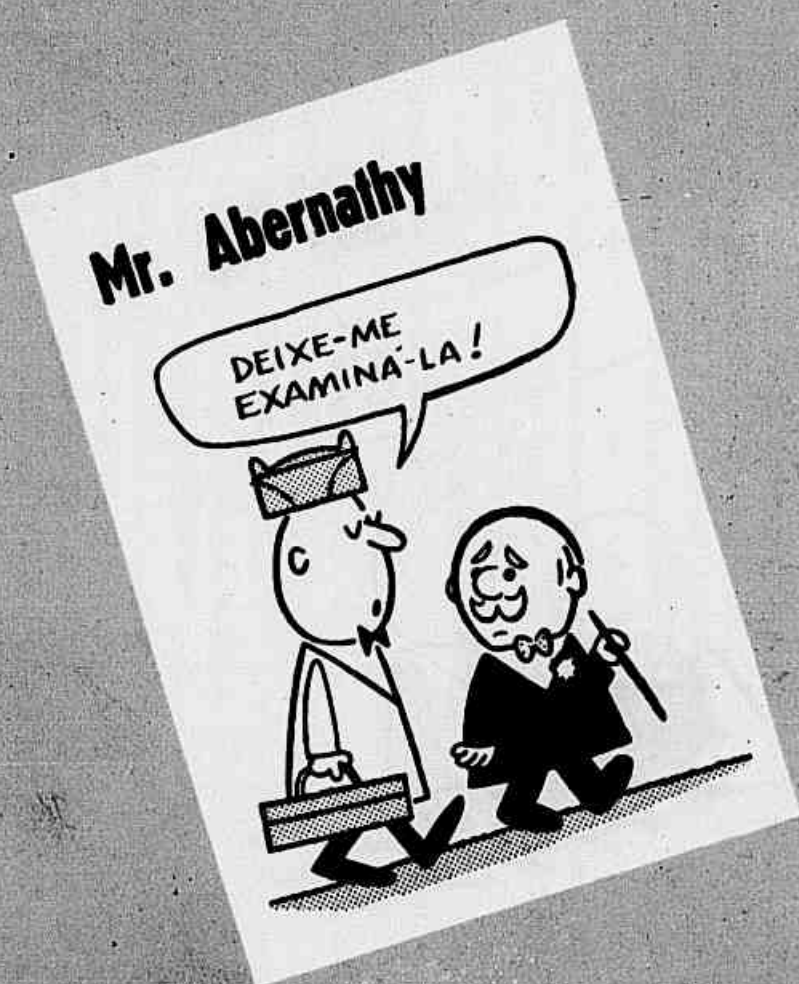


uma
tradição
de bom
gosto



**Outra apresentação
do nosso
Departamento
Especializado**

Maria Aparecida



O URSO

Uma novela de **WILLIAM FAULKNER**